

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

Leandro Bento da Silva

**SAÍDAS PSÍQUICAS PARA A VIOLÊNCIA RACISTA: análise das narrativas
étnico-raciais com pessoas negras**

Belo Horizonte
2025

Leandro Bento da Silva

**SAÍDAS PSÍQUICAS PARA A VIOLÊNCIA RACISTA: análise das narrativas
étnico-raciais com pessoas negras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Prof. Mônica Eulálio da Silva Januzzi

Belo Horizonte

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586s Silva, Leandro Bento da
Saídas psíquicas para a violência racista : análise das narrativas étnico-raciais com pessoas negras / Leandro Bento da Silva. Belo Horizonte, 2025.
123 f. : il.

Orientadora: Mônica Eulálio da Silva Januzzi
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Racismo - Psicologia. 2. Discriminação racial. 3. Psicanálise e racismo. 4. Negros - Brasil - Psicologia. 5. Negros - Aspectos psicológicos. 6. Psicologia Social. 7. Violência. I. Januzzi, Mônica Eulálio da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.922.4

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Iara Miranda Lima - CRB 6/3320

Leandro Bento da Silva

**SAÍDAS PSÍQUICAS PARA A VIOLÊNCIA RACISTA: análise das narrativas
étnico-raciais com pessoas negras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof. Dra. Prof. Mônica Eulálio da Silva Januzzi - PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dra. Jacqueline Moreira de Oliveira - PUC Minas

Prof. Dr. Omar David Moreno Cárdenas - UFBP

Belo Horizonte, 21 de Fevereiro de 2025

Este trabalho é dedicado a todos que não conseguiram achar saídas que geram pulsão de vida e a todos que seguem tentando e achando.

AGRADECIMENTOS

Chego a este trabalho pela provocação da Jacque (professora, apoiadora): “Envie seu projeto!”. Acabo de chegar no RJ, era um feriado, vim comemorar algo, ou descansar, pois o RJ é isso para mim. Medo posto, respondo um dia depois, pois RJ. Medo de não dar conta. Tô atravessado pelo adoecimento materno e vulnerabilidade do alimento e do terreno. Muito para dar conta. Sinto que não dou conta. Faço o projeto, vivo as situações racistas e escrevo com raiva (hoje, com amor também); esse é o start.

Lembro de Fabiana, professora da graduação, primeiro estágio da faculdade, sobre escrita científica. Queria fazer algo da representação social da psicanálise, não dou conta. Acordava às 04:00 para trabalhar e dormia às 01:00 chegando da faculdade. Ela me passou de semestre com o pouco que fiz, exercícios inacabados. Ela sabia o que fazia! Disse que eu era pesquisador. Tinha faro, me pediu para depois mostrar algo que tinha produzido. Está aqui, Fabiana. E todos os outros que já fiz e os que virão. Lendo o que produzi agora, três meses antes de entregar a dissertação, vejo erros graves na escrita, mas sobretudo sobre articulação de palavras e ideias. Essa escrita é fruto do desejo de salvar-me pela educação, mais uma vez, mas fruto do não dar conta constante. O medo de não conseguir manter a estrutura de dignidade que trouxe para minha família é constante, era no ato do início do mestrado e permanece. Tudo depende de mim (não é fantasia, nem desejo obsessivo de dar conta de tudo). Para não voltar à falta da comida e não morar na casa da favela que não tem laje, símbolo máximo de fragilidade, percepção que tive na análise, que, aliás, é também o que faz chegar aqui. Grato, Lucas (analista), por suportar essa transferência. Chego com medo de não ter, pois o racismo interfere, a casa alugada com laje e paredes rebocadas, e voltar para chuva que entra na casa, que pinga na testa, do calor intenso do verão que não permite ficar em pé, tem que ficar deitado no chão. O calor que matou o hamster! E parece que nos mata aos poucos. Escrevo isso hoje num apartamento que divido com uma amiga, fruto do laço amoroso que lindamente criei e crio com amigos. Grato, Cindy. Coloco a mão na parede toda hora, olho para o teto toda hora, acho que agradeço o tempo todo por estar aqui. Numa casa que não traz o relento pelos furos. E não há vulnerabilidade constante. Mas ela, a vulnerabilidade, tá ali, do outro lado da rua, na esquina - ela não fica distante, parece o latido de um cachorro que chega a centímetro de te morder, mostra o bafo, o odor do hálito animal! A quase mordida rasga a roupa, mas não te morde, mas tá ali latindo alto, com vontade de devorar com voracidade. Percebo que a escrita esteve péssima muitas vezes, agora melhorou, assim espero! Eu estava péssimo, não dei conta de ser vida no início, tinha medo das pessoas da academia, só via pessoas brancas, e eu tinha raiva. Raiva de estar ali, medo de não ser bom. Pessoas falam de filosofias que desconheço. Sabem da CAPES e sucupira

e eu com medo de voltar para o como incômodo. Voltar para lá é prejudicar o tratamento da hemodiálise da minha mãe, que se encontra cega e totalmente dependente de nós, família, e de meu trabalho e dinheiro. A cada ida ao médico são milhares de dinheiros, infinitos remédios, operações, demanda, demanda, demanda, necessidades, necessidades, desejo de morte. Ahh, esse desejo. Aparece para todos nós. A vontade de findar esse sofrimento histórico, vamos ver nessa escrita. Só não piora pois sei que a vulnerabilidade que vivemos, o do latido cão feroz, que quase morde, foi desenhada, projetada e mantida pelo colono. Fato é que me perdi e me perdia na burocracia, nos créditos; parece que não escutava o que diziam, sorte que o virtual foi possível no primeiro semestre, pois o corpo não dava conta do encontro. Medo do olhar racista. Era muita angústia. Só angústia e pulsão de morte. Logo começo a usar a bolsa institucional para pagar as contas. Lembra das demandas, demandas, necessidade, necessidade, desejo de morte? Me fez usar a bolsa para pagar a sobrevivida. Atrasos, e-mails cobrando, o cachorro quase mordendo. Jacque, querida, que me entregou o diploma de psicólogo, emocionadíssima, sabe o que acontece: não é só um sujeito desorganizado, é o negro afrodiaspórico mineiro, tentando não ser mordido, precisa usar a bolsa como manobra. Me emprestou dinheiro para não perder a bolsa; que sorte te encontrar, eterna gratidão! Desculpe os vários incômodos da fragilidade no processo, queria ter, desde o início, entregado a melhor performance, mas o cachorro/colono é impiedoso às vezes. O colegiado me chama. E aí!? O que ocorre? Minha orientadora, querida, que sorte te ter perto, Mônica, gratidão eterna também, me ajuda a dizer de tudo e solicitar algo ao colegiado. Reunião! Kind e Mônica perguntam o que acontece, explico. Kind coloca a mão em mim, primeira vez que nos vemos, fantasiei que iríamos nos ver num lugar massa, produzindo, não foi! Foi correndo do cachorro. Choro compulsivamente! Angústia, perdido, com medo. Os quatro sabiam que choro era aquele. Era o choro do negro sequestrado de África. Do pesquisador que quer falar dessa dor, e que quer não sentir mais a dor, uma aposta. A educação sempre me salva. Será que salvará mais uma vez?! Mônica diz que sim. Proponho parar por um semestre. A luz e o toque das latidas do cachorro, que me fez passar o primeiro semestre todo correndo, mas inibido, indo com minha mãe ao hospital, às upas, às clínicas, com o pescoço e corpo vermelho, era o vermelho do sangue que corria do acesso à artéria. Fruto da última internação. Foram 25 dias, um ano atrás, parece que estou lá ainda. E a incapacidade de agir com facilidade, em escrever, escutar e interagir, de lidar com a burocracia. Tanta dor, não é?! Pois é, tenhamos fôlego, pois tem mais! Fiquei uma hora indo de um lugar ao outro com ela sangrando num hospital. Tive a sensação de que ali ela partiria. E eu junto - ou pelo menos a vitalidade. As dificuldades vêm daí. Correndo do cachorro. Para além das neuroses, que são pequenas diante desse real. Medo de expor a escrita? Receio de não saber? Nunca nem vi, só queria parar de sangrar e não voltar para o incômodo. Falo de um lugar que já tenho uma carreira, tenho sucesso profissional; grato à vida por isso, mas

para mim. Para uma família que juntos somam séculos de vulnerabilidade, não. Kind me auxiliou na permanência. Que sorte. O dinheiro é sempre necessário. Deveria ser grato, mas na hora só disse: posso pensar? Queria só poder ter paz, menos angústia para entregar a escrita que eu mesmo topei produzir. Queria trancar o semestre. Na tentativa de seguir a vida. Sua sinceridade escorpiana iria aparecer, apareceu. “A vida não vai parar. Pode piorar!” Dizeres que vem de uma mulher. Ela sabe o peso do ser feminino (que desconheço) e do cachorro que late lá, também. Isso tem efeito analítico em mim. Sim, ela tem razão. Se estiver lendo isso, gratidão eterna! É verdade. Permaneci, grato ao colegiado, a essas mulheres - sim, mulheres! Só podia permanecer por meio delas. O futuro é feminino! Chego aqui! Conseguindo espantar o cachorro, um pouco, ele deve tá na outra quadra. Escuto seu latido de longe. Sei que tá lá. Afinal, estou em diáspora e a vulnerabilidade é uma sombra que não precisa de sol para ser projetada, está o tempo todo aqui. Fato é que entrego algo. Escrevi alguma coisa. Espero que ela faça valer a luta ancestral por liberdade do povo negro. Que aponte algo! Que faça coro às várias vozes, silenciadas. Aos corpos que o cachorro criado em laboratório, do racista - pois sabemos dos cachorros dóceis que queremos, perto - foram mordidos e consumidos. Que de alguma forma reverbere na criação de um mundo ideal como Karol Conka canta. E que me norteia:

“Vou te contar venho de um mundo loco Onde é permitido ser o que quiser
Cada dia um estouro, sem mau agouro Vou até onde eu puder
O céu é roxo a grama é azul
Os pássaros cantam Erykah Badu Deitar e brisar-sar-sar-sar-sar-sar-sar-sar
sar-sar-sar-sar-sar”
Karol Conka (Mundo loco)

Agradeço aos ancestrais, ao êxodo familiar das entranhas do Brasil, aos que participaram da pesquisa e a CAPES, que possibilitaram a pesquisa. Algo nasce e renasce com isto feito. Uma saída posta!

“Ele tem um jeitin”
(Expressão popular)

RESUMO

Esta pesquisa se debruçou sobre as possíveis saídas psíquicas que pessoas negras vivem ao se deparar com o racismo. Analisando o relato colhido, através das narrativas memorialísticas, feitas com quatro pessoas negras que estavam em Belo Horizonte e região metropolitana. Categorizou-se os relatos associando a teoria psicanalítica, produzindo um enlace com o que a psicanálise e os saberes das ciências humanas têm a dizer sobre raça, racismo, agressividade, violência e a cor da pele. Constatou-se que cada sujeito negro produz variadas formas de respostas ou saídas psíquicas para cada situação em que a cor da pele se torna uma questão. E, também, percebeu-se que o fenômeno da cor e os desdobramentos da raça sofrem impactos diversos ao longo da história e, conseqüente, usos coletivos e individuais peculiares do impacto da palavra preto, pardo ou negro.

Palavras- chaves: saídas; violência; raça; racismo, psicanálise

ABSTRACT

This research focused on the possible psychic outlets that black people experience when faced with racism. Analyzing the collected report, through the memorialistic narratives, made with four black people who were in Belo Horizonte and the metropolitan region. The reports were categorized associating the psychoanalytic theory, producing a link with what psychoanalysis and the knowledge of the human sciences have to say about race, racism, aggressiveness, violence and skin color. It was found that each black subject produces various forms of responses or psychic outputs for each situation in which skin color becomes an issue. And, also, it was noticed that the phenomenon of color and the unfolding of the race suffer different impacts throughout history and, consequently, collective and individual uses of the impact of the word black, brown or black.

Keywords: Psychic outputs, violence, race, racism, psychoanalysis

LISTA DE ABREVIATURAS

ART - Artigo

BH – Belo Horizonte

CAPES – Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COAB– Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ic- Inconsciente

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

GEP – Grupo de Estudos Pretos

PEPSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*

RJ – Rio de Janeiro

TCLE – Termo de Consentimento livre e esclarecido

TV – Televisão

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O esquema L	104
------------------------------	-----

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Nairobi.....	89
Tabela 2 - Adis.....	90
Tabela 3 - Joan.....	94
Tabela 4 - Botsuana.....	97

LISTA DE SÍMBOLOS

Es = S - Sujeito do inconsciente

a' -O outro

a - o eu

A- Outro

S1 -Significante

S2 - Significado

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	17
1.1 As palavras e os corpos	17
1.2 O contexto da violência racista na sociedade brasileira, raça e racismo como par .21	
2 CAPÍTULO 1 - Da hostilidade do outro com o outro à violência da raça	26
2.1 A primeira pessoa do pesquisador.....	26
2.2 Da agressividade à violência	29
2.3 O colonialismo e a urgência do decolonial	32
3 CAPÍTULO 2 - O desfazer e o refazer das narrativas: o privilégio da oralidade e o impacto da escrita.....	38
3.1 Traçado metodológico	38
3.2 Lugares de fala: vozes que reverberam histórias	46
3.3 Da palavra à linguagem	43
3.3.1 <i>Nairobi - “A nossa vivência tem que ser mais que isso”</i>	43
3.3.2 <i>Adis - “Não deixar que eu tenha nada menos que qualquer outra pessoa branca”</i>	47
3.3.3 <i>Joan - “Eu fui mobília na casa dos coronéis”</i>	55
3.3.4 <i>Botsuana - “Então essa gente tem que sonhar”</i>	79
3.4 Operadores psicanalíticos e os marcadores narrativos	80
3.5 Do totem ao nome, a identificação.....	82
3.6 Alienação, a escolha forçada	86
4. CAPÍTULO 3 - SEPARAÇÃO, A SAÍDA DAS SAÍDAS.....	99

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
6	REFERÊNCIAS	113
	ANEXOS.....	121

1. INTRODUÇÃO

1.1 As palavras e os corpos

“Macaco, cabelo bombril, neguin, palha de aço, piche, bombom, morena, mulata”. O que fazer ao escutar tais palavras? Há que fazer algo? Há um valor simbólico em começar este estudo recorrendo a tais palavras, já que elas remetem a uma experiência dolorosa compartilhada por séculos em nosso contexto nacional. Para isso, é fundamental nos atermos, inicialmente, ao impacto que sentimos ao lê-las, uma vez que este trabalho diz exatamente do que é possível fazer, psicicamente, diante das dores que se enfrentam ao ouvir essas e tantas outras violências racistas cotidianamente. Então, após nos demorarmos nas sensações trazidas a partir de tais palavras, poderemos, posteriormente, atermo-nos ao escurecimento do que elas significam e o que sujeitos negros têm feito diante delas.

Ouvidos e olhos latinos, em especial brasileiros, sabem o tom negativo que algumas palavras e cenas ganharam ao longo dos tempos. Dependendo de quem escuta, e dependendo da cor da sua pele, uma pessoa pode viver fenômenos psíquicos, individuais e coletivos peculiares. Peculiaridades que nos leva a querer saber um pouco mais sobre o impacto das palavras, da cor da pele e sobre os sentimentos que o racismo e os fenômenos raciais podem produzir, em especial sobre os sujeitos negros. Interessa-nos, também, saber se os episódios de palavras ditas e cenas vividas produzem algum tipo de resposta psíquica possível de ser analisada. Talvez uma defesa, do corpo e da mente. Tais respostas chamarei de “saídas psíquicas” diante das violências racistas. Tal experiência seria um desdobramento da lida com os imbróglios que a cor da pele pode trazer à tona.

Pessoas pretas e pardas sofrem ataques cotidianos na sociedade e têm as vidas diariamente afetadas. A naturalização destas violências e o impacto delas na vida psíquica deixa evidente que falar de dinâmicas raciais é algo urgente. Pretendeu-se, neste contexto, compreender os caminhos que a violência racista atravessa em pessoas negras, a fim de identificar as saídas psicológicas envolvidas frente às violências raciais. A partir deste tema — as saídas psíquicas da violência racista em pessoas negras —, esta pesquisa se debruça em investigar a respeito de quais são as invenções psíquicas que sujeitos negros criam diante da violência racista. Como objetivos secundários, mas não menos importantes, visou-se, também: circunscrever o contexto da violência racista na sociedade brasileira a partir de heranças coloniais e seus efeitos estruturais no que tange a aspectos étnico-raciais; analisar as narrativas realizadas a partir de autores decoloniais e contemporâneos. E, por último, circunscrever o que são as saídas e os efeitos da cor no corpo, a partir de uma discussão teórica em psicanálise.

Tal processo se dará por uma exposição teórica com um panorama sobre a compreensão de raça e as implicações do racismo para os indivíduos e para a sociedade, utilizando construtos da psicanálise capazes de auxiliar na definição das formas de se haver com o que seriam saídas psíquicas, considerando o fenômeno da raça entrelaçado com os operadores psicanalíticos da identificação, alienação e separação. Além desse caminho teórico, essencial para estruturar esse pensamento sobre raça e psicanálise, escutou-se quatro sujeitos negros por meio da técnica das narrativas memorialísticas. Tudo isso com o objetivo de extrair as modalidades de respostas possíveis diante da marca do racismo — em especial quando é aglutinada pelos efeitos da segregação/violência.

Podemos observar um interesse imenso da teoria psicanalítica, desde as lições dos escritos iniciais da história do movimento psicanalítico, pela busca da compreensão de sentimentos, emoções e representações psicológicas variadas. Com a mesma dignidade, observamos que autores contemporâneos apresentam uma avidez semelhante, com novos arranjos, pelas questões da humanidade. Considera-se, aqui, que a raça ganhou, ao longo dos tempo, um status importante como objeto de estudo. Fazendo uma ponte entre os interesses de antes com os de hoje, as questões raciais se tornou — e segue sendo — um assunto pulsante, que demanda investigação com os mesmo ares de urgência como os que Freud fazia com outros assuntos; por exemplo, o constante estudo sobre a sexualidade humana, que ocorreu para e na estruturação da psicanálise. Kilomba (2019) examina a psicanálise a partir de uma perspectiva contemporânea, considerando esse marco temporal como continuidade, e não como uma mudança homérica. Ela se concentra especialmente nas questões raciais e examina profundamente como a linguagem, o funcionamento da mente e a raça estão interligados.

Grada e Freud dão grande importância às palavras e, em consonância com eles, recorro a elas, às palavras, com os adjetivos que iniciam esse texto, sem anteparos metodológicos formais, sem introdução formal, somente com os significantes que animalizam sujeitos e corpos negros. Julgo parecer ser um bom recurso textual e estético, e que nos convoca a compreender suas insurgências para com alguns corpos — e como tais corpos e sujeitos lidam com essa realidade. Acerca do que seria significante e sujeito ditos acima, Ferreira (2002), aponta:

Significante então passa a ser definido como o que representa um sujeito, enquanto diferença, para outros significantes. E sujeito deve ser compreendido como o lugar que se produz no intervalo entre o significante. Um (S1), que é aquele que marca um sujeito, constituindo sua singularidade, e os outros significantes (S2), que têm como função representá-lo para outros significantes. (Ferreira, 2002, p.124)

Somado a esse dizer inicial, que traz palavras importantes como introdução, agora partindo de um ponto de vista imagético, metafórico, mas também vislumbrando verossimilhanças, propõe-se pensar a cena de como a população brasileira se formou no encontro forçado dos povos que já habitavam as terras tupiniquins — hoje chamada Brasil — com europeus, vindos com quereres exploratórios e comerciais, ansiando por terras outras,

para além das que estavam sobre seu domínio. O colonizador trouxe aglomeradas, em seus navios, *Naus*, como eram chamados, as pessoas sequestradas da África, na condição de escravizados. É possível imaginar as condições subumanas que esse transporte de carga — humana — tinha. Igualmente ao incômodo produzido com as palavras do início deste texto, o exercício imaginário e imagético de recorrer à cena da fundação da população que habita o território brasileiro produz um desconforto; talvez um mal-estar.

Recorrendo ao texto freudiano (1930/1976), *Mal-estar na civilização*, que inicialmente busca pela compreensão de como o mecanismo da repressão opera psiquicamente na vida dos sujeitos, e ganha ares sofisticados sobre como o mal-estar opera individualmente e coletivamente, percebe-se, também, que o sofrimento produzido nas interações sociais demandam enfrentamento constante para superação de diversos alçozes — situação que aponta para uma tentativa de saídas para uma convivência possível. Ao enveredar pelos estudos raciais, observa-se que as dinâmicas étnico-raciais operam com uma marca, uma marca do sofrimento, de uma forma muito parecida com o que o autor alemão estuda na obra citada. Sua busca por compreender o florescer da dor, da angústia quando o desejo sexual não é realizado, leva-o a perceber que isso deixa registros psíquicos, às vezes físicos, impactantes. Se partimos do princípio de que o racismo muitas vezes se coloca como um muro nas interações sociais, logo da interação sexual, pretende-se elaborar as raízes e os efeitos que os fenômenos raça e racismo produzem na sociedade e nos sujeitos individualmente.

Recorrer ao texto de Freud é interessante, uma vez que este discorre sobre o sofrimento humano por meio de uma perspectiva multicausal. Assim, ao resgatarmos tais reflexões, é possível elaborar sobre o encontro forçado dos povos africanos, indígenas e luso-brasileiros, percebendo uma nuance dolorosa presente em vários níveis - e, com isso, a construção do povo brasileiro se dá, também, pela via do sofrimento.

Ainda em Freud (1938/1969), após a análise dos mecanismos de repressão sobre o desejo, o autor chega às postulações do superego e suas profundas relações objetivas e subjetivas sobre o comportamento humano, em especial sobre as dinâmicas de dominação, horror e dor.

Pode-se presumir que os impulsos de crueldade surgem de fontes que são, na realidade, independentes da sexualidade, mas, podem unir-se a ela num estágio prematuro (Freud 1938/1969, p. 78).

O autor conecta a crueldade a fontes de autopreservação, teoria que se altera ao longo das suas investigações e chega mais à frente a correlação entre instinto ou pulsão de morte, com dor, sofrimento e agressividade, especialmente na dinâmica de um ser para com o seu próximo. Algo em torno das interações sociais, do coletivo, embasado pela via da hostilidade, mas que não exclui a vida anímica de cada indivíduo, e que gera mal estar. “É óbvio, portanto, que o *Mal-estar na civilização* é uma obra cujo interesse ultrapassa bastante a sociologia.” (Freud 1938/1969, p. 80).

No início do texto, o autor se debruça sobre a tentativa de circunscrever os impactos da gana por poder. Ele argumenta que podem surgir avaliações equivocadas quando se reduz toda hostilidade à busca por poder ou a um movimento vazio. Ele assegura que há um tom reducionista nisso. Afirma: “[...] ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental.” (Freud 1938/1969, p. 81).

Nesse sentido, ao perceber que a vida mental é perpassada por variados impactos, e entendendo que o racismo é algo em torno disso — ou seja, fenômeno que gera mal estar, marcado pela dor do coletivo e que diz respeito à vida anímica particular de cada sujeito — parece importante dizer um pouco mais sobre sua construção social, não distanciando as implicações psíquicas. Podemos perceber que há algo anterior do ponto de vista psíquico em jogo quando falamos sobre racismo; isso seriam as questões particulares de cada sujeito no desenvolvimento do seu corpo e mente e que participam do racismo como um produto, já visto como biológico, mas, hoje, visto como uma teia complexa de fatores estruturantes.

Quando recorremos à imagem do encontro dos povos, e a algumas palavras relevantes em sociedades latinas, em especial no território sul americano, temos evidentemente uma “mistura” de povos - o que mais tarde ganhará denominação científica, que Gilberto Freyre (1957) chama de “miscigenação”. O autor dá um tom pacífico, admirável e até romântico a este encontro de indivíduos que perdura por muito tempo. Tal construto se baseia na tentativa de descrever uma nuance positiva, quase amorosa para tal “encontro”, que, ao meu ver, se tratou, na verdade, de um grande desencontro de povos. No entanto, Costa (2002) afirma que a teoria freyreana se trata, de fato, de um mito; um mito benevolente de garbo e elegância atenuadora de mal-estar, a serviço de alguns, e que não abarca a crueldade e intensa contribuição para o racismo se estruturar.

A cena do desencontro dos povos é nossa pedra fundamental para tentar compreender saídas que sujeitos negros encontram para lidar com a violência que enfrentam de forma cotidiana, desde os primórdios desse país continental. O autor relata que Florestan Fernandes (1976) denuncia essa concepção mítica da formação original pitoresca, leve e romântica, e relata que a criação desse imaginário fora e é maléfica. Anos à frente, o movimento negro denuncia e reivindica outro olhar sobre isso, o olhar de quem foi vilipendiado, de quem foi posto como objeto a ser civilizado, não humanizado. A leveza da mistura das raças não existiu e produziu uma forma única de condição para pessoas negras, uma espécie de aceitação forçada, condicionada à sobrevivência subalternizada, próximas dos usos comuns que as palavras do início do texto trouxeram: “macaco, cabelo

bombril...”

Ao longo dos anos, e dando um salto temporal considerável, ao analisar as interações marcadas pela narrativa de quem tem poder sobre discursos, capital e direitos — a branquitude —, percebe-se que a ideia fantasiosa da miscigenação bonita cria uma identidade nacional que se intensifica na ditadura militar, momento em que há uma busca por tornar o discurso militar universal, um sujeito cívico, o que acaba por instaurar ainda mais uma falácia da convivência harmônica entre negros e não-negros. Tal falácia é atravessada pelo pensamento colonial, da chama atroz da conquista dos povos, em nome de um ideal do colonizador. Ou seja, analisar os desdobramentos das questões de raça são sempre urgentes e pungentes.

1.2 O contexto da violência racista na sociedade brasileira, raça e racismo como par

Na perspectiva da ação do tempo e a raça, Costa (2002) afirma que a violência dá o tom. Aponta, inclusive, que a verve das revoluções europeias incitaram intelectuais, médicos, legisladores e outros sujeitos, inclusive no Brasil, a disseminarem o pensamento europeu como pensamento padrão. Da revolução francesa, com o lema “igualdade, fraternidade e liberdade”, até a atualidade, aparece uma ideia delirante de uma nação única. Isso produz, como um desdobramento, a efervescência do pensamento pacífico das raças, no Brasil isso tendeu e tende a excluir, por exemplo, no que tange às racionalidades, a singularidade que a cor da pele produz, no direitos e na capacidade de sobrevivência para determinados povos. Assim, perpetua-se uma única saída: a noção de negros como animais, objetos ou qualquer coisa do desprezível, impedindo a possibilidade de saírem dessa condição desumana.

A autora Lilian Schwarcz (2017) constata que, somado aos pensamentos filosóficos que efervesciam os europeus desde o século XX até o início do século XXI, a elite pretendia universalizar a forma de viver. A intelectual fala sobre como o modernismo pintava uma vida eugenista e aristocrática. Se voltarmos à imagem do encontro dos povos, a ação da linguagem, o uso das palavras para caracterizar pessoas, os multi movimentos apregoadores do embranquecimento, e agora recorrendo ao movimento modernista nos anos 20 e 30, percebe-se que a denúncia de Schwarcz auxilia na percepção de enquadramento do racismo como algo a não ser elaborado, próximo de uma negação do que está posto. Isso ganha reforços e operadores históricos, assim como ideações de intelectuais que pensam arquitetura, literatura, filosóficas e outros saberes.

Os negros estão, em sua maioria, nas favelas das cidades. Também são os maiores números das pessoas em situação de rua, os que mais morrem em acidentes e, certamente, os que mais são descapitalizados. Esses cenários são resultantes da violenta formação do “povo brasileiro”, mas também da presença — nas entranhas do desenvolvimento do país —

dos pensamentos eugenistas que sempre imperaram aqui. Schwarcz (2017) recorre à presença, por exemplo, das produções literárias de Monteiro Lobato, fortemente alicerçada por ideias racistas, e que teve, ao longo dos anos, grande disseminação nas escolas. A leitura de Lobato, por vezes, era obrigatória. A autora aponta que o negro, em suas obras, aparecem objetificados, sempre com papéis animalizados.

Nas heranças coloniais oriundas do discurso que atravessou a construção psíquica das relações raciais no Brasil, encontram-se as invenções produzidas pelo sujeito diante de violências racistas. Neste sentido, para efeitos de contextualização e maior compreensão, é importante destacar o olhar para a história do Brasil, com atenção e criticidade.

Há, ao tocar na história, processos, leis, marcos e ações que contribuíram para que as relações étnico raciais fossem marcadas por tantas mazelas. O olhar para negras e negros, enxergados como seres virulentos ou não dignos de direitos, criou dinâmicas coletivas e individuais perversas nas interações sociais, o que podemos perceber desde o Brasil Colônia e Império. Segundo a escritora literária Ana Maria Gonçalves (2022), à época da Colônia, existia uma prerrogativa em que, caso negros quisessem ser alfabetizados ou de alguma forma quisessem ocupar cargos públicos, que não fossem os trabalhos oriundos da escravização, precisavam pedir licença, ou perdão pela cor que tinham, junto à colônia. Era uma licença em função de um "defeito", ou seja, tais pessoas tinham um defeito de cor. Há, ainda, na produção literária de Ana Gonçalves (2022), relatos sobre a experiência de negros andarem pelas ruas das cidades com a necessidade de carregarem carta de alforria ou com documento atestando que tal escravizado era de determinado dono, entre outras ações que controlavam tais corpos, e certamente os precarizava.

Cenários como estes parecem reverberar na história da sociedade brasileira, criando um ambiente ideal para que a cor se torne algo negativo para o sujeito e para o coletivo. Reis (2000), ao dissertar sobre as obras freudianas, afirma que "O ideal-do-eu fornece ao indivíduo um modelo a partir do qual seu psiquismo vai se estruturar; um modelo ideal, perfeito ou quase, que recupere o narcisismo original perdido" (Reis, 2000, p. 64). O Ideal-do-eu seria uma operação lógica do psiquismo que, para a psicanálise, participa dos processos inconscientes de constituição do sujeito, que tem a ver com as situações de identificação que acontecem na formação primária dos sujeitos e os estruturam. Determina como cada pessoa vai se haver com autoestima, relação com corpo, laços sociais e outros fatores.

Refletindo sobre os vários ataques direcionados aos corpos não-brancos, podemos pensar que há uma afetação, da marca do negativo, em tudo que se relaciona com a negritude, desta forma a passagem pelas ideias, ou nisto que são processos de percepção de si, se tratando de negras e negros, fica definhado. Observando ainda mais as dinâmicas sociais, recorro, como material de pesquisa, a algumas legislações, pois elas dão mais

sustentação e permitem pensar a dimensão institucional e institucionalizada da violência — uma vez que elas determinam, inclusive, o curso da democracia que vigora hoje em nosso país. A Lei Eusébio de Queirós, por exemplo, datada de 04 de setembro de 1850, promulgava o término do tráfico negreiro e sinalizava a abolição da escravidão no Brasil. No mesmo ano, é promulgada a Lei de Terras, nº 601 de 18 de setembro de 1850. Essa foi a primeira iniciativa com fins de organizar a propriedade privada no Brasil. Não sendo uma simples coincidência, uma determina o fim da comercialização dos corpos negros e a outra diz tentar organizar terras para algumas pessoas. Anos passam-se e outra lei aparece, a Princesa Imperial Regente, em Nome de Sua Majestade o Imperador o D. Pedro II:

Faz saber a todos os súditos do IMPÉRIO que a Assembleia Geral Decretou e ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1º - É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil. Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário. (Brasil, 1888).

A monarca então decreta o “fim” da comercialização escravista. Podemos interrogar se tais legislações operam em sujeitos negros ainda hoje e, também, de que maneira isso se dá? Não há dúvidas. Sabe-se que há reverberações da violência racial/colonial nas dinâmicas sociais atuais, no que tange aos aspectos meritocráticos, sexistas, econômicos, psicológicos e outros. Sobre alguns destes aspectos, encontramos estudos eugenistas de médicos como Nina Rodrigues e Cesare Lombroso, que definem um tipo de sujeito, o sujeito suspeito, ou “criminoso nato” em relação a pessoas negras, sustentado a partir de perspectivas ligadas a uma noção de periculosidade, característica físicas que curiosamente são fenótipos negróides, conforme aponta Costa (2023). Exemplo disso são teorias científicas oriundas desde o final do século XIX e no início do século XX, tal como escreve Santos et al. (2012), que criaram elementos que constituem o negro como sujeito psicológico. “Criminoso nato” dizia respeito a pessoas negras que seriam mais propensos a crimes e “vadiagem”.

Há aqui a importância de falarmos sobre a racialização de pessoas brancas, as não-negras, levando em consideração essa dinâmica em que alguns são particularmente afetados e outros são mais preservados, a partir de um sistema de privilégio institucionalizado. Há, ao longo da história brasileira, um processo chamado branqueamento, que caracteriza tais pensamentos e ações.

Nesse debate de ideias, a miscigenação, um simples fenômeno biológico, recebeu uma missão política da maior importância, pois dela dependerá o processo de homogeneização biológica da qual dependeria a construção da identidade nacional brasileira. Foi nesse contexto que foi cunhada a ideologia do branqueamento, peça fundamental da ideologia racial brasileira, pois acreditava-se que, graças ao intenso processo de miscigenação, nasceria uma nova raça brasileira, mais clara, mais arianizada, ou melhor, mais branca fenotipicamente, embora mestiça genotipicamente. Assim desapareceriam índios, negros e

os próprios mestiços, cuja presença prejudicaria o destino do Brasil como povo e nação. (Bento, Carone, 2003, p. 12)

O branqueamento é uma herança cultural e determina dinâmicas de poder, responsável, por exemplo, por manter pessoas negras condicionados a lugares subalternos e pessoas brancas a acessarem melhores empregos, melhores casas, remuneração digna e, certamente, a poderem transitar na sociedade sem a marca de ser um sujeito criminal. Esta dinâmica, embasada pelo poder, direciona a pesquisa para a compreensão de certo tipo de pacto racial, o pacto narcísico da branquitude.

...isto é, um pacto entre pessoas do mesmo grupo, no caso, os brancos, em não falar de racismo, não apontar os privilégios que o racismo deixa para os brancos, e não responsabilizar o branco pelo passado e pelo presente de discriminação. (Santos et al. 2012, p. 173)

Este fenômeno dual, branqueamento e pacto narcísico, atravessado pela brancura, institui um sistema, ou um lugar de privilégio. Através desta ideia chegamos ao que escreveu Cardoso (2010), quando nos apresenta o conceito de branquitude: “a branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (Cardoso, 2010, p. 611). Os privilégios de uns, em detrimento de outros, criam um molde social perpassado por sentimentos de agressividade e hostilidade. Ao que diz respeito às consequências da hostilidade, Ferrari e Pereira (2016) relatam:

Os sentimentos de aversão e hostilidade, presentes em toda relação com o outro, podem se apresentar sob a forma de ambivalência afetiva para com os que amamos; de manifestação narcísica aversiva aos que nos são estranhos; ou de um “narcisismo das pequenas diferenças”, que se evidencia nas relações de proximidade. (Ferrari; Pereira, 2016, p. 206)

A partir de Ferrari e Pereira (2016), considerando a aversão, hostilidade e proximidade, e, mais ainda, pensando em como a cor define lugares sociais e estruturais, constata-se que um sistema de segregação se impõe. A cor dos moradores de favela, no que tange sua maioria nos faz pensar, também, sobre a cor dos moradores dos apartamentos luxuosos e condomínios no território brasileiro, por exemplo, são racializados, indiscutivelmente.

Comumente, empregadas domésticas, jardineiros e outros trabalhadores de mão de obra e prestadores de serviço, frequentam lugares ocupados pela branquitude, para trabalhar. O contrário, possivelmente, não se coloca.

Ao recorrer a psicanálise mais uma vez, podemos nos ater ao termo de segregação para compreender tal fenômeno de estratificação, em que o sujeito branco é o padrão, merecedor de todo poder, e o povo negro, alguma coisa da ordem do contrário. “Esse ideal universalizante e uniformizante, encontrado nos “impasses da época” – época de todos iguais, e/ou para todos” – tem, como contrapartida, um efeito crescente de segregação.” (Ferrari, Pereira, 2016, p. 208) Ou seja, existe uma estrutura pela qual, quanto mais se encaminha para o universal, mais se segrega o particular. “O particular refere-se ao que resta denegado, recalçado, à função estruturante da falta do outro; é a castração, o mal-entendido que porta cada um dos falantes que somos, desde o nascimento.” (Ferrari & Pereira, 2016, p. 209)

O psicanalista Jacques Lacan (1964-1988) aponta que o primeiro gesto da criança que possibilita o intercâmbio de significantes se dá pelo grito. Ao gritar, existe um Outro que acolhe, que apazigua, mas também introduz ao mundo da criança a relação com o objeto hostil. Em se tratando das dinâmicas raciais, frente à questão das violências que dizem respeito à raça, muito interessa entender quais são as saídas. No *infans*, esse grito surgia frente ao objeto hostil, operando uma resposta. No caso do racismo, considerando a hostilidade que pessoas negras podem vivenciar, talvez o grito possa ser de outra ordem: um grito para impedir o racista de proferir asneiras, ou mesmo o silêncio, por exemplo.

2. CAPÍTULO 1 - Da hostilidade na relação com outro à violência da raça

“Era um cômodo incômodo Sujo como o dragão de komodo
Úmido, eu homem da casa
Aos seis anos
Mofo no canto, todo
TV Engodo pronto pro lodo Tímido, porra!” (Emicida,2013)

2.1. A primeira pessoa do pesquisador

Uma pesquisa acadêmica sobre racismo, como denuncia Kilomba (2019), está sempre sujeita a muitos questionamentos. Um deles é saber o motivo que leva muitos pesquisadores nesta temática a sustentar sua investigação evocando a própria pessoa do pesquisador, quando ele mesmo vive a experiência da qual denuncia. Uma maneira de responder a isso é a importância de afirmar que o negro, enquanto pesquisador e não objeto de pesquisa, pode falar por si, ao invés de ser falado. Autores que falam sobre o contexto da pretensa neutralidade científica rechaçam aqueles que elegem uma linha metodológica que rompe com a impessoalidade do pesquisar. Para mim, no entanto, faço esta opção por entender que a voz que aparece em primeira pessoa reverbera a muitas outras. Neste sentido, transitarei na escrita desta produção variando no uso dos pronomes, entre primeira e terceira pessoa, sem o intuito de desmerecer a gramática, ou a chamada língua culta, mas orientado pelo fato de ser um pesquisador negro, ciente de que, historicamente, este espaço da escrita não nos foi acessado.

Logo de início, e ao longo das orientações realizadas para a elaboração desta pesquisa no programa de pós-graduação, entendeu-se que esta via seria possível, e, mais ainda, necessária, por ter um valor simbólico relevante. Isto posto, gostaria de iniciar esse tópico a partir de uma experiência que vivi em uma das atividades desenvolvidas no próprio Mestrado, por ocasião de ser convidado a apresentar meu projeto de pesquisa que, mais tarde, se transformou nesta dissertação. Naquele momento, o projeto ainda era uma produção, até então inacabada. O convite consistia em apresentar as ideias iniciais que se tinha até então, para que dois colegas, escolhidos previamente, pudessem propor alguns comentários, no sentido de contribuir com a elaboração da pesquisa. Dos comentários

propostos, por dois psicanalistas brancos, figuras interessantes, muito afetivas até, sobressai-se um tom acadêmico com exigências peculiares que não passa despercebido, duvidou-se do caráter científico do texto do projeto apresentado, questionando sua almejada coesão, coerência escrita e metodológica. A fala sobre a qualidade do texto — que tinha questões importantes para serem revistas como gramática, coesão e coerência — não é qualquer dizer; tem um porquê. Desse porquê, surge outro ruído. Interroga-se ou descaracteriza-se a proposta da pesquisa ser sustentada pela psicanálise, já que, metodologicamente, tratava-se de uma pesquisa cuja voz do pesquisador também poderia representar a voz de outros sujeitos, cujos corpos foram marcados pela violência racista.

Acolho tais apontamentos, pois escuto que há que se ter rigor na escrita, respeito à escrita formal e na técnica científica construída há tempos na história da humanidade, e que deve ser levada em consideração como parte da continuação da construção do texto científico. No entanto, como autor que opta por pesquisar sobre questões étnico-raciais, é inevitável não escutar a sutileza da violência que, por vezes, vem à tona na interação entre brancos e negros. Situação histórica inclusive, que coloca o negro como aquele que não sabe, que é inferior.

Pessoas brancas falando sobre qualquer movimento de pessoas negras é um convite à observância atenta e racializada. Assim, logo em seguida, também escutou-se dos comentadores que a proposta científica causava estranheza, por iniciar de forma direta demais, através do uso de palavras “pesadas”. O mais curioso era que estas palavras eram as mesmas que pessoas negras, corriqueiramente, são obrigadas a ouvir. O comentador, no entanto, não pôde compreender, talvez por seu lugar de fala ser diferente do pesquisador. O objetivo de começar o texto com aquelas “palavras pesadas” foi o de mostrar o peso que certas palavras colocam no corpo da pessoa negra. Retomando, o pretensioso projeto iniciava-se assim: “Macaco, cabelo bombril, nequin, palha de aço, piche, bombom, morena, mulata”. O que fazer ao escutar tais palavras? Há que fazer algo? Esse projeto de pesquisa é iniciado com significantes que podem ter muitos usos e vários sentidos. No entanto, tais dizeres escutados por pessoas negras podem marcar tais sujeitos de várias formas e trazem algo das relações étnico-raciais à tona. Para além das palavras, o que fazer ao andar pelas ruas e, ao ser visto, perceber pessoas atravessando a rua com medo de você? A rápida escondida da bolsa, a proteção do celular, frente à iminência do roubo, situações constantes vivenciadas por pessoas negras e negros. Historicamente pessoas negras são identificadas a tais adjetivos que, na verdade, são xingamentos, na medida em que agridem a condição humana desta população. Títulos como estes objetificam e subtraem a dimensão de sujeito

por estarem inscritos em uma lógica colonial que animalizam seus corpos”(Comunicação pessoal).

Acolhi os dizeres dos comentadores sobre a pesquisa e, ao fim do encontro, as coordenadoras fizeram apontamentos sobre as falas que apareceram na reunião — forma que comumente conduz-se o encontro. Neste dia, as coordenadoras usaram de uma ironia cara e necessária para dizer que tais avaliadores precisariam se haver com as produções sobre raça na contemporaneidade. Elas, pesquisadoras de racialidades, capturaram que há valor na fala deles, mas, também, uma problemática.

A decisão de ter começado a construção do projeto com palavras “pesadas” traz à tona a comparação de corpos negros com animais, coisas ou outras formas de objetificar tais corpos, recurso muito presente nas cenas racistas. Utilizei-me, também, com este recurso, de um sentimento de raiva e, enquanto pesquisador, no ato da escrita, descrevi cenas violentas que vivi. Por exemplo, andando pela rua com o cabelo *black power* ouve-se um grito: “arruma esse cabelo, corta esse cabelo”. Frio na pele, muitas dúvidas nessa hora. Com quem estão falando? Sim, comigo! Continuo andando, tomado por algo e, posteriormente escrevo sobre o ocorrido, em formato de diário, sobre os sentimentos que me ocorreram. Essa produção inicia-se assim, com raiva, com sentimento de erro, sem oportunidade de garantir o “pretensioso” distanciamento científico e, ao mesmo tempo, com tom de pesquisa: o que ocorrera ali? Hipóteses e problemas surgem por meio de uma causação do sujeito negro que vive cenas de violência, e que as interroga do ponto de vista humano, mas sobretudo científica, uma vez que raça e racismo são objetos de pesquisas variados e são fenômenos humanos. É forte e intenso.

Recorro a tais episódios com o intuito de exemplificar como um corpo negro vive a violência racial, também nas sutilezas, em todos os espaços, bem como quando acessa a universidade. A academia, como um lugar que prioriza a produção de conhecimento, ajuda a delimitar o objeto de pesquisa: a violência racista, que, curiosamente, é uma ferida que insiste em se manifestar nos corpos racializados — inclusive naquele próprio espaço acadêmico.

Poucos dias depois, indo a uma loja na periferia em que moro, com minha irmã, mulher negra, com uma filha de pele clara, fruto de um casamento interracial, uma das atendentes — mulher branca — pergunta se minha irmã era de fato mãe da criança que estava no seu colo — situação comum para tais mulheres. A raiva brota novamente. Escrevo sobre isso. A atendente entende que não poderia ter maternagem ali; há uma diferença de cor entre mãe e filha, e funda-se o segundo ato que dá seguimento aos primórdios desta produção.

É sobre isso que escrevo. Textos pessoais demais, sociológicos demais, conforme as pesquisas de Kilomba (2019), que sempre foram usadas para negar algo sobre o racismo e deslegitimar uma produção que quer trazer a história da negritude para a universidade. Não obstante, a tentativa de desvincular psicanálise e raça, no fim, sustenta-se na ironia de estudos que buscam a superação do racismo, como denuncia Moreno (2023) e Reis (2000).

Talvez tais situações auxiliem na compreensão de que, ao apresentar o até então projeto num grupo acadêmico, numa pós-graduação de uma universidade privada, que recorre-se para conseguir um título, leva-se — além da pretensão em ser exitoso na técnica, na ética e no rigor científico — uma bagagem racial. Esta bagagem de situações raciais traz à tona, sim, o peso das palavras, ou, mais ainda, o peso do significante sobre o corpo do sujeito negro.

É importante, portanto, produzir efeitos que possam convalidar a subalternização proposta historicamente. Aqui, então, faz-se necessário tecer elaborações sobre como a violência racista e as posturas de negros diante do fenômeno estão perpassadas por processos psíquicos importantes, que caracterizam uma catexia libidinal, uma saída do impacto da violência racial na psique de negros e negras. A agressividade, a violência, a cor da pele e os efeitos do colonialismo dão sustentação para a segregação racial acontecer, e tais significantes precisam ser e serão explorados aqui. A fim de auxiliar na compreensão de uma “ação” que sujeitos podem desenvolver quando o tom de pele é visto como interferência.

2.2 Da agressividade à violência

Quando pensamos em racismo, devemos considerá-lo como um fenômeno multicausal. Ao recorrer à psicanálise para abordá-lo, podemos perceber que a agressividade surge como um dos pilares da sua estruturação. O artigo "Agressividade e Violência" de Ferreira(2006) explora conceitos de agressividade e violência na psicanálise. A grande questão da produção consiste em entender a distinção entre agressividade e violência e como esses conceitos se relacionam no campo psicanalítico e cultural. Ferrari (2006) examina como essas noções são influenciadas pela sociedade e pelo discurso capitalista, e constata que há feições subjetivas, na dinâmica do sujeito com o prazer, gozo e o sintoma. A autora propõe pensar a agressividade como um fenômeno de discurso, algo como resultante do não pensamento, da não simbolização. Reforça a noção de violência como sintoma, assim como outros adoecimentos — a exemplo de compulsões alimentares, ou manifestações no corpo, que surgem de um embaraço do sujeito com a sexualidade e o social. “Nesse contexto, hoje se diz, então, de violência como sintoma.” (Ferrari, 2006, p. 53) explica que a compreensão

dessa afirmativa pode ser facilitada quando se pensa que todo sintoma, no sentido psicanalítico, é uma emergência de verdade que concerne ao gozo; é um gozo. Sintoma é um termo complexo, e não adentraremos à sua grandeza teórica, mas, como já vimos, pode emergir do embaraço da verdade do sujeito e gozo. A violência, que é sintoma, supõe, então, uma ordem instituída da qual surge, manifestando aquilo que não funciona bem, aquilo que impede a intenção de felicidade, ou melhor, que impede o princípio do prazer.

No mesmo texto Ferrari (2006) diz que em "O Outro que não existe e seus comitês de ética", Miller (2005) indaga o que seria uma civilização e constata que: 'Uma civilização é um sistema de distribuição do gozo a partir de semblantes, um modo de gozo, uma distribuição sistematizada dos meios e maneiras de gozar' (Ferrari, 2006, p. 53). Podemos perceber, então, que a violência para as autores se coloca como um produto, uma construção. Neste sentido, é possível pensar que raça e racismo são consequências da verdade de muitos sujeitos brancos, que produzem gozo ao menosprezar o outro negro, que deve ser violentado.

Ao examinar a agressividade, Kives (2017) parte de uma cena específica na sua clínica: atém-se a uma característica enigmática dentro do tratamento psicológico na forma como uma criança opera, ou se porta, levando o autor a investigar as origens e implicações dessa ocorrência. Essa situação serve como fator causador para uma análise mais ampla do conceito de agressividade em psicanálise, com foco em como Lacan desenvolve a teoria a partir das ideias de Freud, especialmente no que tange ao "estádio do espelho" e ao "instinto de morte". Visam analisar a agressividade enquanto conceito psicanalítico, esclarecendo seu papel na estruturação do ego e das relações interpessoais.

O estudo revela o que seria a contribuição de Lacan (1948-1998) sobre a agressividade, vinculando-a ao processo de identificação narcísica e ao surgimento do "eu" no contexto do "estádio do espelho", em que a imagem do próprio corpo antecipa uma totalidade imaginária. Propõe-se que a agressividade surge da tentativa do sujeito manter uma separação do outro, que ao mesmo tempo define e ameaça sua identidade. A agressividade também aparece quando o simbolismo falha em estabelecer uma fronteira segura entre o eu e o outro, levando a uma relação de alienação que pode culminar em episódios de violência. Mais uma vez observamos aqui o papel que a violência tem, a partir de uma série de costuras de vivências psíquicas primárias e papel do outro. Parece que, para além da violência, existe ainda um componente mais primitivo que agressividade, e o que seria um dos seus destinos, a violência. A raiva ou ódio podem nos ajudar nessa compreensão.

Já o artigo "O ódio na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea", de Winograd e Natale (2020), investiga como o ódio, considerado inicialmente como agressividade externa ao semelhante, evolui na obra lacaniana para o conceito de "ódio ao Outro", enfatizando o

papel do "Real" — uma dimensão psíquica central na psicanálise. A centralidade do artigo é: "Como a psicanálise pode compreender e manejar o ódio e a agressividade na subjetividade humana e em sua relação com o Outro, especialmente no contexto contemporâneo, em que o ódio e o conflito são persistentes. O estudo revela que o ódio é uma dimensão estruturante e destrutiva da subjetividade humana, que se relaciona com a agressividade primária e o desejo de destruição. Na abordagem lacaniana, o Real surge como aquilo que não pode ser simbolizado e que perturba o sujeito, gerando impulsos de agressividade e destrutividade. A análise sugere que o confronto com o Real é inovador, e que a tentativa de eliminar o ódio pode ser um equívoco, pois esta integra a complexidade. Os autores sugerem que, na clínica psicanalítica, é necessário um manejo cuidadoso da relação do sujeito com o impossível (Real), promovendo uma abertura ao reconhecimento de que o Outro é, ele também, incompleto.

A esta altura vale relacionar como o par raça e racismo tem, na agressividade e no ódio, operadores estruturais. Nas cenas racistas, percebe-se, muitas vezes, que a imagem do corpo, a interação entre 'eu e o outro' e a autoimagem ganham a cena, configurando-se como uma questão. Os xingamentos proferidos tentam instaurar uma diferença hierárquica: o negro seria, fantasiosamente, menor ou ínfimo em relação ao branco. Evoca-se o animal — lembremos do macaco — como metáfora e símbolo da tentativa de opressão, definindo um lugar perene para sujeitos negros. Então, neste contexto, caso esses sujeitos queiram viver uma realidade distinta daquela continuamente evocada, torna-se necessário um outro movimento: um movimento que vise à sua humanização. Esse movimento lembra o manejo de uma pulsão, um investimento libidinal que, certamente, é marcado pela inclinação ao ódio, à agressividade e à violência que demarcam a problemática da cor.

Em seu texto, "O Trieb de Freud como instinto: agressividade e autodestrutividade", Richard Simanke (2014), aborda o conceito de Trieb (impulso ou instinto) em Freud e sua relação com a agressividade e a autodestrutividade, analisando o entendimento biológico desse conceito dentro da observância. O objetivo principal é argumentar pela previsão de uma leitura biológica do conceito de Trieb, reforçando a ideia de que, para Freud, esse conceito possui uma base instintiva herdada biologicamente, o que abre caminho para uma interação entre a psicanálise e a biologia. Interessante lembrar, inclusive já dito nesta produção, que o par raça e racismo teve e tem uma tentativa perversa de justificar a brancura como superior à negrura. Sabemos o quão sorradeira essa tentativa é, mas ela justifica a importância de compreender, por exemplo, uma porção da pulsão racista como algo que une agressividade a uma percepção que vai além do âmbito meramente psíquico. Simanke (2014) observa que, embora Freud tenha introduzido o conceito de um "instinto de morte" como uma hipótese

biológica controversa, ele defendeu que isso não contradiz a biologia. Sabemos que tal concepção muda mais à frente em suas pesquisas.

Podemos perceber que a teoria psicanalítica se debruça amplamente sobre a agressividade. Aqui, observamos que a violência opera como um passo adiante: um "fazer algo" com a agressividade entre 'o eu e o outro' que se transforma em violência, um excesso. Junior e Besset (2010), em seu artigo "Violência e Sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?", aborda o tema da violência contemporânea, relacionando-o, assim como outros autores lidos aqui, aos sintomas da psicanálise lacaniana. O estudo busca entender como a violência, vista como um "excesso" pulsional, se manifesta nas sociedades atuais e quais são suas implicações para o sujeito. Ele centraliza sua análise em como a violência se apresenta como um sintoma contemporâneo e investiga como ela pode ser compreendida tanto como um sintoma social quanto subjetivo, relacionado aos imperativos de gozo no discurso capitalista. O excesso de gozo, promovido pelo discurso capitalista, fomenta a violência na contemporaneidade, e a psicanálise se propõe a questionar e compreender as causas desse fenômeno. Os autores discutem a violência em termos de "excesso pulsional", conectando-a aos novos sintomas da modernidade.

Conclui-se que a violência pode ser compreendida como um sintoma contemporâneo, associado ao declínio das referências simbólicas e ao aumento das exigências de gozo. Na perspectiva psicanalítica, o gozo sem limites – característico do discurso capitalista – fomenta um estado de violência que rompe os laços sociais e desafia as noções tradicionais de civilização. Esse estado de violência remete à razão pela qual o racismo se manifesta de maneira tão intensa no Brasil: ele é expressão desse excesso de gozo e das fantasias brancas direcionadas a um corpo – o corpo negro –, que se torna alvo de ódio e segregação constante. A intensidade dessa dinâmica revela o quanto o racismo está estruturalmente enraizado. Contudo, sabe-se que o psiquismo não opera sob juízos de valor; ele funciona segundo as leis do inconsciente, que veremos em outro momento dessa escrita, mas que se baseia numa fonte inesgotável de economias psíquicas.

2.3 O colonialismo e a urgência do decolonial

Ao investigar os primórdios da existência da raça como um marcador relevante na história, percebe-se que a diferença de cor e sua hierarquização – ou o imbróglio do branco em relação ao negro – aparece há séculos. Essa questão não se limita à dinâmica entre brancos e não-brancos, mas também emerge entre nações com ideologias diferentes que se confrontam por motivos variados. Moree (2007) relata que a busca por compreender as bases da concepção de raça e racismo pode tender a explicar o inexplicável. E ainda firma que a

grande questão da escravização mundial diz respeito, de fato, ao povo negro. A obra de Moree (2007) busca localizar a gênese do racismo no mundo, com estudos sobre povos dos variados continentes e tempos históricos, também variados. No que tange à raça, o autor usa a expressão "povos melanodérmicos" para dizer de pessoas com melanina escura, hoje vistos como negros. Uma de suas abordagens históricas e antropológicas aponta que a raça branca se dá muito depois da existência de negros. Relata que existem teorias que dizem o contrário, mas, não sendo possível afirmar qual estaria certa, o que se sabe é de alguns de seus efeitos: olha a miscigenação aí! Por meio de uma mistura da migração dos povos, também de constantes guerras. O autor se detém a uma análise biológica, percepção que hoje é criticada. Em psicanálise, nos debruçamos sobre raça e racismo como fenômenos da linguagem, no discurso. Moree (2007) aponta, também, como é curioso que na invasão da América esse processo tenha ganhado outros ares, ares mais segregatórios e com arranjos complexos. Define raça e racismo da seguinte forma:

Os avanços da ciência nos últimos cinquenta anos do século XX esclarecem um grave equívoco oriundo do século XIX, que fundamenta o conceito de "raça" na biologia. Raça não é um conceito que possa ser definido segundo critérios biológicos. Porém, raça existe: ela é uma construção sociopolítica, o que não é o caso do racismo, um fenômeno que antecede sua própria definição. Racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos. (Moore, 2007 p.38)

Ao analisar parte da historiografia brasileira – e, talvez, das sociedades latinas como um todo – com o objetivo de perceber as marcas culturais que potencializaram a narrativa da branquitude como norma e a negritude como algo negativo, faz-se necessário observar que há uma narrativa ambivalente entre o bom e o ruim, profundamente enraizada nas heranças coloniais. Essas heranças operam nos corpos, nas leis, nas subjetividades, no inconsciente e em diversos fenômenos que engendram dinâmicas étnico-raciais. No caso dos estudos das ciências humanas, por exemplo, observa-se uma forte influência, como já mencionado, de um viés europeu.

Os pensadores propagados mundialmente, desde sempre, pertencem ao Norte Global. A hegemonia das ciências da natureza remonta aos primórdios do pensamento filosófico, exercendo um impacto significativo no pensamento ocidental. Este modo de existir eurocêntrico definiu não só os modos de pensar, mas também os modos de existir. Influenciou também as ciências humanas, econômicas, políticas e sociais, com influência inclusive na forma como a Educação se constitui. Desde Sócrates, ao questionar o que seria a verdade para refletir sobre a vida e a existência, passando por Platão, Aristóteles e todos os pensadores subsequentes – incluindo os santos católicos, como Tomás de Aquino e Santo

Agostinho, e os teóricos críticos, como Kant, até os modernos, pós-modernos e pós-contemporâneos –, todos compartilham uma característica em comum: são provenientes da parte superior do globo. São estudiosos nórdicos.

Privilegiar, ou ao menos validar e disseminar vieses dissidentes de pensamento, é algo que, por muitos séculos, foi improvável, a internet potencializou a descoberta de outros saberes, além da resistência da produção do saber para além do norte do mundo. Sabidamente, tal processo ganha nome: epistemicídio – termo que é real, conforme denúncia de Carneiro (2018). Em 2002, na TV Cultura, por ocasião do programa *Provocações*, Zenaide Silva (Youtube, 2012), pesquisadora brasileira latina, relata que, em suas pesquisas sobre afrocentricidade nos Estados Unidos, notou que os grandes filósofos gregos eram iniciados na filosofia africana, no Egito, e depois reproduziam tais dizeres em grego, com forte disseminação na humanidade. A afrocentricidade seria umas das alternativas que vai contra o pensamento centrado nas produções europeias únicas. Sobre a afrocentricidade, Pontes (2017) diz:

... uma crítica sobre a constituição do pensamento nas instituições educacionais no país, a ausência de conteúdos africanos em suas ementas e principalmente sobre a ausência dos conteúdos correspondentes à filosofia africana. (Pontes, 2017, p. 14-15).

Voltando a Zenaide (2012), os gregos iam a *Kemet* e usurparam o saber. Se analisarmos o impacto que a África produz no mundo, sem desconsiderar os povos Ameríndios, entende-se que a África pode ser considerada terra “mãe” da humanidade em diversos aspectos, como a arquitetura, as práticas medicinais, a culinária e outros. Por isso, cabe o questionamento de quais referenciais de elaboração do mundo e do pensamento, que não os da filosofia europeia, podem e devem ser privilegiados. A exemplo do Brasil, os mitos que fundam as sociedades são de outras ordens, como para o povo Tikuna, que atribui a origem da vida à relação de animais e da natureza. Particularmente, após uma imersão na comunidade indígena, na região amazônica, em 2015 ouvi tais histórias, são sobre a crença do surgimento do ser humano que advém do rio, ou melhor, nasce de dentro de um peixe. Poético. Uma belíssima cena para um povo que depende e se relaciona com rios de uma forma diária e estruturante.

A possibilidade de cogitar outras narrativas filosóficas que dizem da existência, da origem da vida e da sua perpetuação sempre esteve enviesada, eurocentricamente. Ao nos atermos sobre os autores que criticam essa disseminação de um saber colonizado, os chamados autores decoloniais, especialmente Fanon (1961-1968), percebe-se que há uma manutenção do colonialismo por meio dos pensamentos filosóficos, sociológicos e discursivos

de uma forma “anacrônica”. Tal percepção se dá em muitas de suas obras, mas no livro “Pele negra, máscaras brancas”, também podemos perceber isso.

Há reminiscências da prática violenta do colonizador, do passado colonial, no agora (Quijano, 2005). Essa transmissão se dá através do tempo e das gerações, processo que lembram os dizeres freudianos da transmissão da culpa do assassinato do pai da horda primeva. Freud (1913/1974) relata que a prática, a ação do impulso da morte é transferida numa lógica traumática. Assim, a transmissão da agressividade pode se tornar violenta a depender dos processos primários psíquicos de cada sujeito, e ganha, no laço social, como na prática colonial, ares sádicos que perpetuam sofrimento e violência.

Quando da interrupção da satisfação sexual, Freud (1930/1976) afirma que o produto é o sofrimento. Retomemos Totem e Tabu em que Freud (1913/1974), metaforiza dizendo da interjeição que um pai primeiro produz aos filhos, e esses o eliminam porque querem viver as benesses que o chefe da horda vivia, exclusivamente. Emerge neles, e na descendência humana, após o aniquilamento dele, uma sensação de culpa transmitida à posteridade, “transmissão filogenética” Freud(1930-1976). Há algo, então, que não cansa de aparecer — o discurso colonial é um exemplo disso. A manutenção da relação exploratória, maniqueísta, branco/não-branco se perpetua, inclusive na dimensão do “inconsciente coletivo”, que não adentraremos, mas que Moreno (2023) constata ser da ordem de uma insígnia, um resto colonial que sempre se coloca.

Ao discorrer sobre estudos decoloniais e, convenhamos, para a continuidade da evolução do pensamento no mundo, Grosfoguel (2008) diz da importância dos intelectuais do Sul Global. Em seus dizeres: “[...] pensador que pensa a partir do Sul” (Grosfoguel, 2008, p. 116). Logo, a produção de saber “subalterno” precisa ser vista e passar a valer como pensamento, não só delimitado ao território do sul do mundo, mas como uma fonte de elaborações mundiais. Ou seja, pensamentos, filosofias, ideias embasadas, unicamente, pelo pensamento eurocêntrico, na perspectiva de um eurocentrismo, se caracteriza como colonial, já que desqualifica, ignora, desconhece ou aniquila outros saberes.

Ao recorrer a textos psicanalíticos nesta pesquisa, por exemplo, acabamos por incorrer em algo que em certa medida lutamos contra, uma vez que os pensadores basilares da teoria são europeus. Há que se considerar que essa experiência colonial transmitida tem, na psicanálise, uma diferença. A psicanálise está a serviço de colocar contrapontos em tudo, inclusive nela mesma. Interessa-lhe a produção de discursos do sujeito, privilegia-se em sua escuta os significantes que o sujeito produz sobre si e, ainda que seja uma ferramenta que nasce no norte, permite circular a palavra, o que a torna um dispositivo aliado. Carece de uma espécie de revisitação constante de autores que fogem da maternagem europeia como única lente possível de ver o mundo e forjar existências.

Ao recorrer a Fanon (1961), percebemos que ele relata que os vestígios coloniais produzem ranhuras no tecido social, e essas marcaram, marcam e marcarão para sempre o andar das civilizações. O autor relata que tal dinâmica, ou especialmente o racismo, é transmitido no corpo - podemos ler: no inconsciente. Moreno (2023) complementa, afirmando que essa dinâmica também pode ser compreendida como um sintoma, um produto histórico marcado por movimentos pulsionais, com deslizes significantes. Ao descrever sua perspectiva sobre o que chama de restos da colonização, ou a colonização como resto, expõe-se que a experiência colonial opera como um trauma, pois é localizado como um evento marcante que imprime um efeito no sujeito, aparecendo e reaparecendo em diferentes tempos, vivificado ou não na trajetória individual, e também na sociedade, o que marca um sofrimento.

Ao que tange o sofrimento e recorrendo a Freud (1930-1976), os anacronismos que Fanon (1961) cita são vários, mas há o cerne na concepção de que o negro, diante dos dilemas coloniais, vive a necessidade de se espelhar ao branco. Há, também, uma imagem do corpo fraturado que vive a destituição da humanidade, daí evoca a noção de selvagem e outras fantasias.

Seguindo a análise de Fanon (1961) e buscando localizar o efeito do colonial nas relações sociais e nas dinâmicas étnico-raciais, mas agora sob a dimensão da linguagem, o ilustre martinicano, ao se debruçar sobre a sociedade francesa, afirma que, quando o negro residente na França deseja aprender o francês — certamente porque precisa —, ele se torna "menos negro". Para os brancos europeus, especialmente os franceses, os "verdadeiros negros" seriam selvagens. Assim, o negro torna-se "o outro", uma figura instável de quem sempre se espera algo negativo. A necessidade de embranquecer, pelo ideal do branqueamento, surge, então, como uma possível saída.

O negro, portanto, sofre não somente de uma sensação de inferioridade, mas de uma inexistência, neste caso, na sociedade francesa. Contudo, na sociedade brasileira, também podemos perceber isso, por exemplo, quando no livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza (1983), a autora relata que o negro brasileiro alisa o cabelo para ter uma possibilidade e não ser questionado pela dimensão crespa que seu cabelo tem. Tal dinâmica é usada como estratégia, por exemplo, para conseguir empregos, ou para não ter a autoestima definhada. Segundo Fanon (2008), essa dinâmica de ataque a tudo que diz respeito à melanina da pele cria uma "negrofobia". Espera-se, imagina-se, especula-se muito sobre os melaninados claros ou escuros, sempre numa dicotomia, em que brancos são belos, bons, doces, frágeis e o não-branco, outra coisa: feios, animais. Em uma dimensão mais profunda, como aponta o autor, os negros são fantasiosamente associados a uma hipersexualidade, vistos como detentores de um falo maior ou, até mesmo, como ameaças que poderiam castrar o falo do branco. Tudo isso atravessado por uma branquitude que se vale na negação dos efeitos coloniais, mas que ainda negam a negação, como afirma Moreno (2023), lendo Fanon.

O efeito colonial no negro também se caracteriza por uma espécie de “enclausuramento no próprio corpo”, como afirma (Moreno, 2023, p. 97). Há que se refazer o ideal imposto, o que em Lacan (1992) seria uma experiência de desalienação ou separação. Fanon (2008) afirma que tal experiência é violenta. Parece que a violência sempre caracteriza o colonial. É violenta, pois exige forjar outras características e referenciais para si.

Em *Peles Negras Máscaras Brancas*, Fanon (2008) escreve que o negro vive um aprisionamento no e do corpo em face do tom da pele. Assim, ele precisa refazer a noção de si, mas diferente daquela imposta pelo colonizador, ou seja, um outro ideal. O processo de alienação e desalienação é um processo igualmente violento, pois exige a substituição de um ser por outro ser. Tem a ver com dimensões subjetivas, mas também com impactos políticos do laço social e da marca da continuidade da insurgência de violência. O negro vive diante da impossibilidade de criar e de se reconhecer, de se perceber e se constituir. Está imerso a um processo violento, demandando humanidade, entregue a uma dinâmica maniqueísta entre o bom e o mal. Moreno (2023) escreve que o processo de desalienação/separação é uma forma de lidar com o racismo, e aqui faço coro, dizendo que pode ser um tipo de saída possível e mais, percebo que essencial que ocorra.

A violência, que sempre retorna, é emblemática. Kilomba (2019) explica esse retorno ao introduzir a metapsicologia da plantação, remetendo ao tempo em que os escravizados eram obrigados a trabalhar na lida rural, perenizando a noção de posse do negro. Isso indica que o branco produz um cenário de branquitude como norma, como a realidade que todos devem seguir, enquanto nega o racismo que, inclusive, brota dessa lógica e sustenta uma civilização privilegiada. Aos negros resta a selvageria. “O ato do racismo se transforma numa cena colonial que evoca uma situação colonial” (Moreno, 2023, p. 106).

Em sua produção decolonial, Moreno (2023) constata que a atemporalidade da colonização se coloca a serviço da transmissão, remontando a lógica de como um trauma se desdobra e recorre à dimensão da cripta, da insígnia como mecanismos psíquicos que perpetuam a existência do horror colonial se manter. Uma saída para lidar com a violência está ligada à imagem do quilombo como um lugar valioso, um resto valioso. O autor se vale da noção de resto, em psicanálise, como aquilo que não é simbolizado, que repercute o mal-estar na cultura, mas que, na figura do quilombo, pode ser revisitado. Ao articular a teoria lacaniana da lalíngua, a linguagem articula o discurso do racismo e do resto colonial presentificado. Assim, o corpo negro surge como um signo que vive sobre o olhar que cristaliza a insistência colonial. Ou seja, a insistência da reiterada violência.

3. O desfazer e refazer das narrativas: privilégio da oralidade e o impacto da escrita

3.1 Traçado metodológico

O traçado metodológico delinea-se pela pesquisa qualitativa, por meio do método das narrativas memorialísticas. Este método foi escolhido por possibilitar, através da narração da história de vida, que os participantes possam localizar fenômenos variados em suas trajetórias. É possível que apareçam fenômenos importantes que enriqueçam a compreensão do objeto pesquisado, contemplando aspectos da cultura, história, emoções, relações interpessoais, impactos geográficos, raça, gênero e sexualidade.

Conforme discorre Guerra et al. (2022), o convite à palavra ganha destaque por meio das estratégias de narrar, criar e partilhar, que operam como tempos, ou como etapas em um processo. No primeiro tempo da escuta, o tempo de narrar, propõe-se a palavra circular, ou seja, é o tempo em que a fala acontece, privilegiando o sujeito, permitindo que ele fale, seguindo a máxima “oferecer a palavra a ele” (Guerra et al. 2022, p.4). Tal estratégia é embasada em uma pergunta, ou na oferta da palavra, e no interesse do pesquisador em saber sobre a história de vida de quem está à sua frente. Faz-se, então, um registro oral do diálogo, que desdobra-se em uma análise dos dados coletados, orientado por marcadores teóricos utilizados na bibliografia, ou, no caso desta pesquisa, na análise do marcador racial como um braço possível de ser considerado no corpo do texto.

O convite à fala orienta-se pela técnica da associação livre, que possibilita localizar a vastidão e a profundidade emocional que a cadeia de pensamentos, representações, sensações e sentimentos podem produzir. As narrativas memorialísticas foram escolhidas como forma de coletar as falas dos participantes porque são menos diretivas e tendem a valorizar a elaboração das memórias e recordações.

A utilização das narrativas como método de pesquisa tem se apresentado como promissor no campo das pesquisas em enfermagem, educação, saúde coletiva, psicologia e sociologia/antropologia”. (Guerra et al. 2022, p.17)

Em uma segunda fase, ocorre o tempo de criar, que considera que há uma força no discurso escutado e o privilegia. Realiza-se uma análise dos conteúdos que emergem, categorizando-os em temas que surgem na ordem da repetição ou que escapam ao discurso. Tendo isso como norte, Guerra et al. (2022) apostam na criação artística como uma intervenção possível nos dados colhidos, junto à investigação científica que acontece durante e após a análise dos dados. Os dados em áudios ou em outros registros são entregues a artistas — da dimensão visual, plástica — e eles produzem algo, amarrado ao seu fazer, com o conteúdo das narrativas. Pretende-se produzir, com tal intervenção, uma mudança no discurso, assim como se espera de uma escuta analítica, seja no *setting* de um atendimento ou em outro espaço que o saber psicanalítico esteja operando. Posteriormente, a produção artística é entregue aos sujeitos ouvidos, e espera-se que o uso da arte, somado à escuta da palavra, demarquem a importância da narrativa de cada um. Pesquisador, pesquisados e artistas constroem uma teia social vislumbrando um saber sobre o que a associação livre, escutada inicialmente, produz. No terceiro tempo, denominado partilhar, que se baseia em um encontro com os sujeitos escutados, ocorre uma fala devolutiva acerca do que foi analisado e produzido no formato artístico pelos artistas convidados. Acerca do que se pretende operar com tal uso dos três tempos da metodologia, as autoras afirmam:

O efeito recolhido na oficina possibilitou, com a apresentação das obras aos próprios narradores e seu relato acerca desse encontro, capitanear pontos de real que retornaram pela via do traumático, da afirmação do desejo ou da repetição, indicando possíveis processos de ressignificação subjetiva e discursiva, bem como novos trajetos teóricos e metodológicos para o uso das narrativas memorialísticas. (Guerra et al. 2022, p. 8)

Tenta-se, com o uso das narrativas memorialísticas, a possibilidade de escutar como a vida atravessa os sujeitos na dimensão social e individual, recorrendo à produção artística e à partilha das construções da pesquisa. Produzir uma mudança na forma hierárquica que as pesquisas científicas, historicamente, apresentaram e também uma contribuição no universo acadêmico, com profundidade e técnica. Tendo em vista o tempo do mestrado o segundo e o terceiro tempo desta metodologia ocorrerá fora do tempo da elaboração e apresentação da dissertação.

A escolha das fontes bibliográficas foi feita através das plataformas de pesquisa acadêmicas, validadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), assim como os textos de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO) e demais revistas científicas, especializadas e qualificadas. Os descritores que orientaram as buscas foram: “negras”, “negros”, “violência”,

‘raça’, “racismo” e “psicanálise”. Não obstante, não me furtei à possibilidade de usar outras produções teóricas que pudessem abarcar a violência racista e as saídas de pessoas negras diante disso, como reportagens, livros, revistas e ensaios.

Logo, somando à revisão bibliográfica, recorri à escuta de pessoas negras, a fim de ouvir suas narrativas acerca das possíveis violências racistas que já viveram, objetivando encontrar possíveis saídas psíquicas. Para realização da escuta das narrativas, fui ao encontro de quatro pessoas que se autodeclararam negras, homens e mulheres adultos, que estavam na cidade de Belo Horizonte, mas que não necessariamente moram na cidade. A escolha da amostra foi feita através da técnica bola de neve. Tal procedimento consiste em, conforme aponta Vinuto (2014):

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas, torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. (Vinuto, 2014, p.203)

O procedimento se dá encontrando uma primeira pessoa, chamada de “semente”, e, após realizar sua narrativa, ela indica outro sujeito, e assim por diante. Desta forma, cada participante narra sua história de vida e o pesquisador vislumbra capturar possíveis vivências de violências raciais, com o foco nas saídas psíquicas que tais pessoas possam ter vivido diante de cenas racistas. Em função do vínculo muito próximo que um dos participantes indicado tinha com os outros, optei por convidar outras pessoas para além da técnica bola de neve. A princípio, este aspecto não seria um problema metodológico, no entanto, como deixou-se livre para o participante indicar uma ou duas pessoas de sua convivência — e eu tinha adotado o critério de priorizar indicações que abarcasse lugares diferentes de fala — entendeu-se que este seria a melhor decisão para a pesquisa.

Os sujeitos escutados ganharam nomes fictícios de Nairobi, Adis, Joan e Botsuana. Fiz essas alterações a fim de preservar suas identidades e manter o sigilo ético. Os nomes usados são oriundos de cidades africanas, sem uma semântica específica, mas entendo que pontes com características de África valorizam a história de sujeitos negros, e este pode ser um recurso e uma possível saída para novas formas de se relacionar com as marcas da negritude. Adis e Joan são abreviações de Adis Abeba e Joanesburgo, capitais da Etiópia e da África do Sul, respectivamente. Nairobi é uma mulher negra, jovem, de pele clara. Adis, mulher negra, jovem, retinta. Joan, homem negro, retinto e Botsuana, homem negro, idoso, retinto.

Inicialmente abordo Nairobi em um ambiente acadêmico, no qual nos víamos com frequência. Ela me parecia poder considerar participar da pesquisa. Assim foi feito. Apresento-lhe a ideia da pesquisa e ela concorda em participar. Viveu uma experiência internacional importante, o que aparecerá em seu relato, mais à frente, e isso já me pareceu um movimento que poderia integrar o que seria uma possível saída psíquica para com o racismo, uma vez que uma mulher negra que viaja para fora do país, como veremos, para estudar, não é tão comum. No mínimo, é uma história fora da curva, do padrão da maior parte da população.

Por conseguinte, Nairobi indica Adis, que indica outra mulher negra, sua irmã. O relato de sua irmã será utilizado em outra pesquisa, pois nele aparecem traços que fazem coro a outro interesse do pesquisador — uma outra narrativa, também riquíssima. Por indicação de minha orientadora, vou ao encontro de Joan; nos encontramos também no ambiente acadêmico, e ele topa participar da pesquisa. Chamo Botsuana, morador da periferia, região metropolitana de Belo Horizonte. Me pareceu que aceitaria participar, e assim foi.

As narrativas foram gravadas e transcritas com a autorização dos participantes da pesquisa, mediante o consentimento manifestado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, e respeitando todas as normas para a realização de pesquisas com seres humanos.

A análise dos dados foi feita através da identificação de significantes e/ou marcadores de violência racial ligados a gênero, raça e classe, que permitiram responder ao problema de pesquisa. Estes significantes surgiram como categorias ou fenômenos comuns aos participantes da amostra. Funcionaram como eixos ou chaves de leitura para a delimitação do que, nesta escrita, compreendemos como as saídas psíquicas encontradas pelos participantes da pesquisa diante do racismo ou da violência que dele advém.

3.2. Lugares de fala: vozes que reverberam histórias

Quando Kilomba (2019) e Carneiro (2005) denunciam que o ambiente acadêmico tende a rejeitar produções que valorizam histórias de pessoas negras, percebo que vão além, relatando o quanto as pesquisas estiveram a serviço do apagamento dessas histórias nos anais intelectuais. Neste sentido, escolhi, neste capítulo, trabalhar com transcrições na íntegra, atuando como um ato político. Um ato de coragem, um antídoto, uma saída para todo apagamento realizado e para todo pretense apagamento que possa vir. Pretendo demonstrar em minha pesquisa e, sobretudo, ao ir ao encontro dos narradores, o quanto as narrativas ganharam lugares ímpares. Por estes motivos, coloco, então, as narrativas integrais neste capítulo.

Essa escolha é feita pela maleabilidade que o método das narrativas memorialísticas proporciona e pelo entendimento, fruto da inserção na academia, do quanto é simbólico e relevante ter histórias de sujeitos negras e negros escritas no ambiente universitário. Jesus et al. (2020) relatam como a criação de ambientes de circulação da palavra negra, como grupos de estudos, se colocam como uma saída para que produções intelectuais de pessoas negras ganhem espaço na academia. O grupo lê textos de várias epistemologias, mas todos de pessoas negras. Recorre-se a tal grupo pois ele cumpre o papel de fazer as histórias das pessoas negras saírem apenas da dimensão da oralidade e ganharem espaço na escrita, preenchendo uma lacuna científica e social, na memória e na história.

A tópica principal desta escolha é esta: colocar as narrativas orais em formato de texto numa produção acadêmica/científica. Entende-se que essa escolha é da ordem de uma conquista, assim como o acesso ao ambiente da pós-graduação, que, assim como a outras instâncias, é sabidamente raro para pessoas negras. Nascimento (2024) traz, em seu monólogo teatral — fruto de uma longa pesquisa de mestrado e doutorado no campo das artes cênicas —, a metáfora do funil da educação brasileira. Nela, o autor afirma que a pós-graduação é a ponta de um funil invertido, em que na parte superior tem muitas pessoas negras, a educação básica, mas, ao final do funil, a situação muda; o número diminui drasticamente.

Em “Macacos”, peça sobre o texto de Clayton Nascimento (2024), homem negro retinto pesquisador na USP, surge uma indagação: o que pessoas negras que acessaram a academia estão fazendo para auxiliar ou para garantir esse acesso para o coletivo de outros negros, aqueles que foram impedidos de ingressar nesse lugar? Sabendo do peso disso, e não querendo acolher totalmente essa demanda, coloco as narrativas integrais, também com esse intuito. Que pelo menos algumas das histórias desse povo, que sofre do apagamento calculado, estruturado e sistematizado, tenha um destino/tratamento diferente.

Falar em saídas psíquicas para violência racista é dizer de estratégias de várias ordens. Neste momento, não me alongarei, mas uma delas é essa: a de poder valorar as histórias do povo preto e negro. Em um momento da escuta de Joanesburgo, ele afirma: “fui móvel das fazendas de minha cidade”. Não se sai ileso da escuta dessa frase. Ali, também, ou essencialmente, entendo que a fala integral dos narradores deveriam ser parte estrutural, não como trecho, ou anexo, dessa dissertação. Não podemos mais deixar essas histórias serem objetos, móveis ou fenômenos da oralidade. Reconhecendo o valor da história oral, é necessário que ela continue como uma das formas de registro, mas não como uma condição exclusiva. Então, que essas narrativas tenham sua potência e magnitude defendidas, e com cada vez mais espaço de protagonismo nos textos científicos.

3.3. Da palavra a linguagem

3.3.1 Nairobi - “A nossa vivência tem que ser mais que isso”

Antes de trazer o relato de Nairobi é importante localizar como se deu esse encontro e, também, é interessante ressaltar alguns pontos, antecipadamente, sobre sua narrativa. Sua narrativa fora feita em meu consultório particular. Ela fez questão de ir até esse espaço, para conhecer. Fala-se amenidades, num clima muito prosaico e rico de afetos. Nairobi me parece ser, e isso aparecerá em sua narrativa, muito desejante. Diz de viagens pelo mundo, do impacto da educação, da relação com o corpo e uma busca por dizer do para além das marcas dolorosas. Produz uma pesquisa em que investiga as relações raciais no Brasil e fez sua graduação em outro país. Salta aos olhos e ouvidos os efeitos do cabelo e da família em sua narrativa.

“(Pesquisador) Só para ver se está funcionando. A ideia é que você me conte sobre sua história de vida. De uma forma livre, o que lhe vier em mente.

— Tá bom. Então, eu nasci numa família de mãe branca e pai negro. Uma família dos dois lados bem complexas, sempre no tocante às questões raciais. A minha avó materna e toda a família da minha mãe são preconceituosos. Alguns implícitos, outros explicitamente. E a família do meu pai, que é negra, eles não têm contato com a própria negritude. Então, eles não são letrados, digamos assim, racialmente. Então, nasci nesse ambiente sem nenhum tipo de letramento, sem nenhum tipo de consciência de nada. Eu era só uma menina. As coisas aconteciam comigo e eu não entendia, não tinha ninguém para me explicar. Aos 9 anos, a minha avó materna, junto com a minha mãe, me levaram para alisar meu cabelo pela primeira vez. Foi quando eu fiz progressiva. Eu, como menininha, óbvio que eu queria. Eu tenho uma condição de vida boa, então eu sempre estudei em escolas particulares. Todo mundo tinha cabelo lisinho. Claro que eu vou querer ter também. E o meu pai, quando viu... Foi escondido do meu pai, isso eu não sabia. Eu tinha 9 anos. Quando eu voltei para casa, ele ficou furioso. Teve uma briga bem séria com a minha mãe e com a minha avó. Mas aí o dano já tinha sido feito. Meu cabelo quebrou muito. Eu tive muito problema com a minha imagem por causa disso. Apesar de não tão conscientemente... Hoje eu vejo que eu evitava muito foto, evitava qualquer coisa que tivesse a ver com o meu cabelo. Mas, na época, não me inteirei. Adorava meu cabelo lisinho, adorava fazer escova. Para mim era o máximo. E minha mãe sempre incentivando muito, sempre falando que aquilo era o bonito. Então, ok. Depois que passou esse “boom”, essa quebra de cabelo, o meu pai me levou para o Beleza Natural, que é um salão de beleza, em teoria, especializado em cabelos negros. E foi assim, por muito tempo foi um sonho, até virar um pesadelo. Eu lembro que da primeira vez que eu fui, tinha acabado de

ser inaugurado o *Shopping* estação. E eu fiquei 12 horas no salão, com o meu pai. E meu pai ficou lá comigo. É um processo muito dolorido. Eles desembaraçam seu cabelo com pente fino seco, fazem muitas divisões, depois passa produto, que na época eu obviamente também não sabia. E se eu soubesse não faria muita diferença, porque eu não tinha controle das minhas decisões. E por muito tempo foi muito bom para a minha transição capilar. Eu comecei com 12 anos, os meus cachinhos voltavam, mas eu continuava com o cabelo baixo. Então era ótimo, era fácil de lidar, mais ou menos, porque aí eu tinha que molhar ele todos os dias, pentear ele de novo, passar o creme todos os dias, para ele ficar baixo. Eu ia para o balé, eu prendia ele o mais firme possível, ia para a natação, ele ficava dentro da toca. Então, apesar de hoje eu entender que era bem trabalhoso, na época para mim era ótimo. E eu fiquei assim durante muito tempo, muito tempo mesmo, até um dia que eu decidi que eu queria fazer mechas no cabelo. E aí eu fui em um outro salão, e a moça disse que eu não podia fazer, porque o meu cabelo estava quimicamente maltratado. Foi um baque para mim, eu chorei muito, porque era a primeira vez que eu achava que eu mexia no meu cabelo de forma diferente. E foi aí que eu decidi parar de colocar qualquer tipo de produto no meu cabelo, químico, qualquer procedimento químico. Nesse meio tempo eu passei para a escola particular, que é uma escola italiana, aqui em BH. Eu era praticamente a única menina negra na sala e na série, e no ano. E para mim, essa questão nunca tinha sido levantada. O pessoal fala, nessa escola, a gente passa um aperto, a gente é sempre a menina mais feia da sala. Eu nunca tive isso. Não sei se é porque eu nunca olhei para isso dessa forma, sabe? Eu não lembro de momentos específicos em que eu me senti diferentemente tratada. A única coisa que eu senti era que o menininho que eu gostava não gostava de mim. Sempre gostava da outra, que era sempre mais clarinha. Aí eu queria fazer alguma coisa e falava para a turma. A turma nem sempre recebia tão bem, mas quando a minha outra amiguinha branca falava, eles recebiam bem, super bem, acolhiam. Só que na época eu não tinha nenhum tipo de consciência mesmo. E aí é legal que eu vou crescendo nesse ambiente, eu vou começando a minha transição, isso já com 17 anos, então eu fiquei muito tempo na beleza natural. Foi um choque para mim, mas também foi uma redescoberta muito legal, porque era a primeira vez que eu conhecia meu cabelo. Eu não tenho memória do meu cabelo antes dos 9. E quando eu parei de colocar qualquer tipo de química, então eu parei de ir no Beleza Natural e comecei a deixar ele o mais natural possível. Eu lembro que eu ficava apaixonada porque eu via meu cachinho de verdade, meu cachinho meu, saindo do meu cabelo sem eu precisar mexer. E eu via a diferença nítida com a química, eu lembro que a parte de trás do meu cabelo eu sempre cortava, porque embaixo não aparece, aí eu só sentia os cachinhos e ficava sem a química, o resto todo com a química. E para mim não foi dolorido, não foi uma dor ver essa transição, porque foi um renascimento para mim mesmo. Foi muito bonito! E contemporaneamente a isso, numa aula de religião, que na verdade o meu professor era bem tranquilo, bem aberto,

trazia ideias bem legais, numa aula ele falou que eu era a única menina negra da sala. E aí o Silvio Almeida, o ministro, ele tem uma fala que é que uma pessoa negra nasce duas vezes, o nascimento e quando ela descobre que é negra. E ali foi meu segundo nascimento, foi quando caiu a minha ficha que eu era negra. E aí eu não tinha, como eu falei, não tinha com quem conversar sobre isso. Meu pai sabia que ele era, minha família sabe que é negra, mas todas as minhas tias têm química no cabelo, ninguém nunca falou sobre isso. Meu pai fala sempre muito da pobreza, pouco do racismo em si. É natural que essas coisas, muitas vezes, se combinem, mas ele reforça muito: “eu era muito pobre, eu tinha que batalhar muito”. Então eu fui crescendo sozinha, muito nesse ambiente, aprendendo muita coisa sozinha. E foi quando eu decidi colocar minhas tranças a primeira vez, ainda na transição capilar, meu cabelo já tinha crescido bastante, então estava começando a me incomodar o químico e o natural. Coloquei a trança e amei, fiquei super feliz, foi na época de pandemia, então, não precisei lidar com colegas e também foi bem tranquilo. Foi um processo muito bom, eu gostei muito das tranças, me senti muito diferente. Surgiram questionamentos por parte da minha família, alguns incômodos, mas nada que me amedrontasse. Então, eu continuei, segui minha vida, e quando eu tirei a trança, dava pra cortar meu cabelo pra ficar 80% natural. Então eu fiz o *Big Chop*, ficou ótimo, eu adorei, eu curti muito, todo mundo gostou, todo mundo achou lindo. Mas foi a primeira vez que uma pessoa com cabelo 100% natural na minha família, principalmente bater. Então tive resistência também por parte dos meus pais, muito grande. Meu pai cuidou muito do meu cabelo, era ele que penteava, era ele que cuidava, levava a gente no salão, porque ele tem irmãs mais novas, e ele era o mais velho, então ele sempre cuidou do cabelo delas, logo sempre cuidou do nosso também. Então, pra ir pra escolinha, ele sempre fazia penteado, pra ir pro balé, ele sempre fazia o coque. Então quando ele, acho que perdeu um pouco do controle, do meu cabelo, e virou um cabelo totalmente natural, era uma coisa que ele, acho que ele nunca tinha visto nas irmãs mesmo, assustou ele. Ele criticava bastante, me chateava bastante, mas eu sabia porque eu estudava. Eu sabia que o que eu tava fazendo no meu cabelo não era errado, que ele não tava ressecado só porque ele tinha um volume, que ele não era ruim, que era uma coisa que a família, por parte da minha mãe, sempre falava muito. Então eu cresci muito nisso sozinha, eu fui lendo, fui aprendendo, fui pesquisando. Quando eu terminei o ensino médio, eu fui pra Itália, e foi aí que a ficha realmente caiu, e aí foi horrível, foi muito ruim, porque aí eu tava num lugar em que eu nunca tinha sido protegida. [Em casa] Eu sempre tinha sido protegida, e lá eu não tinha proteção nenhuma. Então, meus pais não tocavam no assunto, a escola não tocava no assunto, a gente fingia que não existia, sabe, o racismo, a cor, lá, eu não tinha isso, então eu fui totalmente nua pro mundo, sabe, e totalmente ingênua, assim, não faz ideia. E lá eu tive várias experiências de racismo, que me debilitaram bastante, inclusive mentalmente, eu já fui, já falaram que a minha cor era só bronzeamento, já me pararam centenas de vezes na rua

pra encostar no meu cabelo, pra perguntar do meu cabelo, só falavam do meu cabelo, falavam que eles também eram negros, porque a avó morava no sul, e o sul não é tão branco quanto o norte da Itália, e que se tomassem sol, iam ficar da mesma cor que a minha, e eram situações estranhas, constrangedoras. Eu fui na época com meu namorado. Meu namorado era branco, e é branco, mas ele é meu ex-namorado, e ele nunca tinha vivido isso também, então eu não tinha um apoio, um suporte, uma rede de apoio, eu tinha zero. Eu tava lá sozinha, com 18 anos, enfrentando tudo sozinha, numa outra língua, num outro país, não sabia de nada, essas coisas, racismo, assim, explícito, nunca tinha acontecido comigo aqui. Então, pra mim, foi um susto, muito grande. Até eu entender tudo que tava acontecendo, eu demorei muito tempo, e isso foi me fragilizando. E essa história, essa vivência do racismo, ela veio agregada à vivência do assédio, à vivência do sexismo, do machismo, à vivência da xenofobia. Então, era tudo muito agregado, era muito juntinho. Então, até eu conseguir diferenciar e entender — às vezes, nem a separar, mas eu acho que entender as tangencialidades, os tangenciamentos de cada uma das coisas — foi um processo muito dolorido, e eu fazia muita terapia, comecei a tomar remédio. Minha psiquiatra é sempre daqui, minha psicóloga é sempre daqui, e aí eu fui sentindo que na minha cabeça começou a surgir a ideia de que, se eu tivesse tido uma rede de apoio, eu sofreria menos, ou que eu lidaria melhor com a forma, com o meu sofrimento. E foi aí que eu comecei a procurar, sempre autonomamente, a estudar sobre isso. Então, sobre pessoas negras, sobre negritude, sobre feminismos negros. Então, fui procurando autoras brasileiras, a maioria delas mulheres, mas também, muitos autores negros não brasileiros, internacionais também, pra entender o que que tava rolando, o que que eu podia fazer, me entender, sabe? Eu já tinha entendido que meu lugar não era ali, então, onde que era meu lugar? O que que era? O que que fazia sentido pra mim? Não tinha ninguém com quem conversar, o que que eu vou fazer? Então, fui buscar nos livros esse conhecimento. Eu sempre fui uma menina muito teórica, muito de estudo, sempre tive muito destaque acadêmico e tal, então pra mim não foi difícil acessar os livros e a teoria pra entender. Fui juntando com a graduação, com a psicologia, claro que lá isso não é abordado da melhor forma possível, então eu fiz quase que uma graduação paralela, bem centrada nessas coisas. E aí foi quando eu decidi voltar pro Brasil, quando eu concluísse minha graduação, pra eu poder estudar sobre as pessoas negras no Brasil. Lá, ainda na minha graduação, a minha monografia foi sobre o processo de identidade de adolescentes imigrantes. Então, eu já fui trabalhar com um grupo minorizado, porque eu achei que era significativo pra mim, refletia muito a minha situação. Eu não era adolescente, mas era uma jovem imigrante, sozinha, e usei da minha vivência pra poder me aproximar a essa literatura e a esse tema. Mas eu falei, cara, eu quero mais, eu quero entender e quero contribuir pras pessoas como eu, pra que pessoas que passaram por qualquer coisa parecida com a minha, possam ter uma experiência diferente. Não quero que ninguém sofra do jeito que eu sofri. E

aí foi a decisão que eu tomei de voltar pro mestrado, voltar pro Brasil pra fazer o mestrado. E aí, hoje em dia, o meu mestrado tem esse recorte de mecanismos de fortalecimento da população negra, dos processos de subjetivação da população negra. Então, o que a gente pode fazer? Quais recursos a gente pode usar? Quais mecanismos a gente pode lançar mão pra poder nos fortalecer enquanto pessoas negras? A minha ideia no mestrado é não trabalhar na perspectiva do racismo, no sentido de não usar sempre a narrativa do sofrimento, da dor, da luta. O povo negro é um povo sofrido, é um povo lutador, é um povo guerreiro. Concordo, e realmente somos. Mas eu quero... A nossa vivência tem que ser mais que isso. A minha vivência na Itália não podia ser a única vivência possível pra mim. Eu não podia só sofrer daquele jeito que eu sofri. Então, eu quis buscar e tô buscando agora, através dos meus estudos, essas saídas, mais que saídas, essa mudança de chave, de visão da nossa experiência. Você quer dizer mais alguma coisa? Não, pode ir.”

3.3.2 Adis - “ Não deixar que eu tenha nada menos que qualquer outra pessoa branca”

Encontro Adis, após algumas tentativas de equilibrar nossas agendas. Adis viveu uma série de viagens recentes, pessoais e profissionais. Logo me pareceu alguém com um trânsito interessante. Chega através de Nairobi. O encontro fora em meu consultório. Falamos sobre brevidades e sobre viagens. Adis traz em seu relato os impactos da cor sobre sua família, na sua trajetória acadêmica, religiosa, profissional e mais recentemente, elaborações sobre a vida amorosa. Há uma marca muito rica sobre a diferença das relações étnico-raciais no Brasil e em sua experiência, na Inglaterra.

- (Pesquisador): “Conte-me a sua história de vida. - Eu sou de Belo Horizonte, eu nasci em Belo Horizonte, eu tenho 29 anos, vou fazer 30 agora. Nasci em Belo Horizonte e morei a vida inteira em Contagem.

O meu pai é um homem negro, minha mãe é uma mulher que eu entendia como branca até muito... Eu sempre cresci entendendo [a mãe] como branca, mas ela é parda, e eu sei que hoje em dia, pela convivência da nossa família, ela se reconhece como parda, mas ela sempre teve essa coisa: “Não uma mulher preta, eu sou uma mulher preta!”. Minha irmã é gêmea também e meu pai veio de uma... ele veio meio que de primeira geração que quebrou [o ciclo da pobreza].

;Meu avô quebrou o ciclo de pobreza, ele veio de segunda geração, foi o primeiro da minha família a trabalhar numa multinacional, a ir pra faculdade. Então, ele que quebrou isso na nossa família e deu pra mim e pra minha irmã uma vida melhor, bem melhor do que a que ele teve. Ele nasceu numa favela, eu e minha irmã já nascemos numa família de classe média e

classe média alta, então eu não tenho contato, não tive contato com o tipo de coisa que ele teve crescendo.

Só as histórias, só ouvindo as histórias e sabendo que a minha família também não cresceu tanto quanto ele cresceu. E aí eu sinto que a gente tem até uma distância entre a família dele e a gente, e até a família da minha mãe, que também veio de uma... que não é uma família negra, é uma família branca, branca pra parda. Eu sinto um distanciamento entre eles e nós por essa coisa do contexto, enfim, forma de vida.

Cresci nessa família, nunca me faltou nada, sempre estudei em colégios particulares, em Contagem. Passei numa universidade, meu pai e minha mãe sempre investiram muito na nossa educação. Eu sempre falo 'nossa', porque sou eu e minha irmã, então é difícil só me colocar, mas eu cresci nessa família em que o estudo e a educação eram muito valorizados, como uma forma de ser alguém na vida. O clássico de sempre da família negra. Então eu cresci, minha personalidade era estudar, a minha personalidade era... Eu sempre cresci num colégio de pessoas brancas, estudei a vida inteira naquele colégio com nome de santo, que só tem gente branca. Eu era a única mulher negra, entrei lá com oito anos, sete anos de idade, e aí eu já sabia qual era o meu lugar ali; eu estava ali pra estudar.

Então eu não tava ali necessariamente pra fazer amigos, apesar de que fiz muitos, nunca tive problema. E também não tava ali, eu sabia que eu não ia ser mais popular, não ia ser mais a vista como bonita, por estar cercada de muitas pessoas brancas. Ser excelente no estudo me ajudou nisso, então, eu, com certeza, devo ter vivido muitos episódios de racismo ao longo da minha presença lá nesse colégio, mas, eu quase não lembro e não percebi, porque pra mim era um ambiente tão...como o que é recompensado na escola é ser bom nos estudos, eu era muito boa, então aquele ambiente era o meu lugar.

Então a coisa do racismo ficou uma coisa... eu não percebia muito o que acontecia comigo, apesar de ser muito consciente. O meu pai desde criança falou com a gente, meu pai tem um letramento racial muito bom, lia autores negros, ouvia cantores negros, foi pra universidade, mesmo um pouco mais tarde do que as pessoas vão, mas ele foi pra PUC, inclusive, e sempre trabalhou numa multinacional. Cresceu, foi o primeiro diretor negro da (grande montadora de automoveis) no Brasil, então ele, e mesmo assim, ele tem essa coisa de letramento racial, então, ele já com 10 anos de idade, ele já sentou eu e minha irmã numa cadeira, pegou o quadro branco que a gente tinha no quarto lá de estudo, e falou: 'Olha, vocês são duas mulheres negras. Na sociedade, existe o homem branco, a mulher branca, o homem negro e a mulher negra, vocês estão aqui. Desenhou a pirâmide, na base da pirâmide, vocês têm que se esforçar muito mais pra poder alcançar as mesmas coisas. E como que vocês vão se esforçar? Estudo e trabalho.

Então foi isso, ele já falou muito claramente com a gente desde criança sobre isso, então eu entendi o meu lugar, que eu era uma mulher preta, negra, e que eu tinha que estudar. O que eu tô fazendo na vida é estudar, então, não tinha muita margem.

Em contrapartida, eu também sempre cresci na igreja, a gente cresceu na igreja evangélica da Lagoinha, que tinha um trabalho muito bom com crianças e adolescentes, então, eu tinha contato com pessoas de diferentes ciclos sociais, desde gente que mora em Nova Lima, num condomínio, até gente que mora na favela da Lagoinha, aquela favela ali, que eu esqueci o nome. Então, acho que isso me ajudou muito também, a não conviver só com aquelas pessoas brancas do colégio com nome de santo, mas também conviver com pessoas de outras classes. E aí eu fui pra universidade, eu sempre já, por eu me dedicar, acho que o Colégio com nome de santo tem muita essa coisa do autoconhecimento, em que eles te estimulam a se conhecer, tem até aquela coisa, aquela frase que eu gosto dele, que se chama, 'conhece-te, aceita-te e supera-te', então toda a educação que eu recebi foi focada nisso. Acho que eu sempre tive essa coisa muito do autoconhecimento, conhecer o que eu quero, pra onde eu vou, e, desde cedo, eu diria ali na quinta série, eu já sabia que eu queria trabalhar no governo, não sei como, mas, eu quero trabalhar no governo.

Conheci a Condoleezza Rice, que foi a primeira ministra norte-americana negra do governo Bush, foi de defesa na guerra do Iraque, então ela sempre foi uma referência pra mim, eu falei, quero ser como essa mulher, quero estar no lugar onde eu faço as coisas mudarem, onde eu mudo realidades, onde eu mudo essa desigualdade do nosso país, onde eu trabalho em prol de quem precisa, e sempre cresci com isso na minha cabeça, não sabia como. Descobri que existia aqui em Minas a Fundação João Pinheiro, que é um "IBGE" de Minas Gerais, e lá tem uma escola de governo, que você entra pelo ENEM, estuda administração pública, e já sai como servidor público de Minas Gerais. E aí foi tudo o que eu precisava, ingressei nessa carreira, passei, estudei, trabalhei no governo em diferentes secretarias, trabalhei na iniciativa privada também, no banco privado e lá passei [por racismo]. No governo, nunca tinha passado por racismo explícito, violência racial, assim, todo dia, né, todo dia.

Cresci com essa coisa da autoestima, por exemplo, minha autoestima sempre foi muito forte, profissional e acadêmica. Pessoal, nunca tive grandes problemas de autoestima, mas foi a área mais frágil pra mim, por essa questão da solidão da mulher negra, de quem me dá afeto, né, quem me dá afeto. Não era um afeto abundante como era, de mulheres brancas, que, por mais básicas que fossem, recebiam um monte de afetos, enquanto eu não cresci recebendo.

Isso em termos de pessoa, sei lá. Namoradinha, eu nunca namorei na minha vida, tive meninos ou meninas na infância que gostaram de mim, mas, era uma coisa meio escondida, uma coisa que eles queriam manter no sigilo. Então, eu cresci com isso. Então, acho que eu diria, de violência racial, eu tive muito na... Já tive na escola, por exemplo, quando fui resolver, eu sempre alisei meu cabelo na [época] escola, e aí a primeira vez que eu fui deixar meu cabelo natural, um caos, piada, violência, nunca mais deixei.

Passei pela transição na faculdade, foi a melhor coisa que eu tive. Então, eu diria que as violências mesmo, diretas a mim, vieram quando eu fui para o banco privado. Eu fui trabalhar num time de políticas públicas de lobby de São Paulo, em que todo mundo veio da mesma coisa, todo mundo veio da elite paulista, todo mundo teve as mesmas... cresceu jogando tênis no lugar XYZ, cresceu na escola particular XYZ. E eu cresci, apesar de ter vindo também de um contexto privilegiado, não era esse o contexto.

Eu era a única mulher negra, fui contratada como especialista. Processo seletivo, arrasei! Eu sei que eu arrasei, não foi um processo seletivo direcionado a pessoas negras. Foi o processo mais longo que eu já fiz na minha vida e ok, arrasei, entrei. Quando eu entrei, a todo momento eu sentia que eu tinha que ficar me provando. Parece que as pessoas acreditavam em mim até o momento em que eu entrei.

Quando começaram a ter mais acesso a mim, parece que elas ficavam sempre se perguntando por que ela entrou, de onde ela veio, como que uma mulher negra..., como ela pode estar aqui nesse time, ganhando muito bem e fazendo o trabalho que ela está fazendo. Então, eu tinha essa coisa de ter que ficar me provando, não porque eu me colocava essa carga apenas, mas porque eu sentia o entorno me cobrando isso. A minha chefe era uma mulher branca, da elite carioca, e, com ela, ela foi a chefe que mais me fez violências raciais, racismo real.

Ela não admitia, ela ao mesmo tempo que gostava de mim, ela também era muito racista comigo. Então, com um mês de banco privado, você tem um processo de *onboarding*, que é a introdução à empresa, durante três meses. Ninguém faz nada, você não tem que trabalhar, você está ali aprendendo, fazendo coisas menores.

Na minha primeira semana, eu já estava fazendo entregas que eu só deveria estar fazendo depois de três meses. E eu estava entregando muito, recebendo muito *feedback* positivo para todo lado, e aí, com o meu primeiro mês de banco privado digital , ela vira para pra mim e fala: “Aqui, Adis, quero já fazer uma avaliação de performance com você, e eu queria te perguntar se você trabalha oito horas mesmo, por dia, porque não é o que parece. Não é o que as suas entregas mostram”. E aí, ela começou a falar: “Porque aqui no banco

privado, a gente gosta muito de diversidade, como você, mas a diversidade é boa, desde que ela se adapte ao ritmo do banco privado. E não me parece que foi o que aconteceu com você, você ainda não se adaptou ao nosso ritmo”. E eu só ouvindo, ouvindo, ouvindo, ela foi falando vários outros absurdos e eu só ouvindo, ouvindo, ouvindo, sem entender, quer dizer, entendendo, mas, sem entender, não tinha embasamento nenhum o que ela está falando. Eu entreguei e estava entregando mais do que todo mundo do time, mais do que todo mundo que entrou comigo, inclusive. E aí, eu formalizei tudo.

Eu, que não nasci ontem, já tinha passado por assédio moral antes da minha vida, formalizei tudo e falei; ‘Aqui, não vou te responder nada agora, vou te pedir um tempo para eu digerir o que você me falou. E aí, eu anotei tudo o que ela falou, no Google Docs, mandei para ela, e falei. ‘Fulana, isso aqui é o que você me falou na segunda-feira, é isso mesmo? Te mandando aqui só para eu ver se eu entendi direitinho, para ver se é isso mesmo”. No que eu mandei, ela ficou desesperada, desesperada, nunca vi aquela mulher tão desesperada!

E aí, era o Google Docs, eu só fui vendo aquilo, ‘raposa anônima’, quando o usuário acessa o Google Docs e está anônimo, dá para ver quem está editando. Um monte de gente vendo, ela provavelmente compartilhou para outras pessoas, para elas ajudarem ela e me chamou no dia seguinte. E começou a me dar um monte de *feedback* positivo, e falou: Adis, você é muito boa! Ficou 40 minutos só falando bem de mim. ‘Você é muito boa, você só entrega coisa boa e você se adaptou ao ritmo do banco privado digital, e não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. Com certeza, ela é munida por 300 advogados, 300 pessoas ao redor dela.

Enfim, e aí teve várias outras coisas, era microgerenciamento que ela fazia comigo, era desmerecendo tudo o que eu fazia, eu entregava coisas, outras pessoas do time e outras pessoas de outros times do banco digital privado davam super *feedback* positivo, e ela não reconhecia nada do que eu fazia e escondia tudo o que eu fazia. Só mostrava o que eu fazia quando alguém falava lá no grupo, lá no *aplicativo*, no *chat* da empresa. E eu vivi nesse ambiente de violência, me forçando a ficar, porque eu não queria desistir, não queria ser aquela que desistiu, só que estava ficando insustentável. Eu me aquilombei. Lá no banco privado digital tinha um coletivo de pessoas negras, que só tinha pessoas júnior e plena, não tinha ninguém do meu nível. O que para cima, porque o banco privado digital era um lugar racista mesmo, teve até um episódio do Roda Viva, acho que vale a pena ver, do Roda Viva, da C. J., é racista mesmo, é um ambiente racista, em que pessoas negras, que são sêniores para cima, vão ter dificuldade de crescer e de ficar ali e é por isso que eles nem iam para esse coletivo, porque esse coletivo de era muito mais de inspirar. Olha que lindo, muito mais de inspirar do que de combater o racismo estrutural, porque o racismo estrutural ali custava caro.

Quem quisesse combater esse racismo era demitido, então os times de diversidade e inclusão, de ESG, de tudo, eles ficavam ali lutando pelas próprias vidas e fazendo o pouquinho que dava pelos outros e eu sinto que esse é o lugar que eu passei. Esse é o lugar que eu me vejo. Hoje em dia, eu também sigo em espaços embranquecidos pelos privilégios que eu tive na minha história, de ter uma boa educação, de ter uma história internacional. Estou num espaço privilegiado e sinto que essas violências racistas que eu vivo nesses espaços, eu não consigo ser 100%, não consigo permanecer neles e ser 100% transparente e não consigo confiar, não dá para confiar. Descobri que não dá para confiar 100% em pessoas brancas, porque em algum momento] elas vão te mostrar que elas são brancas e que elas vão te mostrar que você está abaixo. É o que eu percebo. Enquanto eu estou abaixo da pessoa branca, está tudo certo, ela me vê: 'Nossa que linda, que talento, que esforçada!', Não sei o quê... Mas, quando eu começo a disputar os mesmos lugares da pessoa branca, ou até a mais, aí ela fica indignada, aí ela começa a fazer de tudo para derrubar, não só a mim, mas como estou cercada de pessoas negras em espaços privilegiados também e é isso. É o relato que todos me trazem, é o relato que eu já vivi, é o relato que todos me trazem, que você não pode ser 100%, você tem que estar se blindando a todo momento dessas violências. Você não pode deixar as pessoas brancas terem acesso a você 100%, porque se elas têm muito acesso a você, elas começam a desprezar o seu trabalho, menosprezar aquilo que você é, começam a ter mais ferramentas para poder te derrubar e esse é o "ambiente cooperativo", não só cooperativo, o ambiente cooperativo das instituições que foram criadas, que foram criadas para expulsar as pessoas negras de lá. "Elas não foram criadas para pessoas negras. O Estado brasileiro foi criado para ser racista, a polícia, por exemplo, foi criada para matar pessoas negras, o Estado brasileiro foi criado para dar privilégios para pessoas brancas e quando as pessoas negras chegam lá, elas se encontram com isso, e eu me encontrei com isso, e por mais que eu fique indignada e queira fazer transformações por mim e pelos outros, eu ainda sou a segunda geração de pessoas negras, eu ainda estou lutando pelo meu, e eu sinto que as pessoas negras hoje em dia também estão nisso. Elas têm violência racial todo dia, não só tem a microagressão ou a macroagressão, mas, elas estão lutando por si, então por isso que eu vejo que não há uma denúncia, eu nunca denunciei racismo, eu denunciei no banco privado digital. Quando eu pedi demissão, eu pedi demissão pelo racismo que eu sofri, pela violência psicológica, racial, pelo microgerenciamento, porque ela era uma péssima gestora também, enfim, e eu só tive a coragem de denunciar depois que eu saí, porque eu sei que se eu denunciasse antes, o meu lugar estaria ameaçado ali dentro e eu não recomendo ninguém de denunciar. É um lugar assim, ao mesmo tempo que é importante para a estatística, para o movimento, para a gente combater esse tipo de coisa, é muito importante que você vá lá, faça o BO [Boletim de Ocorrência], ou que vá para o julgamento, etc, só que é uma luta solitária, e quem sai perdendo é sempre a pessoa negra, ela sai perdendo, ela pode até ganhar no tribunal, o que seja, mas, ela sai perdendo, porque quem fica aí no holofote é ela. E aí tem gente que, século XXI, tem gente que questiona se existe racismo até hoje. Eu

já ouvi várias pessoas brancas ao meu redor questionando se tem racismo mesmo. É, pessoas brancas que estão perdendo o privilégio hoje em dia e questionam pessoas negras, então, eu sinto que é um pouco isso, a minha vivência. Eu tenho o trabalho. É importante para mim, é por isso que essa é a parte que eu estou relatando mais, e a outra parte que eu acho que vale a pena mencionar é a parte da violência, o racismo nas relações. O racismo no meio corporativo eu já me qualifico para lidar, então, além de eu estudar a minha área de estudo, que é política pública, avaliação de políticas públicas, eu também tenho que estudar sobre como sobreviver no mundo corporativo, *soft skill*, como que eu sobrevivo no mundo corporativo sendo uma mulher negra. Então, eu trabalho, me qualifico duas vezes e essa parte é mais confortável para eu falar. Agora, essa parte, a outra parte que mais me move, e que me toca individualmente como mulher negra é essa, é uma parte que está aflorando mais em mim, porque eu nunca me permiti muito olhar para a minha área afetiva, olhar para a minha área de relacionamentos, era uma coisa que eu sempre falava, não vou gastar tempo, eu tenho que colocar a minha energia em crescer, em crescer e me sustentar, em ter prosperidade, em crescer profissionalmente, e sempre negligenciei essa parte, porque eu sabia que essa parte me carrega, eu carrego várias violências que eu já sofri ao longo da minha vida, por não poder crescer não tendo referência de pessoas negras, bonitas. Eu fui começar a ter referência de pessoas, mulheres negras bonitas há 10 anos atrás, apenas, então, os 20 anos que eu vivi foram de, o bonito é ser branco, o bonito é ser loiro, o bonito é ter cabelo liso, o bonito é ter o biotipo físico branco, europeu e aí eu já me reconectei. Já tirei esse *band-aid*, já me acho bonita, já tenho referência de mulheres negras bonitas, mas, essa coisa do afeto não vem, então eu sinto que eu namoro a mim mesma a todo momento, e eu, me nutrido de amigas e de familiares que me dão amor, mas, não tendo afeto de outras pessoas, tanto, é uma coisa que eu busco, eu cresci em ambientes sempre embranquecidos, então eu tive que virar a chave pra eu começar a ir atrás de afetos negros. Mas afetos negros que não estão nas minhas redes de relacionamento, eu me relacionava, eu tinha ao meu redor apenas pessoas brancas, então, isso ainda é um quebra-cabeça para mim, essa violência no campo afetivo que é muito cruel, porque eu fui condicionada a gostar só de pessoas brancas. Mas eu não vou ter o afeto delas, nem nunca tive. Tem inclusive um homem, um amigo meu, por exemplo, negro, tem um amigo branco e aí esse amigo branco deu *match no Tinder*, no aplicativo, e aí ele não é bonito, é o branco básico, ele só estudou na mesma universidade que eu na Inglaterra. Básico, não oferece nada, é o branco que as brancas não quiseram. Aí ele só se relaciona com mulheres negras, só se relaciona, é o que eu vejo. Homens brancos básicos, que as brancas não quiseram, vão buscar o que? Mulheres negras, que já estão carentes, que já não recebem tanto afeto, vão buscar nelas, então, ele veio para mim, e

mesmo assim não me tratou do jeito que eu mereço, não me deu nada, está acostumado a dar migalhas, e aí eu já cortei, não tem espaço na minha vida, mas é uma parte cruel para mim, é uma parte sensível para mim, porque é isso, tanto homens, eu percebo, homens negros, contando da minha experiência, homens negros e homens brancos já estão acostumados a dar migalhas afetivas para mulheres negras. E aí, se elas não aceitam, e a mulher negra que não aceita as migalhas, ela tem que fazer um esforço muito maior para poder se relacionar, e é meio cruel pensar, isso me machuca quando eu parei para pensar sobre isso, e é um pouco cruel, mas eu também não quero deixar gastar muita energia com isso, é um tema que eu trato na terapia, mas eu não gosto de gastar tanto tempo com isso, porque é ruim, é cruel. Por que eu tenho que gastar energia com isso, sendo que eu já estou gastando muita energia em outras áreas da minha vida? Já estou gastando energia na minha área financeira, aprendendo como investir, na minha área profissional, aprendendo como navegar com os tubarões, como sobreviver nesse mar, nesse oceano vermelho, na minha área acadêmica, conciliando tudo, e ainda tenho, ainda no lugar que você está mais, que eu estou mais vulnerável que a área do afeto, ainda sofre essas violências, e me relaciono, e como eu não estou cercada, como tem menos pessoas negras ao meu redor e eu quero me relacionar com pessoas negras, elas são mais escassas, então é mais difícil ter pessoas negras com o mesmo perfil que eu, etc.

Então eu acho que a violência racial está em tudo isso, está nessas formas mais sofisticadas. O que eu passei na minha vida, felizmente, não foi, ou não, não foi, nunca vivi muito essa coisa do racismo, da violência, aquele último nível, que é o nível de racismo mesmo, de agressão, violência direta. As violências raciais que eu sofri foram mais essas sofisticadas, e para mim são as piores.

Eu até preferia que no Brasil a gente não tivesse essa coisa, esse racismo tão entranhado, que é tão sofisticado, que te faz até questionar se ele existe mesmo. Aqui, em outros lugares, como nos Estados Unidos, que tiveram segregação, África do Sul, teve a segregação mesmo. O branco fala, não vou te contratar porque você é negra. Aqui não. Aqui ele não vai falar isso. Ele vai falar, não vou te contratar porque você não é tão qualificada.

Eu acho que isso é muito mais! Os mecanismos do racismo no Brasil são muito mais sofisticados e perversos do que em lugares que tiveram a segregação, e que, por causa da segregação, também tiveram o aquilombamento. Aqui no Brasil, acho que a gente está descobrindo agora o aquilombamento sem deixar de reconhecer todo o trabalho que já foi feito com os nossos antepassados. Que eles tiveram resistência, eles criaram o quilombo, eles aqui estão querendo, mas, eu sinto que depois da abolição da escravidão, criou-se essa

coisa de que o racismo não existe mais. E aí, isso foi para a comunidade negra também. E aí, nisso, eu acho que a gente perdeu. Por não se aquilombar, por querer embranquecer.

Acho que a gente teve esse processo de querer se embranquecer, não querer, de ter sido obrigada a embranquecer, para crescer, para ter dinheiro, para ter uma casa. Porque se eu fosse negra, não tinha casa naquela época. Não podia habitar em bairros brancos, que eram os bons.

E é isso, acho que o meu momento atual é esse, de navegar em espaços corporativos brancos. Acabei de entrar no processo seletivo de uma organização internacional, por um processo focado em pessoas negras. Eu nunca tinha passado isso na minha vida. Não foi um processo diferente em nada. Acho que teve mais suporte do que outros, teve mais cuidado. E a minha batalha hoje nesse processo seletivo é essa. De entender que eu entrei nesse processo seletivo e de não deixar que eu tenha nada menos do que qualquer outra pessoa branca tem nessa organização. E de ficar totalmente assim. É isso.

Podemos encerrar? Podemos.”

3.3.3 Joan - “ Eu fui mobília na casa dos coronéis”

Encontro com Joan no ambiente universitário, na pós graduação, em vários momentos. Chego até ele, através de minha orientadora e a realização da narrativa acontece na própria universidade. Joan fala de forma culta e usa as palavras com garbo e elegância. Chega após uma aula e percebo que existia uma vontade muito grande em falar. Organiza sua fala em tempos. Coloca em papel uma espécie de roteiro. Trata este encontro com muito respeito. É admirável. É a narrativa mais longa. E tem uma riqueza de significantes, assim como as outras, muito grande. Chama atenção a essa altura, como família, corpo, limites e usos outros dos impactos da raça e do racismo aparecem nos sujeitos estudados. Joan narra uma vida no interior de Minas e seu trânsito no mundo. Muito relevante o cenário do interior de Minas aparecendo aqui, e mais ainda, o dia a dia de uma família preta numa fazenda. É possível, num exercício imaginário e de resgate de memórias, quase sentir as cenas narradas.

- “ Bom, pode ser? Qual é a sua história de vida? Leandro, primeiro é uma alegria poder falar um pouco dessa história de vida enquanto tal, porque é uma vida que vai se sustentando, é uma vida que vai rompendo uma série de barreiras que, quando eu fui me dando conta da própria estrutura racista que, de alguma forma, vai na vida mantendo estratégias, ritmos, definindo lugares e, às vezes, até destinos, eu, de alguma forma, posso dizer que foi possível lidar minimamente com tudo isso. Então, como homem preto, periférico,

de uma família também majoritariamente preta, eu vou te contar um pouquinho sobre a minha família. A minha família, ela, meus pais, minha mãe, meus pais estão vivos ainda hoje, estão bem, já estão aposentados.

Minha mãe, lavadeira de roupas, na casa de uma família bastante conhecida na minha cidade, uma família de fazendeiros, de coronéis. Meu pai, raspador de tacos, ele trabalha com pisos, então, trabalhou durante 35 anos nessa função, então, ele é um profissional autônomo, que hora tem trabalho, hora não tem trabalho. Vão aparecer também alguns elementos interessantes da experiência do meu pai nessa narrativa.

E também, eu tenho um irmão, tenho um irmão. Eu até teria dois, porque minha mãe teve uma gravidez e um aborto no período que ela estava, a gente estava construindo um muro de arrimo lá na casa, na nossa casa, e aí, no caso, ela estava de servente pedreiro e não sabia [que estava grávida]. Então, foi demais para ela nesse sentido.

Mas eu tenho o meu irmão, o J., ele tem 40 anos, minha mãe, Maria, e meu pai, J.. É, Eu vou tentar fazer essa narrativa, eu pensei assim, numa lógica *Sankofa*, que é aquela lógica em que a gente, às vezes, a gente olha para trás para poder entender aquilo que a gente está vivendo nesse momento presente. Né!? Então, eu vou, eu tentei pensar alguns momentos, algumas cenas que me tocam muito, e em algum momento eu olho um pouco para trás e vou e volto um pouquinho.

Eu começo dizendo que assim, eu fui mobília na casa dos coronéis. Eu entro na vida e fico um ano e oito meses na casa dos meus avós, maternos e naquele momento os meus pais não tinham casa e se casaram, e estavam organizando a vida, e a família do meu pai, numerosa, não tinha espaço. A família da minha mãe, são três irmãs, então, a mais velha tinha casado, então, era possível que meus pais morassem lá com o filho recém-nascido. Então, ali começa a minha trajetória nessa família e é uma trajetória assim, é muito tranquila para mim. Eles, pais muito amorosos, muito atentos, mas, a minha mãe ela vinha de uma experiência, desde os 14 anos ela já trabalhava na casa dos coronéis. Conheceu meu pai, namoraram, e aí no caso, decidiram se casar. Minha mãe estava com 22 anos, meu pai 23, 24, e meu pai já era profissional autônomo e com um ano e oito meses, essa patroa, que já tinha se valido dos serviços da minha mãe, ela então chama a minha mãe para voltar para o trabalho, porque o marido estava com câncer.

Meu pai, ele vai trabalhar, na verdade, sempre na área dele, certo? E engraçado que, pensando um pouco melhor aqui, para essa narrativa, eu fui me dar conta de como que o meu pai, ele precisava, de alguma forma, estar na escolha que ele precisou fazer, de ter um trabalho, de mesmo morando lá, no serviço da minha mãe e aí, nesse ponto, eu até me lembro

de tantos textos, do letramento racial, que mostram que a gente muitas das vezes vai morar num quarto de empregada, e no meu caso foi a família inteira que morou no quarto de empregada. Então, me lembro muito bem do quarto, o quarto era um espaço. Hoje em dia quando eu volto lá, porque eu ainda tenho contato com essa família, então, eu fico pensando como é que a gente cabia ali dentro, né? Era um quarto, tinha a cama da minha mãe e do meu pai, tinha a minha cama, que era uma cama emprestada da família. Minha mãe sempre falava que aquela cama não era minha, né? Era uma cama emprestada, tinha uma cômoda fininha, onde ficava uma base para televisão, tinha um guarda-roupa, né? E quando vinham visitas, no final de semana, assim, colocava-se duas cadeiras no corredorzinho, que era o ponto que as pessoas, a gente transitava, era uma espécie de giro ali dentro do próprio quarto. Então ali, a partir de então, né? Começou essa experiência de uma família que estava indo morar na casa dos patrões, né? E assim, eu acho que teve duas coisas aí muito interessantes, porque assim, por um lado, eu fui móvel, mas, por um outro lado também, parece que a influência daquela família, também eu soube me valer disso para poder transitar na cidade, né? Então, às vezes eu transitava como aquele menino que morava lá na casa dos C.C. E aí, nesse sentido, algumas possibilidades, elas surgiam para mim, né? Ao mesmo tempo que a gente estava ali, de alguma forma, um tanto submetido àquela condição.

Eu era o menino que andava com esse marido da patroa, né? Que estava doente. Então eu fui o entretenimento ali, né? Uma companhia para ele durante aquele período. E até um determinado momento, eu tive uma certa ideia, assim, de que eu fosse da família, né? Eu tive uma ideia de que eu estava, assim, muito integrado com os sobrinhos, né? Que também eram mais ou menos da mesma idade e que talvez, de alguma forma, eu me sentisse até primo, né? Mas é claro que durante o desenrolar da vida, a gente percebia que as experiências e as convivências que eram para uns não eram para outros, né? Que o meu percurso, ele ia sendo outro.

Naquele momento não me afetava tanto, porque eu acho que pelo fato de eu estar muito novo ainda, né? Eu estava ainda muito ligado com o percurso da minha família, né? Dos meus pais, né? Que tinham o ritmo deles. Embora uma coisa que seja muito... A minha mãe sempre falou isso muito, né? Hoje em dia ela fala muito disso. Talvez pelo fato de, aos 70 anos, ela precisar se apropriar cada vez mais, né? Da trajetória dela e da trajetória dela conosco, né? Ela diz, assim, que havia sempre muita indicação para dizer, assim, faça isso, faça aquilo.

No sentido de, ah, fulano, vai à missa. Ah, fulano, você precisa visitar seus familiares. Só que, de repente, estava dando duas horas da tarde, né? Ela já tinha servido o almoço para quem estava em casa e estava esperando os outros, que ainda não tinham chegado, que iam

chegar tantas horas, e que ela ia passar bife na chapa do fogão, a lenha, né? Para poder entregar um bife quentinho, acebolado, e uma comida novinha, fresquinha para eles, né? E aí isso tudo ia terminar o quê? Quatro, quatro e meia da tarde.

Como é que ela ia ter força, energia, se preparar para poder sair? Então, de alguma forma, a vida, ela foi acontecendo um pouco nas brechas, né? Ou depois que a vida dos patrões acontecia, né? E esse lugar, que era um lugar dado, né? Ao mesmo tempo, eu acho que uma das saídas encontradas era da gente não aceitar totalmente esse lugar, né? Então, a minha mãe, o tempo todo, ela tentava ter as atividades dela, né? De voltar à família, de colaborar com a família, né? Ao mesmo tempo que estava ali fazendo esse trabalho, que era o trabalho profissional que sustentava, né? Era o emprego, né? Que sustentava as necessidades da família. Meu pai também, o tempo todo estava trabalhando. E um outro ponto que eu vejo nessa questão da saída, né? De não aceitar esse lugar que é dado e que de alguma forma se espera que a gente fique só ali, né? E que a gente use todas as energias e o tempo para aquela atividade que é servir esses patrões.

É que o meu pai, ele mantendo o trabalho dele, embora a maior parte das pessoas pretas, elas não utilizassem o centro da cidade. Até hoje, quando eu trabalho, né? Com o encontro afro na cidade do interior de Minas, né? Quando eu vou nas escolas de periferia, quando eu faço os encontros nos bairros, né? Eles falam que eles não têm muito o que fazer no centro. Mas é porque o centro é ainda hoje tão elitizado, tão lugar das elites da cidade, né? Que as pessoas pretas, elas não acessavam o centro da cidade.

E uma coisa que eu descobri para esse momento, dessa narrativa de hoje, é que o meu pai sempre foi lembrado como o “ nome de doce infantil” , que estava com a bicicleta dele lá no centro da cidade. Eu entendi porque ele deixava a bicicleta dele no centro da cidade. Porque era ali que ele estava fazendo a propaganda dele.

Porque se ele estivesse no centro da cidade, todo mundo que era da elite, que ficava dando voltas na cidade, na parte da manhã, depois do almoço, que eles voltavam das fazendas e tudo, eles viam que os trabalhadores estavam ali à disposição deles para poder arrumar as casas deles, para eles agradarem as mulheres. Então, dessa forma, eu entendi o quanto que meu pai se colocava ali, meio que numa lógica de vitrine. Se a gente for pensar na lógica escravocrata, quase que é um mercado de escravos de novo, mas agora de uma outra forma, porque era ele que estava se valendo de um certo lugar social para ele poder manter o trabalho dele e ele poder trazer o dinheiro para casa.

Então, eu acho que esse ponto sempre me ensinou muito. Não aceitar simplesmente o lugar que me deram. Então, esse ponto, eu acho que é um ponto de saída, mesmo quando a gente, em muitos momentos, tem que se sujeitar a um certo lugar.

E eu falo que isso não é só nesse momento da vida, não, em outros momentos também. Aos nove anos de idade, eu me tornei entregador de jornais, foi o meu primeiro emprego. Eu queria um violão, eu queria um violão, eu olhei para um lado, olhei para o outro e não tinha como pedir para os pais.

É interessante, hoje a gente discute que a juventude, os adolescentes, eles demoram muito a aprender sobre, a decidir o que eles vão fazer da vida e tudo, mas eu acho que o menino preto, ele sabe o que ele tem que fazer da vida, ele sabe que ele tem que dar um jeito, que ele não pode esperar tudo dos pais, ou ele também não pode colocar mais uma carga nas costas dos pais. Eu acho que essa experiência, é uma experiência que me ensinou muito a analisar o contexto, criou em mim uma disposição em relação à vida, que é uma disposição ativa, não é uma disposição de quem, na verdade, vai reclamar ou mesmo vai simplesmente se revoltar, mas é uma disposição ativa. Eu tenho um olhar crítico, tenho um olhar indignado, quando eu entendo com clareza e cada vez mais, essa montagem social com os resquícios dessa colonialidade que vem se abatendo sobre todos os corpos que estão nessa condição de pobreza, ou de uma marcação étnico-racial, ou até mesmo por outras questões, que a gente hoje também luta juntamente com a questão étnico-racial, mas naquele momento eu acho que isso marca para mim tanto essa iniciativa como também marca para mim essa experiência de qual foi a minha possibilidade.

Então, eu assumo essa postura diante da vida e vou, vou entregar os jornais, eu era muito pequeno, então, era o jornal Estado de Minas, na época, hoje em dia ele está online, então, o jornal Estado de Minas, durante a semana ele vinha mais fininho, então, eu pegava algumas direções da cidade, eu entregava na cidade inteira, aí a primeira semana, aí a minha mãe foi comigo, e ela foi para fazer o trajeto e tudo, aí eu aprendi o trajeto. Eu acho que as lágrimas elas são assim de, também de agradecimento, de saber que ela confiou, que ela me apoiou, e que ela também estava dentro da nossa condição social, ela também estava educando, ela estava educando, ela estava, de alguma forma, me ajudando a trilhar os primeiros caminhos, para que a vida pudesse também se sustentar. Ela apoiou o meu sonho de comprar o violão e ela acreditou nessa pedagogia que, de alguma forma, o trabalho ia cumprir uma certa função nesse caso.

Então, eu acho que teve esse ponto. E eu estava pensando muito que essa questão da música também foi uma saída para a vida. Eu não sei de onde que eu tirei essa intuição,

porque, na verdade, o meu povo sempre, o meu povo lá do materno, foi sempre muito musical, mas do ponto de vista do Congado, que eu quero falar um pouco também aqui para a frente.

Mas a gente não tinha que tocar esse violão, tinha muita gente que cantasse. Minha avó, minhas tias, os homens também cantavam muito, nos corais das igrejas, nas folias de reis, no reinado principalmente, eles eram capitães, eram cacheiros, e o reinado da minha cidade é uma semana, uma semana inteira, mas a gente vive o reinado o ano todo. Então, tinha muitos dias, mas eu acreditei que a música ia ser uma coisa boa para mim, eu gostava.

E aí, e como de fato, ela foi uma saída em vários momentos que eu vou trazer aqui. Eu acho que fazer isso interessante para os outros, pelas habilidades, foi uma saída interessante, um modo de se posicionar na vida, tanto pela música quanto pela dança. Eu também sempre fui uma pessoa que gostei muito de dançar.

Enquanto adolescente, na cidade do interior de Minas, um pouco mais crescido dessa época, eu ia muito para os bailes, sempre ia para dois bailes, tinha dois clubes. Aí a gente ia, era muito interessante, porque um clube era de classe média, tinha o clube dos ricos, que a gente nunca foi lá. Eu fui agora, já depois que eu já tinha saído da minha cidade, que eu já tinha trabalhado, tinha voltado.

Foi das primeiras vezes que eu entrei nesse clube. E aí, no caso, tinha um clube que era de pessoas de classe média. Primeiro, a gente ia nesse clube. A gente, por exemplo, era nove e meia, dez horas da noite, a gente entrava na fila, comprava o ingresso e entrava nesse clube. A gente ficava nesse baile. E ficava nesse baile até por volta de uma hora da manhã e tudo.

E tinha um outro clube, que era um clube de gente pobre. Era um clube igual... Hoje, olhando, os espaços eram a mesma coisa. O que era oferecido neles, em cada um desses espaços, era a mesma coisa.

Às vezes as músicas eram as mesmas, mas as pessoas, elas estavam estratificadas. Ali. E o meu ponto, com a minha turma, era o ponto da dança. Então, a gente terminava a nossa noite sempre lá nesse clube dos pobres.

Sabe? É como se a gente fosse ali, mostrar para aquelas pessoas, para aqueles amigos, que a gente era dali. Mas depois, a gente ia dançar com quem dançava, que eram os pobres. Aquele jeito livre e inventivo de dançar, aquilo era extremamente tocante para mim.

E era sempre assim. A gente ia nesse clube, e depois a gente ia para o outro. E isso sempre foi muito impactante para mim, porque, por exemplo, nessa ocasião, eu vi os meus

amigos de dança de lá, com quem... Porque tinha, além dos clubes, nas épocas de festas da cidade, cidade muito pequena.

Então, tinha festa no centro da cidade. Então, a gente dançava junto no centro da cidade. E a gente participava dos concursos. E a gente ganhava os concursos de dança e tudo. Só que eu também vi muitos amigos meus sendo mortos por causa do tráfico. E aí os amigos eram de lá.

A gente não fazia nenhuma separação. A gente simplesmente fazia fileira e dançava junto. Trocava os parceiros e dançava junto. Mas na hora de ver quem saía bem na vida, a gente via os do outro clube, mas não via aqueles de lá, porque aqueles de lá eram mortos. Às vezes eu voltava para visitas religiosas na cadeia e os meus colegas estavam lá. Então... Mas, de qualquer forma, é um ponto que só ia me mostrando o que significava esses marcadores de pobreza e de negritude nesse momento da vida.

Teve um momento na história da minha mãe. Minha mãe trabalhou nessa casa durante muitos anos. Essa casa dos CC. E teve uma vez que ela escutou de um dos irmãos da patroa, que eram bem sucedidos. Eles moram aqui em Belo Horizonte. Hoje já são senhores bem idosos. Então, eles... Ele falou assim, olha Maria, se seus filhos estudarem, eles podem ser aquilo que eles quiserem ser. Aquela palavra entrou de uma tal forma dentro dela, que gerou uma esperança, sabe? Naquele momento ali, ela tomou aquilo com uma certeza muito grande pra ela. Ela tem uma história de que ela estudou até a quinta série e que o tio que estava pagando os estudos infelizmente morreu.

Então, naquele momento, a avó dela disse, pois é, agora que o seu tio morreu, não tem mais quem faz os seus caprichos. Então a educação naquele momento era visto como capricho. Então, agora, você vai ter que parar de estudar.

Ela falou que ela foi à escola virando os cadernos, apagando os cadernos enquanto ela pôde. Mas no dia que ela precisou comprar o outro caderno, aí ela já não teve mais como voltar na escola. Então, quando ela escuta isso lá na casa desse trabalho, que ela já estava há tantos anos, desde os 14 anos, trabalhando nessa casa e sem ver nenhuma possibilidade, ela se enche de esperança e ela fala, eu vou estudar os meus filhos.

E, de fato, a educação, ela se torna uma... a grande saída para essa minha vida, para essas minhas mudanças de posição, para essa maneira de melhorar a vida financeiramente, para mim, para eles também, com meu irmão e tudo mais. Mas, assim, é como lá no trabalho. Para manter aquele trabalho aos 9 anos foi muita barra.

Muitas pessoas querendo aquele trabalho também e a gente disputando migalhas ali naquele momento. Nesse momento dos estudos, eu me lembro da minha mãe ir lá no professor de aula particular porque na minha época tinha exame de seleção para entrar na quinta série, que seria hoje o sexto ano, não é isso? Então, tinha o exame de seleção. Então, a gente geralmente fazia uma preparação para o exame de seleção com o professor chamado O.E. lá da cidade, sabe? Então, minha mãe foi lá e conversou com ele, sabe? Ele falou que ele não tinha vaga, sabe? Porque ele só aceitava alunos que fossem alunos de referência, né? E alunos que ele pudesse, que ele soubesse que teriam, assim, algum futuro. Sabe? Então, na minha cidade é muito comum eles perguntarem, né? Você é filho de quem? Né?

E eu sempre falei assim, olha, os meus pais, eles são, o sobrenome deles é Silva, meus pais são dos CC (sobrenome de família ocultado), minha mãe dos C (sobrenome de família ocultado), meu pai é do bairro A., né, falava pela rua, porque não era um sobrenome que as pessoas reconhecessem como um sobrenome. 'Ah, eu sei de qual família você é, né! Então o que aconteceu? Aí nesse momento, a patroa, sabe, liga para o J., sabe, para poder dizer, olha, a minha empregada esteve aí conversando com você, ela tem dinheiro para pagar. Ela dá importância para a educação do filho dela. Então, pode recebê-lo aí. Então, você percebe que tem esse ponto, né, que é um ponto de que, determinados lugares, você não acessa assim de forma tão clara. Aí você pode pensar, nossa, mas isso já tem tanto tempo, né, eu estou com 48 anos hoje, né. Mas, quando a gente vai perceber, as dinâmicas, elas parecem que elas mudam um pouco hoje em dia, mas elas permanecem às vezes as mesmas, né, da pessoa fazer um certo, uma certa seleção ali pelo olhar, né. Faz uma certa avaliação pela sua roupa, pela sua maneira que você se apresentou, né, e nesse momento teve isso, então por isso que eu disse lá no início da narrativa que, de certo modo, eu fui móbil, né. Mas, teve um momento também que houve uma espécie de se valer um pouco dessa influência, sabe, que eu acho que é uma coisa que o povo negro sempre fez na sua história, né, até porque era um povo que nada tinha, então a gente de alguma forma tinha que se valer um pouco disso. Quem que vai, quem que vai me..., quem que vai de alguma forma ser meu avalista? Não é o patrão, mas às vezes o nome dele, sabe, com o dinheiro que está na mão, que eu realmente guardei, então, talvez eu possa entrar ali ou comprar alguma coisa ali, né, naquele momento.

Então, eu digo isso porque eu acho que isso é muito interessante para poder entender como é que a educação, ela aconteceu, porque às vezes a gente pensa também assim, a educação, simplesmente, como, nossa! O menino era inteligente, né, mas no meio de tudo isso tem muita violência aí, sabe, uma violência do olhar, uma violência de algo que o outro supôs, não é, de uma forma assim selvagem em relação a você. Por exemplo, no portão da

escola, uma cena também que eu me lembrei muito nesses dias que eu estava preparando para essa narrativa, aí eu fiz o exame de seleção, fui super bem aprovado. Fiquei em 43º lugar. Esses números para a gente importavam muito, porque parecia que a gente estava descobrindo um pouco aonde que a gente estava naquela escala social, né. Então eu estava na turma B do colégio, entre todos aqueles tantos que fizeram exame de seleção, né, tinha turma F, G, H, eu estava na turma B, nossa, eu ainda estava sentando com a gente rica, filho de gente rica, né, e era interessante porque tinha uma menina na nossa turma, ela era só eu e ela, eu, ela e um outro colega, que éramos pretos, né. Mas essa menina, ela não sentia que ela era preta, sabe, ela não olhava para a gente, a gente achava ela muito bacana, muito bonita, assim, a gente tentava se aproximar dela, né, uma amizade, assim, um certo interesse, mas ela, ela não dava a mínima para a gente, sabe. A mãe dela era professora, né, acho que ela sentia que ela já estava igual os espaços de dança que a gente tinha, sabe, ela não dançava com a gente não, sabe, o espaço dela era outro, então, mas para a gente sempre era um drama, porque os nossos pais, meus e desse colega, eu até conversei com esse colega hoje em dia, ele é um cara muito interessante, ele hoje trabalha na polícia, né, ele é contador, né, e tal, então, ele, ele, nas nossas conversas a gente fala assim, você lembra quando a gente ia para o ginásio, os nossos pais não tinham comprado para nós uniforme ainda, porque os pais, eles faziam assim, eles priorizavam a nossa educação, né, e era tudo uma grande colaboração, né, eles sabiam que a gente precisava estudar, né, e a gente estudava, e a gente sabia que não dava para sobrecarregá-los, e a gente tinha uma maior tranquilidade com relação a isso, mas o que que acontecia?

Chegava um determinado momento que para poder comprar os cadernos, os pais dividiam o material escolar em 3 vezes, para poder ter dinheiro para a alimentação e para os objetos escolares, né, então o uniforme ficava para daí a um tempo, quase que lá no terceiro mês é que o uniforme, comprava o uniforme para pagar, depois de 30 dias, né, para a gente não ficar tanto tempo, e aí o que que acontecia? Lá no portão do colégio, né, os inspetores de alunos, eles passavam muita vergonha na gente, sabe? Eles ficavam falando com a gente, 'Por que sua mãe não comprou seu uniforme? Por que você veio sem seu uniforme?' Pode voltar para casa e tudo mais, e aí quando a gente foi sacando que tinha aquilo, o que que a gente fazia? A gente ficava para trás, a gente chegava um pouco mais tarde, sabe? Porque ele ia falar isso com a gente, sabe?

Mas aí pelo menos a gente não estava na frente de todo mundo, sabe? E a gente já sabia quem eram as pessoas que os pais eram do mesmo jeito, ou do mesmo aperto de vida, então a gente entrava junto, sabe? Então, até hoje a gente é muito amigo, a gente é muito amigo, a gente seguiu a vida, cada um trabalhando, estudando, né, hoje todo mundo está em

uma condição até boa, né, nesse sentido, tem as famílias, as profissões, né, e tudo mais. Mas era uma situação, assim, extremamente difícil, né, porque você não quer também o tempo todo ser desbancado, né, e tudo.

Mas a gente, assim, a gente levava isso de uma forma, sendo amigo de todo mundo, né, então tinha as apresentações da cidade, aí entra o violão, né, pegava o violão, chamava os meninos, vão cantar, gente. Então a gente tinha, pelas habilidades, né, essa possibilidade de se fazer para o outro, né, segundo o interesse do outro. E nas grandes festas da escola, tudo que tinha para dançar, a gente dançava, né.

Eu me lembro muito de uma entrevista do Maurício Tizumba, que hoje ele também faz parte desse coletivo, né, que a gente montou lá na cidade do interior de Minas (cidade de origem ocultada), ele dá muito apoio para nós, né, com a vivência dele, com a experiência dele. Teve uma vez que perguntaram para ele, essa entrevista está até no *YouTube*, né, Maurício, a entrevistadora, né, nossa, de onde que vem essa inspiração, de onde que você tira essas habilidades, esse jeito tão expressivo de ser? Ele fala assim, olha, eu tenho meus filhos para alimentar, eu tenho minha casa para poder manter, então se mandar eu sapatear, eu sapateio. Se mandar cantar, eu canto. Se mandar tocar caixa, eu toco. Porque a gente precisa manter a vida. Então esse ponto, é um ponto, é um ponto que sempre, sempre orientou muito, né, essa posição, né.

Eu acho até curioso, assim, né, a gente ver isso agora, nesse movimento assim, nessa narrativa, porque a gente não pára para pensar isso, a gente só faz, sabe. No dia a dia, a gente cria a estratégia, sabe? A gente sabe que a gente tem um compromisso com a sobrevivência, com o bem-estar, a gente sabe que a gente está ali coletivamente, né, porque os meus colegas estavam comigo, então, enquanto eu estava lá, eles batiam palma. Então, assim, é muito interessante isso, é tão interessante, porque eu me lembro, nesse contexto, esse meu colega, que até hoje, né, a gente convive muito e acompanha muito a família dele, né, ele tem uma história sobre mim que me toca muito. Porque a gente ficava, assim, nesse período de escola, vendo, né, o pessoal com as mochilas da *company*, né, com os tênis, né, com o macacão, né, jeans, os camisões, né, que era a moda da época, né. E a gente não tinha condições de comprar a moda da época não. A gente ia limpo e arrumado, mas a gente ia do jeito que dava, né, e tudo, e tinha uma colega nossa, que ela era de uma confecção, né, e então, numa dessas histórias, assim, né, de festa lá no colégio, ela me traz da confecção dela, a gente era muito amigo lá e tal, e ela me traz da confecção dela um camisão, sabe, uma camisa jeans, que era a própria da época. Gente, e assim, foi uma história esse negócio, né, e achei curioso, numa conversa que eu tive com esse amigo, depois de tantos anos, né, ele lembrar dessa história, né, ele falou assim, nossa, mano, na hora que aquele camisão

chegou lá na sala, ele falou assim, não, mas agora já está matando a pau mesmo, nossa, mãe, essa festa esse ano vai ser tudo, porque imagina como é que você vai chegar aqui, mas, para dizer assim um pouco de como que a gente ia levando tudo isso, né, as invenções, né, a possibilidade que a gente ia criando pelas amizades, né, a gente tentava de alguma forma diminuir um pouco, né, daquela distância, né, porque assim, é verdade que como os, as crianças, né, que eram da minha idade lá daquela casa onde eu cresci, né, depois nunca mais eu vi, ninguém me reconhece.

Como também alguns colegas, né, que estudaram conosco, que também assim, não, não segue uma amizade, desse momento específico, né. A gente tem turma de terceiro ano que se encontram e tal, né, mas assim, são pessoas que também passaram por situações parecidas, porque de alguma forma quem estava igual a essa minha colega que era preta, mas, que sentia que não era preta como eu sou preto, né, então ela não tem nenhuma, não tem nenhuma ligação, não tem nenhuma convivência. Até hoje a gente vê na cidade e ela ainda sente que ela, ela é, ela é de uma outra, ela pertence a um outro mundo. Eu vou usar essa expressão porque eu não estou tendo aqui uma outra expressão, né. Então acho que assim, eu fui lembrando de algumas cenas e de fatos porque realmente tudo isso, foram assim, estratégias que foram definindo, em muitos momentos, lugares. Foram possibilitando acessos a determinadas oportunidades ou não, né, e tudo isso foi muito importante.

Por exemplo, teve também um momento em que lá ainda na casa dessa família, né, minha mãe trabalhou lá por 23 anos. Você pode imaginar, sem carteira assinada, né. Dedicção mais que exclusiva, né, que como eu falei, nós vivíamos a nossa vida nos intervalos, né, em que eles de alguma forma davam, para que a gente pudesse viver a nossa própria vida de família, né, porque do contrário era faz isso para mim, fulana, põe isso aqui para mim, fulano, faz isso aqui para mim, não, mas, isso aqui não está pronto, não, nossa! Mas, já está acontecendo, né, e minha mãe estava lá, né, cozinhando para político famoso né, os políticos, né, é a família do político famoso, né, então o avó, político famoso, frequentava essa casa. Minha mãe cozinhou para ele, juntamente com os políticos, né, a esposa do político, quando seu esposo morre, a vai ficar lá nessa casa e depois vai para a fazenda dessa família, né. Tudo isso a gente viveu ali naquele ponto, né, e curiosamente, a minha mãe escuta uma frase assim, ó, quando ela, acho que quando a patroa foi percebendo que minha mãe já estava ficando com 30 anos, né, e como todo mundo sabe, né, a gente vai ficando com uma certa idade, a gente precisa também já estabelecer as coisas, né, porque também se o empregado vai ficando muito velho, né, ele vai ficando meio, pode ter algum problema, ficar sem serventia, né, então, quando minha mãe foi ficando com uns 30 anos, ela

escutou essa famosa frase, ó, você tem que fazer uma inscrição para vocês pagarem uma casa popular.

A minha mãe, ela guarda essa frase até hoje. Hoje a casa da minha mãe já é dela, com meu pai, né, eles pagaram durante pouco mais de 30 anos, né, a casa popular deles, mas o detalhe curioso é que quem construiu esse conjunto habitacional foi o irmão dela, que era engenheiro, e esse empreendimento imobiliário, ele aconteceu, é, talvez por isso ela tenha dito, vocês tem que pagar, né, a casa de vocês, porque enquanto as pessoas pagam, né, é mais um dinheiro que vai ainda chegar numa certa porcentagem, né, para esse irmão, tá ajudando o investimento do irmão, né, nesse sentido, e a minha mãe, ela vai lá, ela faz inscrição dela, né, dessa vez, não pela influência da patroa, foi e fez a inscrição, né, ela foi contemplada lá na inscrição, fez a mudança dela e saiu desse serviço, depois de 23 anos, né, com uma mão na frente e outra atrás.

Não tinha INSS, não tinha Fundo de Garantia, nunca teve férias, né, mas tudo isso que a gente vê no letramento racial, né, a minha mãe passou, né, no sentido de você é da família, você é uma irmã que eu tenho, né, e a gente se pergunta, né, a minha mãe há pouco tempo ainda estava lendo Carolina Maria de Jesus e ela falou assim: “Gente, mas como que eu vejo essa história, como a minha história”, e ela falava assim: “Como que eu vejo a minha tia, a D., que me levou para lá, né, se a D. tivesse escrito essa história, né, nos impasses que ela teve com os trabalhos, né, talvez a gente tivesse histórias que conversassem muito bem uma com a outra”. Mas, de qualquer forma, ela teve a coragem, ela começou a pagar essa casa. Nessa história do meu pai ser autônomo, teve momentos que ele não tinha dinheiro para pagar a prestação da casa, que parece que, nossa, está muito acessível nas propagandas imobiliárias, mas, que na verdade, no pouco que cada pessoa pobre recebe, é muito difícil para poder manter aquela casa, e eu tenho dois pontos que eu queria deixar nessa narrativa, sabe, que é o seguinte: primeiro assim, naquele caminhão de mudança, nesses dias eu fiquei tentando lembrar, né, a única coisa que eu me lembro que estava no caminhão de mudança era a cama da minha mãe desmontada, né, duas camas novas que o meu pai tinha mandado fazer, né, porque nessa época o meu irmão já estava com 5 anos de idade, 5 para 8 anos de idade, né, a minha cronologia está um pouco misturada aqui, mas é isso mesmo, ele estava com 5 anos nessa época, né, e tinha uma mesa com 6 tamboretas, não tinha mais nada, né, e eu fico pensando como é que montou essa casa, né, onde é que estava esse fogão, onde é que estavam as roupas, eu não lembro até hoje onde é que estavam as roupas, né, e fato é que nós fomos, e teve um momento em que o meu pai, como não tinha dinheiro para pagar, ele, a COAB, começou a pressionar muito, sabe, dizendo que ia tomar as casas por inadimplência, né.

Então me lembro muito do meu pai, minha mãe, assim, conversarem muito apreensivos com o advogado, né, para poder não perder a casa, mas o medo para chegar nesse advogado, você não acredita, porque você sabe que advogado tem que pagar, né, e é claro que tem que pagar, mas como é que faz, se a gente não tem para pagar um, vai ter que pagar o outro, então foi uma situação difícilíssima, difícilíssima, eu me lembro da gente ir várias vezes, chegar na porta do advogado e voltar para trás, esse ponto foi um ponto muito complicado, sabe, porque tem momentos que você não tem como recorrer, nós sempre tivemos muita ligação com questões sociais, meu pai, minha mãe, sabe, e eu, meu irmão também, meu irmão hoje ele trabalha, hoje ele é do direito, advogado, né, mas trabalha, é conselho tutelar hoje em dia, sabe, trabalha defendendo o direito da empresa adolescente, trabalha em vários conselhos lá da cidade, né, e tal, então assim, esse ponto do social para nós, né, ele sempre foi um ponto muito importante, não sei se a gente também foi entendendo que uma das saídas da vida era a gente poder continuar sempre conversando coletivamente, para a gente poder encontrar possibilidades, sabe?

Então, esse ponto aí eu acho que é uma das grandes estratégias que os meus pais encontraram, para poder manter a vida, né, que a gente também mantém, sabe? A gente mantém, a gente nunca se afastou do social, do coletivo, e quando eu me emociono diante dessa questão de às vezes a gente não tem recurso, porque, de fato, pode ser que muitas pessoas diante das barreiras, das violências, das privações sociais, muitas pessoas fiquem resignadas, né, aí as pessoas podem falar, ah, você é preguiçoso, você não teve iniciativa, você... E eu concordo, tem isso também, né, tem gente que é de uma índole oportunista, né, tem tudo isso, mas tem muita gente também que às vezes não tem o que, não tem como recorrer, sabe? E a gente experimentou um pouco esse ponto, né, e depois a gente foi dando um jeito e a gente procurou um advogado, acho que quando meus pais conseguiram falar que eles não tinham condições de pagar, né, aí o que aconteceu? Eles foram orientados, acho que pelo menos o advogado orientou a eles dizendo que eles deveriam fazer uma conversa [com a COAB], né, redividir e nesse caso eles não precisaram pagar.

Mas, eu me lembro dessa discussão como se fosse hoje, né, eu não acredito isso a falta de informação dos meus pais, eu não acho que foi, não, eles são incapazes de entender o processo ou de, eles não têm inteligência, eu não penso que foi isso, em momento algum, sabe? Eu entendo que, na verdade, naquele momento não tinha como mesmo arcar com os honorários do advogado nesse sentido. Depois, nessa época, a minha mãe então deixou de trabalhar para essa família, né, C. C., essa família que ela trabalhou desde os 14 anos, né, trabalhou 23 anos lá e ela foi trabalhar para a cunhada, né. O irmão dela morava do lado de cima, sabe? Tem uma outra cena também que me marca muito e eu acho que essa

experiência de, é um certo aquilombamento, sabe? Que eu acho que veio dessa experiência quando a gente fica solidário, né, com pessoas, porque a minha mãe trabalhava lá, nessa época era o meu irmão, né, meu irmão já estava com 8 para 9, eu já estava um pouco mais velho, né, estudava, trabalhava, depois que eu comecei a trabalhar com 9 anos eu nunca mais parei de trabalhar não.

Aí, a minha mãe, ela levava um caldeirão de arroz com feijão e lá no armário da casa dessa patroa, né, tinha um pacote de farinha, sabe? Lá no armário da cozinha, a gente pegava um pouco dessa farinha na hora que esquentar esse arroz com feijão, quase como se a gente estivesse roubando, sabe? Porque era uma coisa estranha, né? Vocês veem o almoço aqui, né, e tal, eu não sei se também, né, a gente seria taxado como nós, mas que o povo acomodasse, às vezes não pode trazer a comida deles, né? Mas, está tudo bem, se a gente for lido dessa forma. Mas a gente levava a comida, aí minha mãe, ela me dava umas moedas para eu poder ir lá na padaria, sabe? Como a gente morou muitos anos.

Como a gente morou muitos anos ali naquele meio, né, era o centrão da cidade, né? Então assim, todo mundo conhecia minha mãe, me conhecia também, né? Eu era um dos meninos que andava naquela calçada ali, né? Como um menino dali, né? Um menino da casa dos CC., né? A minha mãe me dava umas moedas, eu acho que essas moedas valiam nada. Ela falava assim, vai lá na padaria e fala para o D., e fala para ele, compra salame para gente almoçar. Aí o D. mandava três fatias de salame. Então assim, até hoje lá em casa, ninguém come salame. Ninguém!

Eu acho que... Aí, bom, aí vem o outro momento da vida, né? Meu momento é que eu fico com quase 18 anos, 17, 18 anos, né? Nessa época eu trabalhava num escritório, né? Um escritório de uma fazenda, mas assim, eu nunca fui lá na fazenda, quanto tal, né? Eu, na verdade, só trabalhava no escritório. E aí, eu era muito ligado com as coisas da igreja, meus pais também, né? Onde a gente mudou para essas casas populares, a comunidade foi muito fraterna, sabe? Muito acolhedora, apoiaram muito e tal. Então, não sei se daí eu tirei um pouco essa decisão de entrar para o seminário, né? Então, eu fui.

Eu tinha terminado os meus estudos. Naquele ano, né, que eu estava terminando os meus estudos, eu fiz a conversa nos ambientes próprios de seleção, né? E aí, eu entro no seminário. Eu acho assim, não foi para fugir da pobreza, não foi para fugir da pobreza! E também não foi porque eu tive qualquer visão sobrenatural, sabe? Muita gente já me perguntou assim, né? Mas como é que você se torna, assim, ligado à igreja e tal? Você teve alguma coisa assim? Não, não tive. A minha vida é essa que eu estou te contando, né? É uma vida de luta, é uma vida de muita interação, né? Comunitária, né? Com essas razões,

né? E tudo. E ali, nós tínhamos um caminho, sabe? Essas interações, elas não retornavam pouca coisa, sabe? Do ponto de vista de um bem-estar, de uma amizade, de uma segurança, de uma possibilidade, de uma construção conjunta mesmo.

Meu pai, presidente da Associação Comunitária, durante dez anos, e trabalhou muito para a pavimentação do bairro. O bairro era de terra, sopa para as pessoas. Todos os dias, porque a nossa comunidade, muitas pessoas não tinham condições, como a gente também não tinha em vários momentos, né? Então, meu pai ia, fazia os contatos, entrava nos bancos de alimentos e trazia para a Associação Comunitária, tinha os cursos e a gente ia dinamizando, né? Então, eu acho que é daí que vem essa coisa de ir para o Seminário, sabe? De continuar fazendo um trabalho coletivo, um trabalho comunitário.

Eu acho que é daí. O bispo que me recebeu na época, né? Ele só falava para mim assim: “o Joan vai para o Seminário, ele é muito bom de música”. É quase um estereótipo, né? Esse menino preto aí é muito bom de música, vai levar uma alegria lá para o ambiente. Não falava de inteligência, não falava de nada. Ele só falava isso, essa frase que ficou para mim, sabe? Ele é muito bom de música. E aí, como eu te falei lá no início, né? De alguma forma, a música e a dança também foram uma saída muito interessante, né? Porque ela foi me abrindo, me dando acesso a lugares.

Mas só que eu carregava também alguns outros elementos, né? Com os quais eu tive que me a ver. Por exemplo, o reinado. A casa da minha avó era uma casa de reinado, avó materna. E o reinado estava entranhado em mim, né? E até hoje, né? Na casa do meu pai, né? Havia um cristianismo, um catolicismo mais eclesiástico. Aquele catolicismo que a pessoa vai à missa, vai para cima da missa, comunga, sabe? Confessa e volta para casa, sabe? Mas a minha avó não. A minha avó era mais o reinado, o candomblé, sabe? A gente vai tomar o passe, a gente vai lá na irmandade e canta lá em latim, mas depois a gente vai na sexta-feira, sabe? No batuque, é desse jeito, sabe? E para mim estava tudo bem. Tudo bem, né? Sempre admirei muito os meus tios capitães, com os instrumentos, com as suas credices e tudo mais.

Só que quando eu chego lá no Seminário, me deram uma outra narrativa, né? Porque eles sabiam mais do reinado do que eu. Porque a narrativa teológica, sabe? Ela é que ia purificar a religiosidade popular. Tudo aquilo era religiosidade popular e ela tinha que ser purificada, sabe? E num determinado momento, eu acho que na vida tudo é processo, né? Eu até comprei essa ideia, sabe? Comprei essa ideia, nunca falei nada com as minhas avós, jamais fiz discurso moralista, de intolerância, sabe? A vida inteira, mesmo eu no Seminário, na época do reinado eu voltava, pintava a coroa da minha avó, colocava todas as coisas prontas, mandava as capas para lavar, sabe? Ela saía linda, não é? E eu sempre entendia

que se no ano inteiro ela não acessava a praça, ela ia do trabalho para casa, passava nos lugares para comprar as coisas, para alimentar a família, né? No dia do pagamento, no dia do reinado, ela subia, passando pelas ruas principais da cidade.

Ah tá, é só uma questão simbólica, uma captura de simbólico? Mais ou menos, mais ou menos. Tem outros pontos implicados aí também, né? Mas o fato é que essa narrativa, ela quis se impor, sabe? E aquilo, aquilo foi trazendo uma série de situações, assim, sabe? Foi me sufocando um pouco, né? Até que eu me lembro que eu tive que ter uma conversa com os meus formadores, dizendo que assim, aquilo ali não se encaixava. E eu fui fazer um outro tipo de estudo, eu estudava aquilo que estava na disciplina, mas, eu ia fazendo um outro, sabe? Que na época, a teologia da libertação, ela me dava uma possibilidade muito interessante, que ela estava totalmente aberta para a questão das culturas, para as experiências religiosas, para as experiências que o catolicismo romano considerava dissidentes.

Então, eu fui fazer esse caminho para poder chegar onde eu queria chegar. É bom lembrar, né, que assim, mesmo sendo padre, a gente não está isento do racismo, né? É um dos pontos mais violentos, é justamente esse ponto, né, que quantas vezes eu sentei com o meu formador de cidade do interior de Minas, sabe? Porque no espaço de estudo mesmo, eu convivi com vários colegas que tinham também a mesma história de reinado e também sentiam um pouco essa questão de o que eu vou fazer com a minha história, né? Então, nós compartilhamos isso, encontramos professores que nos dessem possibilidade de leituras e de discussão, mas, no meu espaço imediato, onde eu iria trabalhar como padre, o tempo todo a conversa era essa, você não entendeu muito bem o que é o reinado, nós vamos purificar. Então, havia todo esse discurso de descrédito, de desqualificação, né? Esse povo, eles são tão, eles são tão sem saber, sabe? Nada a ver, que eles cantam umas coisas que eles nem sabem porque estão cantando.

E aí eu falava, gente, eu não sei se vocês já viram, nós temos uma das capitãs que ela é estudada, ela canta em dialeto africano, na época ainda falava dialeto, hoje não falo mais, eu falo língua, não é? Mas naquela ocasião parecia que eu estava tão atravessado com aquele discurso, sabe? Que eu usava um pouco desse modo de falar, mas, eu tentava dizer, olha, ela usa o dialeto africano, sabe? E ela sabe o que ela está cantando, mas, eles insistiam em dizer que eles não sabiam. Isso me causou muito mal-estar durante muito tempo, e por mais que eu tivesse um processo formativo bem sucedido, né? Foi muito bem avaliado pelos meus formadores, eles me indicaram para altos postos de trabalho, mostrando as minhas habilidades, minhas capacidades e tudo, até ocupei muitos deles, sabe? Chegou um ponto que eu falei, não quero mais, não quero mais, eu estou pagando um preço alto demais, sabe,

por tudo isso. E nesse momento, eu percebi que havia, na verdade, para ocupar aqueles espaços, eu estava me submetendo a uma verdadeira disciplina dos corpos, colocando o melhor de mim mesmo num projeto que não estava ressaltando as possibilidades que a gente tinha, aquilo que a gente estava enxergando.

Eram discussões e discussões um tanto estéreis. E teve um momento que houve uma espécie de, acho que eu fui mostrando um pouco disso, a instituição também foi percebendo, eu me lembro bem quando esse meu superior hierárquico, ele falava assim, é muito bom olhar para o Joan, o Joan, toda vez que a gente olha para ele, ele está sorrindo, mas estar sorrindo significa assim, ele está concordando e fazendo cara boa em relação a tudo aquilo que eu quero. O dia que eu parei de sorrir, aí tudo mudou.

E eu aceitei essa mudança, foi aí que eu acabei vindo para a Psicologia, naquele momento foi importante, porque eu acho que naquele momento eu também precisava mudar um pouco mais a minha vida, porque eu sentia muita coisa, eu fazia alguns movimentos, mas, eram movimentos tímidos. Então, foi importante ter percebido que aquela narrativa não me contemplava, eu precisava de uma narrativa que fosse mais minha, precisava me apropriar da minha narrativa, eu precisava assumir que eu estava, de alguma forma, sendo desqualificado ali, e eu precisava assumir o reinado, e eu assumi o reinado. Eu precisava entender que, do ponto de vista daquilo que eu estava querendo legitimar com as minhas pesquisas, com o meu saber científico, acadêmico, eu não era de forma alguma considerado, eu estava nessa ocasião, que houve uma espécie de descontentamento, institucional, que eu parei de ser o rosto do sorriso, eu estava com dois anos de estudo de grego na UFMG, eu estava com um ano e meio de francês, e já com o meu projeto encaminhado, e de repente o que eu escuto é simplesmente isso, não, vai para uma paróquia, e depois a gente vê como é que fica essa questão do seu mestrado, e até hoje eu estou esperando.

E me mandaram para uma paróquia, que dentro da organização eclesiástica, tem também uma marcação, uma marcação que desqualifica, uma marcação que invisibiliza, uma marcação que, de certo modo, fala ou deixa suposto um certo valor atribuído àquela pessoa. Mas, como eu já tinha aprendido que o lugar que a gente está não precisa determinar quem que a gente é, e que a gente deve transitar, e que a gente deve ir além, eu fui, e de lá, eu fui para todos os lugares desse mundo, literalmente, foi de lá que eu fiz o meu mestrado, a minha especialização, ia e voltava de Belo Horizonte de 15 em 15 dias, de outro interior de Minas para Belo Horizonte 15 em 15 dias, ficava aqui até altas horas, na escola de psicanálise, estudando psicanálise, às vezes, mais de uma vez por semana, eu me organizava, trabalhava, entregava o que eu tinha que entregar para a instituição e vinha para poder construir a minha vida. E a especialização foi assim, o mestrado foi assim, fiz o concurso para uma cidade do

interior, fiz o meu mestrado, e depois, de lá também, eu deixei lá e vim para uma outra experiência, que é a experiência de doutorado, que é a que eu estou vivendo agora.

Mas de falar de ir para vários lugares do mundo, era dali que eu viajava também para todos os lugares, foi de lá que eu fui, que eu fui para Roma, que eu fui para Itália, que eu fui para Jerusalém, fui para a Terra Santa, eu fui para Portugal, eu fui para a Argentina, eu fui para o Chile, e tentando de alguma forma extrapolar esse lugar. Quando eu fui entendendo o quanto que era preciso dizer para os meus que era possível. Eu tinha tomado uma decisão que eu ia também usar aquela condição eclesial para eu poder também ir para os lugares, para eu abrir caminho para os outros.

Sabe? Eu não ia só cumprir o *script*, não. Eu ia fazer, eu ia chegar ao máximo que eu pudesse para poder abrir caminho, levando também os meus, viajei com muitos dos meus amigos, familiares, pessoas que eu queria incentivar, que eu queria ajudar a enxergar que essa pessoa podia. Você vai ter uma segunda língua, você vai poder, você vai sair desse lugar, você pode sair.

E assim, eu fui fazendo as minhas invenções. Eu acho que quando eu fui me dando conta disso, eu fui encontrando o Encontro de Cultura. O Encontro de Cultura foi um espaço também maravilhoso na minha vida. Foi em 2011 que eu encontrei o Encontro de Cultura, relativamente recente. Eu tive outros encontros, por exemplo, com o pessoal do Educafro, dos franciscanos, porque eu tinha uns amigos franciscanos e eles trabalhavam nessa área. E era uma área que tinha tudo a ver comigo. Pegar jovens de situação, de favela, às vezes desfavorecidos, em periferias, e trazer o pré-vestibular, cursinho, e ajudar esses meninos a entender a negritude e fazer emancipação. Então, tinha tudo a ver comigo. Aí eu convivi com esse pessoal antes, nessa trajetória de descoberta. E em 2011, aí eu começo com o Encontro de Cultura. É o nosso primeiro encontro. A gente encontra todo esse pessoal que já trabalhava, Maurício Zumba, Sérgio Pererê, Titane, que é da nossa cidade, socióloga, os nossos colegas, que também experimentaram a mesma história que nós, que estavam agora formados, em faculdades e tudo, lutando.

Começamos a nos ajudar, começamos a produzir encontros para poder falar sobre negritude, na cidade do interior, levantando monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, tudo sobre negritude. E nesse momento, tudo isso se tornou uma espécie de razão explicativa, para a minha própria vida. Porque foi aí que eu entendi com mais clareza ainda, tudo isso que eu vivi, tudo isso que eu passei.

E sou grato por ter conseguido ter os pais que eu tive, a estrutura de família que me deu a possibilidade de acreditar, de fazer as minhas invenções. O Encontro de Cultura começa

muito falando do reinado. O reinado, nós falamos que é uma metáfora para a nossa própria vida. Primeiro porque o reinado, a gente tem os mitos fundantes. Eu não vou falar deles, mas, eu queria só destacar um ponto. Lá no reinado, a gente pensa assim, a minha história vem de longe, os nossos passos vêm de longe. Então, a gente vai lembrar que nós viemos para um lugar que a gente não queria vir. E a gente teve que se apropriar desse lugar. A gente vai lembrar que a gente às vezes esteve em situações, em trabalhos que a gente não quis estar.

A gente vai lembrar que às vezes a gente foi visto de uma forma que não era compatível com a nossa própria imagem. A gente teve que se apresentar para o outro de uma forma que o outro pudesse se valer de nós, de alguma forma. E a gente também pudesse ir adiante. É algo que eu já falei aqui nessa narrativa. Então o reinado, ele dá um ritmo para a vida quando os tambores tocam. E a gente vê os tambores tocando serra acima.

Não sei se você conhece os tipos de toque. Serra acima, serra abaixo. Os toques que fazem o gingado do corpo. Você não pode ser duro demais na vida. É preciso que haja alguma flexibilidade para a gente não quebrar. Então, o reinado também, ele faz um diálogo muito grande com várias pessoas. O reinado não te pergunta se você é católico, se você é crente, se você é do candomblé, se você é de um bando, se você é do reinado. O reinado, o reinado ele te acolhe. Ele te acolhe para você poder fazer o caminho que você precisa fazer.

Quando eu penso nisso, eu me emociono porque eu fico pensando na minha avó que, a minha avó ela trabalhou no hospital psiquiátrico. O famoso hospital psiquiátrico da cidade do interior. Onde a gente tem as tantas histórias que a gente estuda. A Daniela Arbex, no Holocausto Brasileiro. A minha avó trabalhou ali. A minha avó, ela era uma mulher muito forte. Sabe aquelas pretas velhas assim, fortes, que sabem que ela tem que sustentar a vida, ela tem que ficar de pé. Embora as coisas estejam ali, mas a gente vai.

Ela nunca reclamou dessas coisas. Mas, ela sabia onde é que ela buscava a força dela. Na época do reinado era uma alegria sem fim. Sem fim. O mês de agosto todo, preparando a família, preparando todo mundo, lembrando todo mundo, olha, traz um dinheiro, faz uma economia, traz um dinheiro, nós vamos fazer as quitandas, vem para ajudar a assar as quitandas, temos que dar café para todo mundo. lá lá 14, 15 termos de reinado. E todo mundo era acolhido, todo mundo era ajudado, todo mundo era...

Então entende que isso se torna uma metáfora para a vida? Eu poderia falar muito sobre essa coisa da relação. Por exemplo, o ano inteiro os meus avós trabalhavam para os coronéis. Nos dias do reinado, os meus avós eram reis iguais aos coronéis. E na linguagem do reinado, não sei se você conhece essa dinâmica, os reis que são os donos da festa são os

reis congos, os reis pretos, e os reis perpétuos, eles são os donos da festa, mas, eles mantêm um diálogo fecundo com a cidade branca, letrada, a cidade do poder.

Então os reis brancos vão lá na frente, como reis grandes, levando aquelas coroas e vestidos suntuosamente, e os reis pretos eles vão lá atrás, por opção, por escolha, porque eles sabem que ali é o lugar deles, porque quando eles chegam, eles chegam por último, é naquele momento que se monta a corte, ou seja, a corte porque a gente fala na linguagem do dominador, mas na verdade é ali, naquele momento em que eles se assentam e os negros vão dançar e tocar e cantar no terreiro. Então essa coisa é muito interessante, você utilizar esse paradoxo, né? Eu estou em diálogo com você, vem para cá, você ser humano como eu, às vezes você está pagando promessa, eu te ajudo, está tudo bem, vamos lá, a pessoa vai com aquele jeito dela, com aquela representação que ela acredita que ela tem e a gente paga promessa, e assim a vida também vai, sabe? Eu não preciso rebaixar o outro, eu não preciso jogar tudo na cara do outro igual jogam na minha. Eu tenho colegas lá no nosso trabalho que rejeitam totalmente essa narrativa, mas, eu acho que ela é uma narrativa não violenta e ela não deixa de ser subversiva, porque nós sabemos com o que nós estamos lutando, todo preto sabe com o que luta, todo preto.

Nessa vida, eu vou misturar um pouco Sankofa aqui, nessa vida de paróquia, toda vez que eu chegava, eu sempre cheguei como um pago preto, se não cheguei pelo meu discurso, eu cheguei pela cor da pele. E quando eu encontrava com o povo preto, muitas vezes eles me perguntavam assim, você sabe o que você está fazendo, não é? Era essa a frase, você sabe o que você está fazendo, não é? E eu parava e pensava, essa pessoa está me falando que o fato de eu ser um padre preto, eu tenho alguma responsabilidade sobre isso. Alguns falavam para mim, não era muito difícil ser um padre preto, são quantos padre pretos que tem na diocese? Essas eram as frases que eu escutava.

E na última paróquia que eu trabalhei, antes da que eu estou agora, tinha uma senhora que falava assim, está vendo, depois que eu fiz uma grande reforma arquitetônica em um patrimônio importante lá da região, enfatizei elementos e tal, foi um estudo muito bacana, do ponto de vista da arquitetura, ficou famoso lá. E aí, uma mulher preta, sabe, ela chegou perto de mim e falou assim, está vendo, quando você chegou aqui, esse povo falou que você não ia dar conta de nada, eles estavam só esperando, eu acho que ela estava se referindo àquele ditado, né? Que a gente conhece bem. Aí ela continuou a frase dizendo assim, agora que eles viram o resultado da sua igreja, eles vão ter que te engolir, de alguma forma.

Mas eu te defendi, todas as vezes que eles falaram de você. Então, assim, eu acho que... Eu acho que quando se diz que as pessoas pretas, elas não são, elas não sabem o que

elas estão fazendo. O povo do reinado não sabe o que estão fazendo, os grupos que se reúnem, os grupos étnicos e raciais não sabem o que estão fazendo e até pessoas que não se reúnem, eles sabem que a violência racista está acontecendo, de alguma forma. Nessas estratégias, nessa maneira de considerar, nesse olhar, sabe? Nesse modo de te dar a palavra, de considerar esse discurso como um discurso relevante. E eu, num determinado momento na vida religiosa, até um momento eu entrei pela dança e pelo canto. Trabalhei muito. Naquela época não tinha tanta filmagem. Nossa, mas se tivesse tanta filmagem como agora, os grandes eventos de Ouro Preto, Mariana, ali onde eu estudei, eu estaria lá na frente, como estive.

Mas depois eu fui percebendo que quem, de alguma forma, poderia se tornar mais relevante é quem estivesse, tivesse mais conhecimento. Aí eu acabei desenvolvendo uma crença no saber. Eu falo que é uma crença. Porque ela tem muitos elementos implicados aí, sabe? Que estão assim enodados, como hoje em dia eu fico estudando, né? É claro que hoje eu sei que saber, essa crença, ela é totalmente furada, né? Ela faz parte dos semblantes no jogo de poder da sociedade, né? Em toda essa armadilha racista que a gente cai nela, né? Mas ela, de alguma forma, ela funciona. Por exemplo, quando hoje eu tomo a palavra e coloco o meu corpo preto para falar. Como hoje eu posso fazer essa narrativa, né? Como eu posso me encontrar com você e poder viver algo aqui como se eu estivesse falando.

Então, é realmente assim, é para alguém que vai, que acolhe a minha expressão, né? E não simplesmente me olha, nossa, mas tá vendo? Tudo que você fez não valeu de nada, olha aí, você não é nada. Pra que tanto choro, pra que tanta, sabe? Então, nesse caso, eu sei hoje até onde que esse discurso tem alcance, esse saber tem alcance e até onde que ele tem o seu limite. Então, eu destacaria, né, nesse momento, eu já misturei tudo aqui, né? Mas eu, nesse ponto de encontro com as pessoas pretas é isso, né? Por exemplo, as pessoas me, numa das cidades que eu trabalhei, né, eu tinha uma missa muito famosa que era transmitida pelo rádio, uma rádio famosa, tinha um alcance bacana, mas, era interessante como que as pessoas estranhavam, né? Quando elas viam a minha imagem, elas me reconheciam, por exemplo, quando eu andava nas lojas, né? Elas me reconheciam pela voz.

Eu falava assim, ué, mas eu escutei essa voz, eu falei assim, mas será que é ele? Não é? Mas quando eu olhava pra imagem, né? Nossa, mas, eu te imaginava tão diferente. Então, será que era só uma questão de rádio, né? Porque eu estava também em outros momentos, né? Era uma igreja central, uma igreja, uma paróquia para profissionais liberais, né? E tudo. Pessoas que rodavam o exterior e tudo mais, né? E eu me lembro que nessa época, né? Eu ainda não tinha viajado, né? Para nenhum lugar fora do país, né? E eu falava com as pessoas

que eu morria de vontade em ir, porque na minha formação tinha valor também quem estudava fora.

Eu criei essa coisa na minha cabeça. Hoje, depois dos estudos decoloniais, depois também de já ter ido, né? E percebido, por exemplo, na primeira vez que eu fui para a Itália, que eu fiquei 30 dias, eu dediquei uns dias para conhecer as bibliotecas, né? Na minha área, que era na época teologia, né? Nós tínhamos estudado tudo que estava lá nas livrarias, tudo, porque os professores vinham de lá, formados, né? E eles entregavam, soltavam aqueles livros todos na nossa cabeça e a gente tinha que se haver com aquilo. Tinha que ler, tinha que dar conta daquilo. Porque tal autor em Roma está falando isso, tal, tal, tal. Então quer dizer, eu fui vendo o quanto que esse ponto, né? De um eurocentrismo, né? Estava implicado ali. Então eu fui também desconstruindo um pouco isso, né? Mas naquele momento as pessoas riam de mim demais, sabe? E eu suportei isso cada vez que eu falei disso, né? Até o momento em que eu fui e também fui desconstruindo isso.

Mas precisei ir para desconstruir, né? Então a vida é muito parecida com o cortejo do Congado, né? Acho que é isso que eu queria também trazer aqui, né? Tem ali os reis grandes, está tudo bem, nós estamos no mesmo cortejo, é o cortejo da vida e da morte, né? E ele está na função dele e eu estou na minha. Ele sabe com o que ele está lutando e eu também sei. A gente pode se apoiar. E acho que a postura do reinado é essa, me ensinar isso, que a gente pode se apoiar. Então esse aquilombamento foi uma saída muito importante também que eu encontrei, sabe? A gente não vive junto todo dia, a gente tem grupo de trabalho, a gente se encontra, agora nas férias a gente vai se encontrar porque as famílias vão se visitar, então a gente se encontra mais pessoalmente. O menino nasce, a gente vai lá, manda presente e tudo, mas é um aquilombamento porque a gente está muito unido nessa luta, né? Antirracista.

Por último, acho que eu fui muito, né? Eu acho que o último ponto que eu queria dizer é no consultório, né? Porque depois eu ainda tive essa coisa, né? Tinha uma imagem de padre, esse padre virou psicólogo, que confusão na cabeça dos outros. Mas só eu sei, né? O que me tornar, me tornar, me tornar, né? Tinha de importância, né? Porque eu tinha que sustentar essa vida, né? Eu tenho que pensar nos que vão comigo nessa jornada toda. E também tem que pensar na minha realização, onde que eu me encontro, onde que eu me afirmo, né? Peraí, me desqualificou assim? Peraí, não é bem assim não, né? Sabe? Eu tenho algo a dizer sim. Você não quer me escutar aqui não? Eu vou falar em outro lugar. Sabe aquela coisa do Foucault? Chegou na escola de, como é que foi? Ele chegou na escola de medicina e falou da universidade, chegou na universidade e falou da... Isso pra mim é super interessante, sabe? E eu tenho uma história interessante que o bispo referência, ele era um bispo muito social, né? E aquilo ali enchia os meus olhos, na época eu estava em Mariana,

porque eu fui formado no tempo dele. Então ele sai de São Paulo, é tirado de São Paulo e é levado para Mariana, porque estava incomodando o pessoal lá em São Paulo, com a população de rua, e eu estava de olho, meu olho estava enorme em torno daquela questão.

Ele e o Júlio Lancelotti, naquela época o Júlio Lancelotti não era tão midiático como agora, não tinha aquilo tudo, né? Bom, o bispo, a gente já sabia dessa história toda, o bispo vem para Mariana, eles trazem o bispo para Mariana para calar o bispo, pode ver isso nas biografias dele. E a gente convivia com ele, né? E aquele homem, ele estava ali e ele falava, eu não sei nada disso aqui, eu não sei nada de arte, não sei nada de patrimônio histórico. E ao mesmo tempo que ele estava lá, ele estava lá em São Paulo, ele estava em Brasília, ele estava no norte, ele estava fora e falando daquilo que era importante para ele.

Eu fui tomando tudo isso, eu fui lendo essas vidas e fui fazendo a minha composição, essas foram as minhas saídas. E acho que no consultório também, eu chego ao consultório um pouco nessa perspectiva, sabe? Falando de outros lugares. A academia também é um lugar de onde eu falo, certo? No consultório, eu passei por algumas experiências curiosas, assim, de, por exemplo, eu recebi algumas pessoas que sabiam que eu era o menino da casa dos C. C., certo? Recebi também algumas pessoas que falaram assim, olha, você é o padre, você tem que fazer caridade.

E não sei se tem alguma abordagem psicológica que considera isso, né? Mas eu, com a minha abordagem psicanalítica, esse tipo de proposta é uma proposta, no mínimo, indecorosa. Eu até falo que eles, de alguma forma, vandalizavam a minha clínica, sabe? Então, eu aplicava o manejo, eu empreendia o manejo possível ali, quando era possível, se tornava possível. Acontecia um giro ali e a coisa ia até certo ponto, né? Mas quando não era possível também, sabe? Aquela pessoa seguia livre para poder procurar um outro profissional, né? Que talvez desse mais certo com aquilo que essas marcas do racismo, né? Deixam no nosso olhar, na nossa consideração em relação aos profissionais e assim por diante.

Então, o que eu poderia dizer das violências racistas que eu vejo, muito nas estratégias do dia-a-dia, né? Eu acho que é por isso que eu falo que eu trabalho todo dia com Congado, eu falo que eu trabalho todo dia com o povo preto, eu falo que eu trabalho todo dia com essa postura antirracista, né? E também cuidando do meu racismo, né? Desse racismo que às vezes eu reproduzo no meu jeito de ver, no meu jeito de teorizar, no meu jeito de acolher, né? Mas o tempo todo tentando ficar advertido de tudo isso, né? Para que eu não sucumba a essas violências. Bom, é um pouco isso, né? Te peço desculpas, assim, por esse... porque são pontos que me deixam muito emocionado. Eu acho que, assim, a gente já se encontrou em alguns momentos, assim, de aula, de discussão, né? Eu não consigo não entrar, sabe?

Eu acho que, assim, foi muito boa, assim, a experiência do primeiro semestre, né? Porque a gente teve muitas oportunidades de discutir isso, né? São questões que me causam, assim, muita preocupação, né? Por exemplo, essa discussão de cotas, né? E tal, né? Porque quase que a gente sabe que não é, né? Mas, às vezes fica quase parecendo um favor, né? Que se oferece e tudo, né? Mas eu acho que, assim, a gente deve se valer disso também, sabe? Porque elas são totalmente devidas, enquanto restituição, né? Diante de tudo aquilo que foi negado.

Eu me senti muito acolhido, né, aqui. Mas eu posso dizer para você, assim, que mesmo com tudo isso, né? Que eu trago aqui, é uma trajetória de vida, né? Que eu estou com uma certa idade. Ser padre não me isentou do racismo. Ter mestrado não me isentou do racismo. Participar dos coletivos, ter artigo, ter livro não me isentou do racismo, né? E às vezes, como essa história toda vai sendo construída do jeito que eu te contei aqui, né? E a vida é muito isso mesmo, a gente vai ajudando uns aos outros, né? Por exemplo, às vezes quando chega na hora, né? Se você não tiver a bolsa, você não tem como se manter na hora. Você não tem como ir e voltar, você não tem como comer, sabe? Você não tem como, assim, você escolhe viver economicamente, né? Eu vou dizer assim, e estou feliz por isso, sabe? Porque eu estou conseguindo ir adiante.

Eu estou conseguindo, eu entrei, né? Também para o doutorado, porque é minha decisão. Eu preciso ocupar esse lugar, é uma questão ética para mim, né? Dentro dessa estrutura que a gente está conversando aqui. Eu preciso mostrar para os meus, né? Eu preciso abrir caminho entre os meus primos mais novos, né? Eu sou dos primos mais velhos, né? São poucos que estudaram, sabe? Poucos estudaram.

Eu tenho um primo que é médico, sabe? Eu tenho um primo que é médico. Mas eu tenho poucos primos, primeiros, que fizeram faculdade. Eu acho que eu tenho, acho que eu tenho só ele. Não sei porque eu nunca conto isso, né? Eu já vi tanta gente falando, fazendo a narrativa sobre isso. Não sei se eu ainda tenho medo de constatar esse número, né? Mas, agora, os primos segundos, não, aí eles já estão, eles já começam a fazer faculdade, né? Então, tem um pouco desse ponto. Por isso que eu falei que eu quero ir ao máximo que eu puder. Não quero me sacrificar de uma maneira obsessiva, sabe? Mas eu quero ir ao máximo para poder abrir um caminho, mostrar que é possível.

Eu te agradeço enormemente por esse espaço de fala, por poder registrar, de alguma forma, esse ponto. Eu te agradeço!

A gente pode encerrar.”

3.3.4 Botsuana “ Então essa gente tem que sonhar”

“Me conta sobre a sua história de vida. A minha história de vida, Léo, sempre é igual a dos outros mesmo. Não foi muito fácil. A gente lutou bastante para se enxergar hoje nisso que eu consegui, certo? Tipo assim, consegui um lote, consegui uma casa para mim morar, consegui mais uma ou outra casa para mim morar, mas foi bastante difícil. Me importa pensar que a pessoa hoje que cresce baixo, que não tem o estudo para a gente pegar e conseguir um serviço melhor, muito discriminado, sabe? Que hoje em dia a pessoa que tem pouco estudo, ele é bem mais abaixo mesmo. Então a gente tem que pegar a mão com Deus, lutar para a gente chegar ao objetivo da gente. Que a pessoa honesta, aí Deus ajudando, ele vai longe, entendeu? Aí sempre é isso aí que eu falo. Então a gente nunca deve desistir dos objetivos da gente e ir seguindo. Porque a vida é essa aí. A gente tem que viver, tem que pegar com Deus e levar na vida assim, entendeu? [silêncio]

[Pesquisador] Podemos encerrar? [Participante] Não, você que sabe. Tem outras perguntas? [Pesquisador] Se você quiser me dizer mais coisas, pode dizer. [Participante] Então, voltando ao assunto, o trabalho. Então, cheguei da roça, tipo assim, fazendo 18 anos, aí não foi fácil a minha vida de trabalho não. Encarei zero horas, tinha hora de pegar, não tinha hora de parar. Então a vida foi bastante castigada, mas eu venci, entendeu? Então a gente hoje em dia é desse jeito. A gente não pode esmorecer, abaixar a cabeça não, para a gente sobreviver. Principalmente, quem tem pouco estudo, né? Então a gente tem que pegar a mão com Deus e correr atrás do objetivo da gente. Então essa gente tem que sonhar, então a gente consegue sim. Entendeu? [Silêncio] Podemos encerrar? Pode.

[O participante retoma a narrativa] (...) E outra coisa também, Léo, sobre o serviço. A pessoa, quando ele é raça escura, igual eu, por exemplo, então tem um preconceito na vida da gente, não é assim aberto, igual a pessoa que tem uma pessoa claro, que é mais fácil para arrumar serviço. Então, no modo aí, eu acho que prejudica bastante. Agora, se a gente tiver um conhecimento aí, tudo vai mais fácil. Mas se você não tiver um conhecimento hoje para trabalhar, aí é a raça da pessoa sempre, só se tiver o estudo. Então fica mais difícil. Fui discriminado também, colega de serviço, por causa da cor. Aí, a gente, como eu falei, a gente tem que pegar com Deus e não dar muito bola para muitas pessoas e levar a vida. Do jeito que Deus deu para a gente, humildade, então a gente vai longe. Entendeu? Agora, se você ficar revoltado, querer brigar, não chega em lugar nenhum. Então, para mim, eu venci, graças a Deus. Então, hoje sou aposentado, então leva a vida assim, mais sossegada. Bem antes também, quando eu trabalhava, toda vida, as empresas que trabalhei, todo mundo gostava de mim até hoje. Pode chegar em qualquer empresa e perguntar. Aí eles gostam de mim até hoje, que sou um cara humilde, não é boa. Então, quem é pessoa humilde, vai longe.

Entendeu? Mas quem está hoje, tipo assim, para trabalhar, tem que correr atrás. Para trabalhar, não pode esmorecer, não. Aí tem que fazer, como a gente fala, resgatar a manga e correr atrás do objetivo que Deus ajuda todas as pessoas a decidirem. Entendeu? [Silêncio]

Podemos encerrar? Pode encerrar.”

3.4 Operadores psicanalíticos e os marcadores narrativos

Ao me deter sobre as narrativas colhidas, depois de me deixar ser tocado pelos afetos que elas provocam, volto ao foco da pesquisa, as saídas psíquicas para as violências racistas. De início, parece importante dizer que as saídas não são encontradas pelos participantes, mas, construídas por eles. Não havia nada dado de antemão. Elejo três conceitos psicanalíticos como operadores teóricos para orientarem a análise: identificação, alienação e separação. Uma vez que os três processos são definidores da relação com autoestima, imagem do corpo, intelectualidade e vários outros processos subjetivos. Falarei mais de cada um separadamente, inicialmente, elaborando identificação e alienação, e depois a separação no último capítulo.

Analiso e percebo que as histórias dos sujeitos têm, a meu ver, cinco marcadores muito presentes que indicam caminhos pelos quais cada participante foi construindo suas saídas para a violência racista: palavra, família, corpo, limitação e para além. Palavra, pois, ser negro ou negra é um marcador que inclusive aparece como critério para escutar os sujeitos, ou seja a forma como se autodeclaram, neste caso, negros. Há aqui um olhar atento pelo uso da palavra negro na história e seus vários desdobramentos psíquicos.

Os outros marcadores são: família, pois comumente eles trouxeram esse fenômeno como uma questão, quase como ponto de partida para suas elaborações; o corpo como isso que aparece antes de discurso e até mesmo da palavra, quando no laço social e por libido no desenvolvimento subjetivo; limitação porque existe algo em ser negro, pelo menos até aqui, que conseguimos perceber que é impactado pelo impacto da cor, a racialização dos melaninados esta sempre marcada pela hostilidade, pela violência e segregação, como uma limitação do existir, parecido como um operador da castração e por fim trago o operador para além, que seria um significante que traz a tona um uso que cada sujeito fez e faz da raça e que trouxe movimentos que desbancam, tensionam ou desfazem as agruras das limitações, ou da cola da palavra negra ligada a pulsão de morte.

Ao apresentar as narrativas na íntegra quero proporcionar ao leitor, dentre várias nuances, uma possibilidade de produzir seu próprio saber sobre a temática racial. Ler as histórias ditas provoca emoções e pensamentos que, apesar de eu não poder ter acesso, me faz fantasiar que, para cada sujeito que tem contato com o texto, vai fazer uma leitura sobre as saídas que cada pessoas encontrou para lidar com a cor da pele, a relação com a palavra

negro ou preto, para com as dinâmicas do racismo e da raça, ao seu modo.

Esse processo de elaborações, fantasias ou pensamentos, que convido o leitor a fazer com as histórias, só é possível, para além da existência da cognição, a partir do desenvolvimento psíquico que ganha robustez, por exemplo, com o tempo, mas essencialmente pela relação com o mundo e com os Outros, que advém das percepções de si. A leitura do mundo é parecida com a necessidade de alimentação, se dá para sempre. Esses processos de percepções de si tem início no início da vida anímica de todo sujeito, e ocorre inicialmente pela vivência do processo chamada autoerotismo, cunhado por Freud (1914/2010) e se segue com os outros fenômenos, os narcisismos e a transição pelas ideias, elaborados pelo mesmo teórico.

Experiências que operam com deslizamentos da libido, ou seja, uma economia de energia psíquica e corporal, somada a afetos e estruturação da linguagem. Reis (2000) afirma que a vida de um sujeito é marcada pelas experiências afetivas a partir da estruturação psíquica que se atualiza ao longo da vida. Freud (1914/2010) em introdução ao narcisismo, ilustra o quanto no início da vida de um sujeito ele depende exclusivamente do cuidador, no caso a mãe, para se manter vivo. Relata que no marco zero da vida, o sujeito é autoerótico, é rudimentar, só consegue e precisa sobreviver, engendrado por mecanismo de prazer e desprazer, o que logo se desdobra numa capacidade - pelo vínculo do cuidado constante e das necessidades orgânicas- de considerar a existência do mundo externo, por uma dinâmica em que a libido começa direcionar para além do amor a si.

Com isso, esse “eu rudimentar” precisa de uma ação psíquica, mas uma ação diferente, que é para além desse eu, se dá o início dos processos de identificação. O corpo que antes só prezava por sua unidade, mais uma vez orgânica, agora pode se haver com que podemos considerar objetos externos. Isso se dá pela via da introjeção, como já dito em outro momento desse texto, mas também pela via da projeção, da identificação, por exemplo a um traço do outro, a uma parte, uma palavra, uma cena da subjetividade de outros sujeitos, que são tomados para si como modelos a serem seguidos ou assimilados.

Trago no próximo item uma explicação para tais processos, especialmente a identificação e alienação, como fenômenos que estruturam a subjetividade de todo sujeito, e a meu ver, caracterizam o que chamo de saídas psíquicas. No capítulo três, retomo os pontos, mas circunscrevo a separação, como mais uma saída psíquica possível e articulo a teoria com fragmentos das narrativas e das tabelas.

3.5 Do totem ao nome, a Identificação

A identificação é um dos processos psíquicos mais arcaicos na organização da subjetividade. Para discorrer sobre esse processo, Freud(1913/1974) propõe com o mito da horda primeva de Totem e Tabu, uma metáfora que abarca a imagem do pai, do homem que tudo pode, que tudo faz, tem todo o prazer, tem mulheres e as guarda para si, para demonstrar que tal cena despertaria mal-estar nos filhos. Estes se organizam para matar este pai que goza e o incorporam em uma cerimônia canibalesca. Ao introjetar seu corpo, introjetam sua força, buscando, assim, identificar-se a ele. Lacan (1961) diz desse processo como incorporação, e conseqüentemente identificação.

Criaram do sentimento de culpa filial os dois tabus fundamentais do totemismo, que por essa própria razão, correspondem aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo: a proibição do incesto e o parricídio. Cria-se com isto dois mitos. O primeiro é proteger ao animal totêmico (este tem a ver com identificação fraternal e identificação com o pai). O segundo é a proibição do incesto, nenhum deles poderia ter a força para assumir o lugar do pai e decidiram instituir a lei do incesto pela qual todos renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. O totem se edifica como reconciliação com o pai e como tentativa de garantir uma não repetição do ato que causara a destituição do pai real. A satisfação do triunfo sobre o pai levou à instituição do festival rememorativo da refeição totêmica. (Moreno, 2023, p. 117)

Os autores Souza e Danziato(2014) em seu artigo, *Das Relações entre Identificação e Nomeação: O Sujeito e o Significante*, exploram a inter-relação entre os conceitos psicanalíticos de identificação e nomeação. A questão que norteia o estudo é como esses processos se articulam na constituição subjetiva e simbólica do indivíduo, considerando a importância do Nome-do-Pai e do nome próprio. O nome do pai seria o processo psíquico que instaura ao sujeitos uma forma de lidar com a castração, por conseguinte com interditos na relação materna com filho. Surgem leis simbólicas par que o filho se torne sujeito com sua singularidade.

Voltando ao artigo, objetivam compreender como os processos de identificação, descritos como fundamentais na formação do sujeito, estão vinculados às operações de nomeação, que inscrevem o indivíduo no campo simbólico e social. O estudo examina, entre outros aspectos, como o Nome-do-Pai, enquanto significativo fundador, organiza a entrada do sujeito na linguagem e na ordem simbólica, além de discutir as formas pelas quais o nome próprio reflete o desejo do Outro. Os autores baseiam-se em textos fundamentais de

Freud(1921/1996), que descrevem a identificação como o mais primitivo laço emocional com o outro, e de Lacan (1961-1962), que expande essa concepção ao introduzir o conceito de traço unário. Este último representa a singularidade do sujeito no campo da linguagem.

A identificação, como é ressaltado por Souza e Danziato (2014) é um processo inconsciente e constitutivo do sujeito, marcado pela relação com significados do outro. A identificação primária, conforme postula Freud(1914/2010), é um elemento inaugural que estrutura todos os vínculos subsequentes. Lacan(1961-1962), por sua vez, amplia essa ideia ao enfatizar a função do traço unário como marca de singularidade no campo simbólico. As nomeações são descritas como operações que organizam o psiquismo, fornecendo um tipo de ancoragem simbólica. O nome próprio, por exemplo, inscreve o sujeito na genealogia familiar e no laço social, mas também, o aliena, já que carrega as marcas do desejo do Outro. Os autores argumentam que a nomeação e a identificação são processos interdependentes e contínuos. O Nome-do-Pai, embora significativo que organiza a circulação de outros significativos, estrutura o desejo e possibilita o acesso à linguagem. Da mesma forma, o nome próprio, embora incompleto em sua capacidade de capturar a totalidade do sujeito, exerce uma função identificadora e simbólica. As operações de renomeação, como títulos, estigmas ou marcas de competência, reforçam o papel das nomeações na construção da identidade e do laço social.

Os autores argumentam que a nomeação e a identificação são processos interdependentes e contínuos. O Nome-do-Pai, embora significativo que organiza a circulação de outros significantes, estrutura o desejo e possibilita o acesso à linguagem. Da mesma forma, o nome próprio, embora incompleto em sua capacidade de capturar a totalidade do sujeito, exerce uma função identificadora e simbólica. As operações de renomeação, como títulos, estigmas ou marcas de competência, reforçam o papel das nomeações na construção da identidade e do laço social.

Destaca-se a ideia de que a identificação não é simplesmente uma imitação, mas, um processo psíquico que estrutura o desejo e os vínculos afetivos. Além disso, o Nome-do-Pai introduz o sujeito na lei simbólica, enquanto o nome próprio, ao mesmo tempo que o insere no simbólico, o confronto com o desejo do Outro.

Por fim, discute-se como novas configurações subjetivas desafiam a centralidade do Nome-do-Pai. A identificação é descrita como o processo inconsciente pelo qual o sujeito incorpora traços do Outro. A alienação refere-se à inscrição do sujeito na linguagem e no desejo do Outro, resultando na perda de uma suposta unidade original. Já a separação é o movimento que permite ao sujeito lidar com a falta e afirmar sua singularidade.

Debruçando sobre identificação Guimarães e Celes (2007) em “O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud”, busca compreender como conectar o psíquico ao social na constituição do sujeito, avalia o processo metapsicológico e explica tanto a inserção do indivíduo no grupo quanto a formação da subjetividade. Analisa o conceito de identificação como mecanismo central da subjetivação e demonstra a relação entre a identidade, o conflito edipiano e a constituição do ego. Evidencia o papel de identificação como mediadora entre o psíquico e o social. Os autores utilizam uma abordagem teórica baseada na análise da obra de Freud (1921/1996), especialmente Psicologia de Grupo e Análise do Ego.

Argumentam que Freud (1921/1996) considera a identificação como base das relações grupais, estruturando o vínculo emocional entre os membros do grupo e o líder. Esse vínculo se dá pela renúncia do ideal de ego em favor do líder, promovendo a coesão coletiva. - A formação do grupo depende de uma identificação mútua entre os membros, mediada pelo líder. Percebe-se que existem dimensões da Identificação, seria elas: Identificação Primária: Surge na infância e está relacionado ao complexo de Édipo, em que a criança toma os pais como modelos. Identificação Sintomática: relaciona-se à formação de sintomas por meio da internalização de características do objeto desejado ou amado. Identificação Social: baseia-se na percepção de características comuns com outros, formando laços de grupo. relação com o superego.

O superego, tal como Freud (1923/1976) escreve em O Ego e o Id, é formado por identificações com figuras parentais e funciona como herdeiro do complexo de Édipo. Ele regula o ego, reprimindo desejos pulsionais e moldando a subjetividade. A ambivalência na identificação reflete a bissexualidade psíquica do sujeito, em que atitudes tanto de amor quanto de hostilidade são direcionadas aos pais. Freud (1921/1996) rejeita a separação entre psicologia individual e psicologia social. Ele afirma que o outro (modelo, objeto ou inimigo) está sempre presente na constituição psíquica. - A identificação social opera como mecanismo para internalizar a cultura, conectando a subjetividade à sociedade.

Ao analisar as identificações em, A questão da identificação em O estágio do espelho e sua relação com a alteridade em lacaniana, Scarano e Pertile (2021) abordam a questão central da constituição do "eu" segundo Jacques Lacan (1961-1962), analisando como o "estádio do espelho" explica o processo de identificação e sua relação com a alteridade. Pergunta-se como uma criança, ao identificar-se com sua imagem e com os outros, constrói sua subjetividade dentro das dinâmicas imaginárias e simbólicas? Ressalta-se o papel do "estádio do espelho" no desenvolvimento infantil e na constituição do "eu" e explora-se a relação entre o pequeno outro (semelhante) e o grande Outro (ordem simbólica). Examina-se, também, o impacto da linguagem na formação do sujeito, ancorando o debate em contribuições de Lacan e outros autores correlatados.

Destacam - Scarano e Pertile (2021) - o "estádio do espelho" como uma metáfora psíquica e social, que ocorre entre 6 e 18 meses, quando a criança projeta sua imagem no espelho e a transparência como uma totalidade, embora seu corpo ainda esteja fragmentado em sua gestalt. Esse reconhecimento inicial constitui a base para a formação do "eu". - A identificação ocorre em três fases: estranhamento (a imagem é percebida como externa), transitoriedade (reconhecimento incipiente do "eu"), e unificação (aceitação jubilosa da imagem como reflexo de si). Aponta também sobre a Alienação, que consiste na formação do "eu" e é marcada por uma alienação estrutural, pois o sujeito depende do olhar do outro para ser reconhecido. Essa alienação é necessária para a entrada na ordem simbólica, mas, implica uma relação de dependência com a alteridade. E acrescenta o processo de Separação: O processo de separação ocorre à medida que a criança se afasta da dependência da figura materna, reconhecendo-se como um indivíduo distinto. Isso coincide com a inserção no campo simbólico, mediado pela linguagem.

Nesse processo o pequeno outro (minúsculo) representa o semelhante no campo imaginário, um reflexo narcisista e competitivo. - O grande Outro (maiúsculo) refere-se à ordem simbólica, representado por estruturas sociais e linguísticas, que conferem sentido e reconhecimento ao sujeito. A entrada no campo simbólico é mediada pela linguagem, que organiza o desejo e insere o sujeito em uma rede social de significados. Sem linguagem, o "eu" não consegue afirmar sua existência no plano simbólico.

Somando a mais uma análise da identificação como algo estruturante no artigo, Sobre identidade e identificação em Psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan, escrito por Alexandre Starnino (2016), aborda questões sobre as relações de identidade e identificação do sujeito no discurso freudo-laciano. O texto parte da pergunta, quais são os elementos formais e estruturais que permitem a emergência das identidades individuais e coletivas, sustentando a identificação como parte essencial disso. Primeiro, teoricamente, busca estabelecer os fundamentos que sustentam as identificações significativas a partir da teoria de Lacan. Segundo, há o propósito prático de formalizar os processos de identificação, mostrando como emergem e se sustentam na relação do sujeito com o significado

Faz uma análise detalhada das propostas de Lacan (1961/1962) no Seminário IX, além de uma interlocução com Freud e outros teóricos. Essa abordagem explora conceitos estruturais, como o significativo e suas implicações e discute exemplos concretos, como a identidade. Revela uma estrutura triádica que sustenta as relações identitárias: sujeito, significativo e afeto. Primeiro, Lacan (1961/1962) postula que a identidade emerge da relação do sujeito com significantes, elementos estruturais que articulam a subjetividade. Segundo, o significado não se reduz ao signo linguístico convencional; ele é sonoro, moldado pelo desejo

e pelas condições de enunciação. Terceiro, as identificações só se mantêm pelo vínculo afetivo que proporciona ao sujeito um mínimo de gozo, uma satisfação parcial que reforça a reprodução das identificações. O autor também aborda as identificações coletivas, exemplificadas pela cristandade. Segundo Lacan (1961/1962), a formação desses laços se dá por meio de insígnias ou significados compartilhados que especificam um horizonte comum para os sujeitos. Esses significativos, articulados em uma cadeia equivalente, atendem às demandas humanas fundamentais, como a busca por justiça. Os argumentos que sustentam esta análise estão ancorados em dois pontos principais. Primeiro, Lacan (1961/1962) destaca que o sujeito só existe em relação ao significativo; sua identidade emerge dessa articulação simbólica. Segundo, o afeto é essencial na sustentação das identificações, pois é a carga afetiva associada ao significativo que fornece o gozo necessário para manter a relação simbólica.

3.6 Alienação, a “escolha” forçada

A alienação aparece no processo psíquico de constituição do sujeito, como parte da tríade que estrutura a imagem e construção de si, fazendo coro a identificação e separação. A palavra tem uma conotação socialmente para dizer de sujeitos que não sabem sobre si, aparece na teoria psicanalítica com nuances outras. É válido ressaltar aqui que não se pretende dizer que sujeitos negros se alienam às palavras que segregam sua cor de pele por escolha e nem que todo sujeito negro é marcado pela palavra, negro, preto, pardo, ou outros significantes que dizem das relações raciais como marcador de sofrimento, mas, como vimos em algumas narrativas a alienação, é uma espécie de paralisia na linguagem, da relação entre significado e significante, como diz Lacan (1961/1962). Tal processo tem um papel peculiar ao que toca raça, e sujeitos negros são, forçadamente, colocados, forçados a viverem uma espécie de alienação a negrura como maléfica.

Ao discorrer sobre a constituição dos sujeitos Nascimento (2010) aborda a centralidade dos conceitos de alienação, separação e travessia da fantasia. Afirmar que eles influenciam na formação do sujeito e sua relação com o Outro no campo da linguagem e do desejo. A partir dessa problematização, o autor busca entender como essas dinâmicas psíquicas possibilitam ao sujeito acessar sua verdade mais íntima. Traz à tona a alienação enquanto processo de constituição do sujeito na ordem simbólica, explorando, ao mesmo tempo, a separação como o movimento que permite ao sujeito confrontar sua falta essencial e reconhecer o objeto como causa de seu desejo. Além disso, o autor se debruça sobre a travessia da fantasia, entendida como uma operação psíquica que possibilita ao sujeito transformar sua relação com o Outro, assumindo sua própria singularidade, à medida que elabora seus pensamentos. Esses fenômenos são diagramados por fórmulas matemáticas

para ilustrar seu funcionamento, especialmente por Lacan ao longo de sua obra, e tem no seminário IX uma definição das articulações entre identificação e seus desdobramentos, e introduz os registros oriundo da relação da palavra, ponto central ao que toca alienação, que são os registros psíquicos simbólico, imaginário e real.

Tais registros surgem na teoria Lacaniana para dizer que cada sujeito cria uma forma de considerar o vínculo com as pessoas à sua volta, como sujeitos que participam da construção da sua subjetividade. Lacan (1961/1962) chama esse vínculo de discurso, fenômeno impactante e estruturante que se relaciona com as dinâmicas Inconscientes. Considerando que o inconsciente é o campo da linguagem, a instância cervical da relação com o mundo externo e interno.

Destaca-se que o processo de alienação provém dos mecanismos que perpassam os registros ditos acima, e é inevitável surgir como um produto, já que o encontro com o Outro e a linguagem preexistente surge como condição para a existência do sujeito. Nesse processo, o sujeito é capturado por significantes do Outro, perdendo algo de sua autonomia. A autonomia seria a separação, que por sua vez, surge como uma etapa complementar à alienação, na qual o sujeito rompe parcialmente com a dependência do Outro, assumindo sua própria falta e se relacionando com o objeto *a*, que é a causa de seu desejo. Por fim, a travessia desse processo, também chamada de travessia da fantasia aparece como um movimento que permite ao sujeito enfrentar as limitações do processo, a castração, e transforma sua relação com a realidade simbólica, encontrando um estilo singular de existência desvinculado das demandas do Outro. Os argumentos que sustentam a análise são construídos a partir da compreensão de que a alienação, ainda que limitada, é uma base sobre a qual o sujeito se constitui. No entanto, é apenas por meio da separação que o sujeito pode acessar o que há de mais íntimo e singular em si mesmo, confirmando sua própria verdade. A travessia da fantasia, por sua vez, não elimina o sofrimento psíquico, mas oferece ao sujeito a possibilidade de encontrar formas criativas e únicas de lidar com a sua falta e com os desejos que dela decorrem.

Em *Alienação na Psicanálise: a Pré-História de um Conceito*, de Poli (2005), investiga a origem histórica e cultural do termo e pretende entender como o conceito foi adaptado e transformado na psicanálise, explorando sua relevância tanto para a análise individual quanto para as relações sociais. Analisa como cada um contribui para a construção semântica da alienação. Ao mesmo tempo, apresenta uma leitura crítica dos textos de Lacan, evidenciando a forma como ele integrou o conceito ao campo psicanalítico.

Há uma transformação, segundo Poli (2005), histórica do conceito de alienação. Traz o termo ligados a teóricos importante. Diz que, originalmente, a palavra foi associada a contrato social, em que os indivíduos sacrificavam sua liberdade natural para ganhar a liberdade civil; Pinel, termo para descrever condições de loucura, associando à perda de

responsabilidade moral; o conceito, introduzido a ideia de alienação como um processo dialético na relação entre o eu e o outro; há também, uma perspectiva materialista, que crítica a alienação como reificação do ser humano no contexto do capitalismo. Lacan (1961/1962) , por fim, trouxe o conceito para a psicanálise, relacionando-o à constituição do sujeito, especialmente no processo de identificação com o Outro.

O conceito de alienação, utilizado por Lacan(1961/1962), crítica as abordagens reducionistas da psiquiatria, que viam a loucura como uma simples desordem orgânica. Ele propôs que a alienação era fundamental na formação do sujeito, ocorrendo no encontro entre o eu e o Outro mediado pela linguagem. Essa perspectiva permite uma análise mais abrangente, que considera o sintoma como expressão individual e social. O texto aponta que a alienação é um momento necessário na formação subjetiva.

Ainda sobre alienação, é importante localizar que Lacan (1961-1962) diz ser o fenômeno que acontece no acesso à linguagem, e que basicamente é um desaparecimento do sujeito, a *afanise*. Um assujeitamento ao sentidos do Outro direcionado a si, uma captura, conforme relata Ruiguini e Silva (2023). Quando falamos sobre a situação de segregação e violência e os signos ruins que negros e negras vivem, produzem um assujeitamento forçado e tensiona a escolha individual dos sujeitos do que seria alienação a significantes outros da sua vida, ou seja a alienação aparece como um preludio aos negros. E que poder na mecanismo da separação outros destinos, ou outras saídas.

Tabela 1 *Nairobi*

Sujeito	Categoria		Operador		
			Identificação	Alienação	Separação
Nairobi	Palavra		“Eu era praticamente a única menina negra na sala e na série, e no ano”	“A minha avó materna e toda a família da minha mãe são preconceituosos”	“Então eles não são letrados, digamos assim, racialmente.”
	Família		“eu nasci numa família de mãe branca e pai negro”	“Então, nasci nesse ambiente sem nenhum tipo de letramento”	“Eu tenho uma condição de vida boa, então eu sempre estudei em escolas particulares.”
	Corpo		“Hoje eu vejo que eu evitava muito foto, evitava qualquer coisa que tivesse a ver com meu cabelo”	“Aos 9 anos, a minha avó materna, junto com a minha mãe, me levaram para alisar meu cabelo a primeira vez. Foi quando eu fiz progressiva.”	“Eu já tinha entendido que meu lugar não era ali, então, onde que era meu lugar? O que que era? O que que fazia sentido para mim? Não tinha com quem conversar, o que que eu vou fazer? Então eu fui buscar nos livros esse conhecimento”
	Limitação		“Adorava meu cabelo lisinho, adorava fazer escova. Para mim era o máximo”	“Mas, na época, não me intei”	“Eu não lembro de momentos específicos em que eu me senti diferentemente tratada. A

					única coisa que eu senti era que o menininho que eu gostava não gostava de mim”
	Para além		“Eu sempre fui uma menina muito teórica, muito de estudo, sempre tive muito destaque acadêmico e tal, então para mim não foi difícil acessar os livros e a teoria pra entender”	“Lá, ainda na graduação, a minha monografia foi sobre o processo de identidade de adolescentes imigrantes. Então eu já fui trabalhar com um grupo minorizado”	“E foi aí que eu decidi parar de colocar qualquer tipo de produto no meu cabelo, químico, qualquer procedimento químico”

Tabela 2 *Adis*

Sujeito	Categoria		Identificação	Alienação	Separação
	Palavra		Então a coisa do racismo ficou uma coisa... eu não percebia muito o que acontecia comigo, apesar de ser muito consciente.	Eu sempre cresci num colégio de pessoas brancas, estudei na vida inteira naquele colégio com nome de santo, só tem gente branca, eu era a única mulher negra, entrei lá com oito anos, sete anos de idade, e aí eu	O meu pai desde criança falou com a gente, meu pai tem um letramento racial muito bom, lia autores negros, ouvia cantores negros, foi pra universidade, mesmo um pouco mais tarde do que as pessoas

				<p>já sabia qual era o meu lugar ali, eu estou ali pra estudar.</p> <p>Então eu não tava ali necessariamente pra fazer amigos, apesar de que fiz muito, nunca tive problema. E também não tava ali, eu sabia que eu não ia ser mais popular, não ia ser mais a vista como bonita, por estar cercada de muitas pessoas brancas.</p>	<p>vão, mas ele foi pra PUC, inclusive, e sempre trabalhou numa multinacional, cresceu, foi o primeiro diretor negro da fábrica de carro, então ele, e mesmo assim ele tem essa coisa de letramento racial, então ele já com 10 anos de idade, ele já sentou eu e minha irmã numa cadeira, pegou o quadro branco que a gente tinha no quarto lá de estudo, e falou, olha, vocês são duas mulheres negras, na sociedade existe o homem branco, a mulher branca, o homem negro e a mulher negra, vocês estão aqui, desenhou a pirâmide, na base da pirâmide, vocês têm que se esforçar muito mais</p>
--	--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

					pra poder alcançar as mesmas coisas, e como que vocês vão se esforçar? Estudo e trabalho.
	Família		<p>“O meu pai é um homem negro, minha mãe é uma mulher que eu entendi como branca até muito... Eu sempre cresci entendendo como branca, mas ela é parda e eu sei que hoje em dia, pela convivência da nossa família, ela se reconhece como parda, mas ela sempre teve essa coisa. Não uma</p>	<p>“eu estou mais vulnerável que a área do afeto, ainda sofro essas violências, e me relaciono, e como eu não estou cercada, como tem menos pessoas negras ao meu redor, e eu quero me relacionar com pessoas negras, elas são mais escassas, então é mais difícil ter pessoas negras com o mesmo perfil que eu, etc</p>	<p>Minha avó quebrou o ciclo de pobreza, ele veio de segunda geração, foi o primeiro da minha família a trabalhar numa multinacional, a ir pra faculdade.</p>

			mulher preta.”		
	Corpo		“ Eu sou uma mulher preta, minha irmã é gêmea também”	“Pessoal, nunca tive grandes problemas de autoestima, mas foi a área mais frágil pra mim, por essa questão da solidão da mulher negra, de quem me dá afeto, né, quem me dá afeto. Não era um afeto abundante como era, de mulheres brancas, que por mais básicas que fossem, recebiam um monte de afetos, enquanto eu não cresci recebendo”	“Cresci com essa coisa da autoestima, por exemplo, minha autoestima sempre foi muito forte, profissional e acadêmica”
	Limitação		“Ele nasceu numa favela, eu e minha irmã já nascemos numa família de classe média e	“Isso em termos de pessoa, sei lá, namoradinha , eu nunca namorei na minha vida, tive meninos ou meninas na infância que gostaram de	“Então acho que isso me ajudou muito também, a não conviver só com aquelas pessoas brancas do colégio com nome de santo, mas também

			classe média alta, então eu não tenho contato, não tive contato com o tipo de coisa que ele teve crescendo.”	mim, mas era uma coisa meio escondida, uma coisa que eles queriam manter no sigilo. Então, eu cresci com isso.”	conviver com pessoas de outras classes”
	Para além		“Conheci a Condoleezza Rice, que foi a primeira ministra norte-americana negra do governo Bush, foi de defesa na guerra do Iraque, então ela sempre foi uma referência pra mim, eu falei, quero ser como essa mulher”	“Ele nasceu numa favela, eu e minha irmã já nascemos numa família de classe média e classe média alta, então eu não tenho contato, não tive contato com o tipo de coisa que ele teve crescendo.”	“Até gente que mora na favela da Lagoinha, aquela favela ali, que eu esqueci o nome”

Tabela 3 Joan

Sujeito	Categoria		Identificação	Alienação	Separação
	Palavra		“Eu começo dizendo que assim, eu fui mobília na casa dos coronéis.”	“Ter mestrado não me isentou do racismo. Participar	“Tinha uma imagem de padre, esse padre virou psicólogo, que confusão na

				dos coletivos, ter artigo, ter livro não me isentou do racismo.”	cabeça dos outros. Mas só eu sei, né? O que me tornar, me tornar, me tornar, né? Tinha de importância, né? Porque eu tinha que sustentar essa vida, né?”
	Família		“Então, como homem preto, periférico, de uma família também majoritariamente preta.”	“No meu caso foi a família inteira morou no quarto de empregada, (6:13) então me lembro muito bem do quarto, o quarto era um espaço, (6:19) hoje em dia quando eu volto lá, porque eu ainda tenho contato com essa família, (6:25) então eu fico pensando	“Eu tenho um primo que é médico, sabe? Eu tenho um primo que é médico. Mas eu tenho poucos primos, primeiros, que fizeram faculdade. Eu acho que eu tenho, acho que eu tenho só ele”

				como é que a gente cabia ali dentro, né?”	
	Corpo		“E assim, eu acho que teve duas coisas aí muito interessantes, porque assim, por um lado, eu fui mobília, mas por um outro lado também, parece que a influência daquela família, também eu soube me valer disso para poder transitar na cidade”	“Eu era o menino que andava com esse marido da patroa, né? Que estava doente. Então eu fui o entretenimento ali, né? Uma companhia para ele durante aquele período”	“Aí eu acabei desenvolvendo uma crença no saber. Eu falo que é uma crença. Porque ela tem muitos elementos implicados aí, sabe? Que estão assim enodados, como hoje em dia eu fico estudando, né? É claro que hoje eu sei que saber, essa crença, ela é totalmente furada, né? Ela faz parte dos semblantes no jogo de poder da sociedade, né? Em toda essa armadilha racista que a gente cai nela, né? Mas ela, de alguma forma, ela funciona.”
	Limitação		“Eu acho que quando se diz que as pessoas pretas, elas não são, elas não sabem o que elas estão fazendo.”	Eu acho que ela estava se referindo àquele ditado, né? Que a gente conhece bem”	“Aí ela continuou a frase dizendo assim, agora que eles viram o resultado da sua igreja, eles vão ter que te

					engolir, de alguma forma.”
	Para além		“E um outro ponto que eu vejo nessa questão da saída, né? (12:18) De não aceitar esse lugar que é dado e que de alguma forma se espera que a gente fique só ali, né? (12:25) E que a gente use todas as energias e o tempo para aquela atividade que é servir esses padrões.”	“Não quero me sacrificar de uma maneira obsessiva, sabe?”	“Mas eu quero ir ao máximo para poder abrir um caminho, mostrar que é possível. Eu te agradeço enormemente por esse espaço de fala, por poder registrar, de alguma forma, esse ponto. Eu te agradeço.”

Tabela 4 *Bostuana*

Sujeito	Categoria		Identificação	Alienação	Separação
	Palavra		“A pessoa, quando ele é raça escura, igual eu, por exemplo, então tem um preconceito na vida da gente”	“A pessoa, quando ele é raça escura, igual eu, por exemplo, então tem um preconceito na vida da gente”	“A pessoa, quando ele é raça escura, igual eu, por exemplo, então tem um preconceito na vida da gente”

	Família		“Me importa pensar que a pessoa hoje que cresce baixo, que não tem o estudo”	“Me importa pensar que a pessoa hoje que cresce baixo, que não tem o estudo”	“Que a pessoa honesta, aí Deus ajudando, ele vai longe, entendeu? Aí sempre é isso aí que eu falo”
	Corpo		“Fui discriminado também, colega de serviço, por causa da cor”	“Então tem um preconceito na vida da gente, não é assim aberto, igual a pessoa que tem uma pessoa claro, que é mais fácil para arrumar serviço.”	“Bem antes também, quando eu trabalhava, toda vida, as empresas que trabalhei, todo mundo gostava de mim até hoje”
	Limitação		“Agora, se você ficar revoltado, querer brigar, não chega em lugar nenhum”	“Principalmente quem tem pouco estudo, né?”	“Mas se você não tiver um conhecimento hoje para trabalhar, aí é a raça da pessoa sempre, só se tiver o estudo”
	Para além				“A gente não pode esmorecer não abaixar a cabeça não, para a gente sobreviver.”

4. CAPÍTULO 3 - SEPARAÇÃO, A SAÍDA DAS SAÍDAS

Até aqui me detive sobre uma exposição do que me pareceu fundamental que se baseou em localizar a pesquisa do ponto de vista metodológico e teórico. Inicialmente abordando as definições de raça e racismo, trazendo um percurso histórico de como a sociedade, em especial, a latina e brasileira produziu uma sociedade hostil ao que tange racialidades, e com isso impactando a vida dos sujeitos coletiva e individualmente. Percebemos que aconteceram fatos que continuam a segregar pretos e pardos, cotidianamente.

Além disso, circunscrevi segregação, hostilidade e violência, para afinar a compreensão da violência racial e concatenar os mecanismos da colonialidade somando aos movimentos segregatórios. Tudo isso trazendo o olhar psicanalítico e acrescentando as narrativas, a consequente categorização e os operadores identificação, alienação e separação, que estruturam o que penso ser o manejo ou movimento de saídas diante das violências racistas.

Pensar saídas, a este ponto, compreendendo que seria uma reação a violência racista. Do xingamento com o uso de palavras que tendem a constranger até as dimensões **do** racismo estrutural, que operam com a morte de pessoas negras ao fim e ao cabo da vida. As várias manifestações do racismo, tendo em vista, as narrativas colhidas, trazem à tona manifestações psíquicas variadas para a lida com o fenômeno racial.

É curioso, ao recorrer às narrativas, para localizar melhor o que seriam as saídas psíquicas, nos deparamos, por exemplo, com a expressão "fui mobília em fazendas...", utilizada por Joan. Chama atenção o tempo do verbo, ele foi, hoje não é mais. Ele se identificou, viveu algo da alienação, ligada ao ser mobília, a redução do seu ser a um objeto de decoração, um homem negro que sentiu-se posto como não humano, mas isso mudou, ele foi, separou-se dos signos dados a ele. Ao recorrer a imagem da mobília, Joan resgata um espaço peculiar para negritude, as fazendas. Kilomba (2019) elabora em sua escrita sobre o quanto a cada episódio racista que se vive, algo das vivências segregatórias, vividas nas fazendas coloniais, no tempo da escravização legal, retornam, na forma de sofrimento psíquico, mesmo que não nomeado.

Utilizando especialmente este fragmento da narrativa, percebemos que a identificação de Joan ao objeto se coloca de uma forma muito metafórica, mas ao mesmo tempo concreta. Existe um imperativo de que o negro não é humano, ele usa disso, ele foi, já não é mais. Dizer que já foi, também é complexo, uma vez que percebemos uma ação coercitiva para que ele ocupe esse recorte. A família vivia num cômodo de uma fazenda. Não escolheram isso, foram forçados pelas dinâmicas históricas em que famílias negras não têm terra para morar. Neste

caso, moram e trabalham. A identificação aqui aparece tanto na forma que Joan se refere a si naquele tempo, como uma espécie de identificação que o outro produz.

Essa espécie de identificação “terceirizada” do outro, se baseia na identificação do branco na sua existência como superior. Fanon (2008) diz dessa ambivalência do eu e do outro, em que o branco fantasia e age com pretensa superioridade. É possível, também, perceber a existência da alienação como processo psicológico que precipita, no sentido de que a alienação a palavra, na teoria lacaniana, como abordou-se no capítulo dois, se coloca como uma alienação ao significante, que o sujeito se depara e não consegue produzir um significado para si, é assujeitado, pela afânise, ou, pelo definhamento do par S1 e S2. Essa dinâmica coloca-se de uma forma peculiar aqui, quando Joan se percebia móbil, é como se existisse uma cristalização no significante negro, negro móbil, negro animal. Acontece que hoje seu ponto é outro, ao longo de sua narrativa ele diz que faz um uso do estereótipo, da tentativa de alienação terceirizada, para sair, para separar da ausência de signos humanos possíveis e conseguir viver o contrário do que uma móbil significa, ele ganha vida, com afetos, emoções e intelectualidade.

Essas possibilidades de movimentos que distanciam negros individualmente e coletivamente do uso histórico segregatório da palavra negro, também caracteriza a saída psíquica para violência racista. Isso nos lembra a separação, processo psíquico que dizemos, também no capítulo anterior, produz um deslocamento de libido e sentido, e o sujeito usa determinada palavra de uma outra forma. Vale ressaltar que o manejo do que digo ser saída, não tem juízo de valor. Cada sujeito produz uma saída que lhe é possível. Podemos até dizer que uma boa saída é aquela que o sujeito produz vida e não caía na tentativa de desumanização e precariedade que lhe é imposta nas cenas racistas, mas sabemos que esse olhar é pretensioso e diante dos arquétipos que evocam a necropolítica densas, não pode ser tão vangloriada assim, pois para muitos é impossível.

Vale acrescentar que uma mesma cena pode envolver as três dimensões psíquicas que trago como uma tríade que caracteriza saídas psíquicas e podem ser desde um movimento corporal até impossibilidade de fazer algo contrário. Melhor elucidando, da busca por tentar sair da subalternização dos xingamentos, até o desviar de uma mulher branca que bate com fios em um homem negro, para puni-lo. Cena ocorrida no estado do Rio de Janeiro no ano de 2024. Podemos recorrer a Jorge Floyd, homem negro, norte americano, antes de ser morto asfixiado, pede para respirar. Ou até mesmo os episódios marcantes da história brasileira, especialmente carioca, que fora a cena do sequestro de um ônibus no ano 2000, pelo Sandro, homem negro que depois percebeu-se ser tão vítima do desamparo do Estado, uma vez que viveu como pessoa em situação de rua por anos, sem laços familiares, conforme analisa Eduardo Soares (2008) em seu texto, e é possível ver no documentário, Ônibus 174, de José Padilha. Sandro invade um ônibus e ali usa da violência para se mostrar visível,

identifica-se ao poder, com uma arma na mão. Eduardo (2008) diz que ao jovem negro cabe à invisibilidade, é visível só quando tem o porte de arma e ameaça. Aqui podemos pensar numa espécie de tornar o mito real, o homem negro agressivo se torna agressivo de fato, mas cabe a pergunta. Ele se torna porquê quer e é legal? Ou porquê é forçado? Não faço aqui uma defesa da atitude e crime cometido por Sandro, mas proponho uma reflexão sobre o peso da história sobre sua cor e seu corpo e suas complexidades.

A outra cena que resgato é a chacina da candelária, ocorrida em 1993. Episódio em que crianças, adolescentes e adultos são assassinados na chacina por militares. Ao que parece fora uma retalhação a eventos desviantes que os envolvidos fizeram, narrativa criada e que circulou socialmente, mas aqui nos interessa pensar, que os corpos mortos ali, foram de sujeitos negros. Ambas os episódios históricos, exemplificam um pouco do que penso serem saídas. Para muitos a subalternização como herança da escravização se coloca como uma saída forçada, alienante, seja violenta, ou seja precária, é o imperativo, acabe morto, precocemente. Se tornam vítimas da alienação do Outro colonizador.

A cena da mulher que chicoteia um homem, também no Rio de Janeiro acontece anos depois das que citei, mas são recentes, 2024, ela direciona fios ao corpo dele, por sentir que fora mal atendida ao receber algo do aplicativo de entrega, via motocicleta, algo não mudou, ao que toca as práticas de castigos para tais corpos, e o chicote, digo o fio, atualiza-se como forma de querer cristalizar os corpos negros a segregação, hostilidade e violência. Esses corpos tentam não sofrer a violência, um escapa do fio que agride a pele e o outro grita.

Penso também, que a tríade identificação, alienação e separação, possa caracterizar um esboço para outras violências que abarque a humanidade, ou seja, para situações que ganhem um viés de violência para cada sujeito, a saída, a resposta, pode ser a partir disso, um uso particular das palavras que demarquem hostilidade social e histórica. Lembrando que há sujeitos negros que podem não se haver com a marca da cor, ou especialmente a palavra negro. O significante que os marca, que gera identificação, alienação e separação pode ser qualquer outro, qualquer não como menor, mas uma mesma pessoa negra pode ter questões com a família, com objetos, com alimentação, por exemplo, e isso ser a grande questão que a marca.

Pelas narrativas percebemos que a dinâmica de um sujeito negro não ser marcado pelo subalternização forçada do negro é difícil, uma vez que a sociedade racista em algum momento te denuncia como a pessoa de cor, como aponta Neusa Santos (1983) e como as narrativas trazidas demonstram, temos alguns narradores que vivem uma realidade financeira sem defasagens e ainda sim, quando acessam outros países por exemplo, vivem alguma violência. O sujeito pode se haver com isso, isso a cor, associada a palavras negativas, enquanto marca psíquica, ou não. Ressaltando, identificar, alienar ou separar, são saídas ao

que fizeram da palavra negro, o uso perverso que visa vilipendiar a humanidade, a linguagem, a usurpação, colonização de qualquer traço de pulsão de vida. E que se desdobra até em outras formas, por exemplo o fazer política.

Investigando os impactos da palavra, Cançado(2023) em seu artigo "O lugar da palavra para a psicanálise", percebe o quanto a psicanálise coloca a palavra no centro da constituição do sujeito, inclusive diz de uma oposição às abordagens científicas empíricas. A autora tem uma análise crítica da linguagem e do discurso, destacando a impossibilidade de apreender a totalidade do sujeito por meio da linguagem e argumentando que a psicanálise se diferencia ao reconhecer essa limitação. Conclui que o sujeito emerge precisamente das falhas da linguagem, sendo um efeito do discurso que incide sobre o corpo.

Quando Joan diz "eu fui", podemos constatar que ele deu conta de fazer um uso do tempo e da palavra, negro, que não necessariamente o liberta de mais violências raciais, mas pelo menos a de ser "móbil" sim. Está aqui um ponto importante, quando trago a saída como manifestação possível, e sobretudo um uso outro da palavra, ou outras formas de se identificar a usos cristalizados ou assujeitados da palavra.

Ao falarmos sobre identificação e seus desdobramentos podemos, no caso desta produção, sempre nos ater as identificações que negros desenvolvem a partir dos signos que por idiosincrasias, da branquitude, os são destinados. Logo, quando pensamos em saídas possíveis podemos pensar em algo como, quais saídas cada sujeito encontra para não ser reduzido ao que o outro mal diz da negritude. A esta altura sabemos que o negro é posto como o contrário do branco. Então, saídas são formas do negro lidar com seu próprio uso da palavra e com as dinâmicas sociais que impedem o controle - sem mal estar - do uso da palavra. Parece que a palavra, ganhou ares de verdades concretas, e verdades flagelantes. Digo a palavra negro, próxima do signo do macaco, caminho que a sociedade propõem para o laço social perpassado pela raça.

Em O avesso da psicanálise, seminário Lacan(1992) apresenta teorias que dizem das formas que a sociedade se vincula, o laço social, usando quatro formas, ou chamando de discurso, seriam: o discurso do mestre, universitário, histérica e analista. Disserta sobre as estruturas psíquicas em psicanálise e sobre como cada discurso está vinculado a uma forma de gozo, o saber, a linguagem e o campo do outro. Interessa-nos muitíssimo tal teoria, pois Lacan (1992) traz à tona que a relação de cada sujeito com o social tem configurações particulares, às vezes similares, e cada discurso produz um tipo de vínculo específico, produzindo alteridades diferentes e tendo o impacto da palavra como base. Vimos com as narrativas que cada sujeito se posiciona de formas diferentes para várias dimensões da vida, mas quando pensamos sobre a forma como se relacionam com a raça, o racismo e sobretudo

sobre os usos que fizeram de sujeitos negros, ou as possibilidades sociais e individuais dessa palavra, temos na teoria de Lacan o ponto basilar para seguir com a discussão.

O seminário lacaniano é robusto, e apresenta aspectos variados sobre a psique humana, mas recorro a uma parte do saber proposto que aparece no início da fala, há um interesse do teórico sobre a verdade e, também, sobre seu avesso. Diz que o “avesso é assonante com a verdade” (Lacan, 1992, p. 53). Assonar é chegar ao cume, ir ao alto, algumas definições possíveis. Ou seja, a relação com a verdade requer uma análise complexa, pois o que seria ela? A verdade? Investigar seu avesso pode ajudar a dar pistas, e adiantando o estudo, Lacan (1992) propõe que existem verdades possíveis para cada sujeito que fala, dentro do espectro das estruturas ditas acima. E mais ainda, cada verdade produz um tipo de vínculo, de laço, há verdades, não verdade universal.

A raça ganhou ao longo da história nuance de verdades absolutas, quase todas solapadas. E já sabemos que em sua maioria, desde os estudos de Carlos Moore (2007) e Aimen Cesarea (1978), sobre a antiguidade e a biologia, até os estudos contemporâneos sobre a raça na linguagem, viés que dialoga muitíssimo com o seminário 17, tem aqui uma característica que nos ajuda a pensar as relações raciais, e as saídas psíquicas que cada sujeito vive ao se deparar com as violências.

O que quero dizer é que cada estrutura psíquica lida diferente com as reverberações raciais. Tanto não brancos como brancos, somado à imensidão de possibilidades de relação com a palavra e inconsciente, mas olhando para a raça, percebo que as conotações foram as piores.

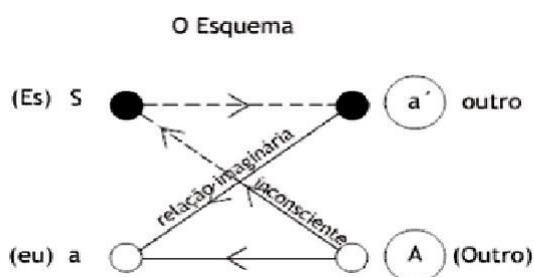
Voltando os olhos para o seminário, Lacan (1964/1988) considera que a análise é o fenômeno que ajuda a pensar os discursos, alicerçada pela transferência. Coelho (2006) afirma que o estudo sobre o mal estar na civilização e as quatro formas de sofrimento, junto com os estudos sobre histeria são a base Freudiana que Lacan parte para evoluir seus estudos, as fontes do sofrimento seriam “(...) governar, educar, analisar e fazer desejar.” (Coelho, 2006, p. 108). A autora, ainda, resgata que os discursos operam antes da palavra, pelos usos das cadeias significantes, ordenada pelo “vínculo social entre os sujeitos”. (Coelho, 2006, p. 109)

Ao se debruçar sobre os estudos dos discursos, Lacan (1961-1962) propõe o esquema L para avaliar as peculiaridades do discurso neurótico em comparação ao discurso do psicótico. Como é sabido, ele propõe em suas produções esquemas lógicos para auxiliarem na compreensão das vicissitudes teóricas e suas observações sobre as manifestações do ic. Propõem então o esquema L, que depois evolui para outros matemas, usamos o L nessa

escrita por dizer do viés imaginário do discurso, para dar lugar à palavra falada de uma forma que muitas vezes o racismo opera, especularmente. O esquema traz as instâncias do sujeito, do eu, do outro e do Outro, que correspondem aos símbolos S, a, a' e A. Podemos compreender essas instâncias, também como lugares que se organizam para produzir tipos de discursos, os quatro discursos, que produziram usos da palavra. A palavra se coloca como "(...) o significante daquela fantasia de desejo" (Lacan, 1961-1962, p.3)

Figura 1

O esquema L



O desejo articulado a palavra cria formas fantasiosas na vida de cada sujeito e isso determina as interações sociais. No esquema L, Lacan alerta que na dinâmica a e a', está assentado o viés imaginário do pensamento, as percepções aqui são especulares, pouco articulada com alteridades, vivência característica da psicose. O autor relata que entre A e S, está o discurso do inconsciente, marcado pela alteridade, o Outro, ou seja, as palavras têm viés não superficial, ou especular. Não está nesse modelo as dinâmicas sobre o real, mas sabemos que teóricos consideram o racismo ou as elaborações sobre raça, também nesse registro, que Moreno (2023) diz ser marcado pelo excesso, ou por tudo que não é possível ser simbolizado.

Vale ressaltar que Lacan (1974) acrescenta em seus estudos a presença de um tipo de discurso que opera diferentemente do proposto no esquema L, ele propõem o discurso do capitalista que traz a tona uma forma de operação linguística e de laço em que sujeito toma verdades universais sobre a forma de gozar juntos como norte. Aqui estaria também um tipo de discurso que o racismo opera em sua maior potência. O negro é objeto diferente dos sujeitos que dizem a verdade, brancos.

Para cada narrador percebe-se que produzem saídas que ora aparece atreladas a questões especulares, as reduções do negro ao que o branco diz, e esse discurso é introjetado, à exemplo, do uso do cabelo alisado, que por tempos aparece não elaborado, como ocorre com Nairobi, ora a mesma situação marca o inconsciente, na dimensão

simbólica, como diz Lacan (1961-1962), um saber, mas um “saber inconsciente”, e sabemos trazer a tona, também o insuportável que caracteriza o real, conforme aponta Chaves (2006).

Retomando as narrativas e analisando as saídas e as categorias propostas, iniciando por Nairobi, percebemos que a dimensão da palavra aparecera de forma declarada, ela diz do ser negra na escola identificando-se a uma experiência solitária. Logo em seguida resgata a experiência familiar que coloco como alienação, uma vez que o preconceito limita as relações e gera uma aprisionamento do negro como um depósito de hostilidade, ou recorrendo ao seminário do avesso, lacaniano, produz um laço social, um tipo de discurso, hostil. No âmbito da família localizo, em identificação a cor da pele do pai e da mãe, mãe branca e pai negro, a raça, aparece, também nomeada. Ao que toca o corpo, saliento o trecho sobre a ida ao salão de beleza, para alisá-lo. Localizo essa experiência ligada a alienação, inclusive porque é uma criança ainda muito submetida aos cuidadores, mas, também porquê ela é levada a um processo comum a muitas mulheres negras, alisa-se desde pequena. Alisa-se para ser mais aceita socialmente. Situação comum a crianças e adultos. Nilma Lino (2003) Lino, relata que esse processo remonta a experiência da lida, um labor, ao cabelo crespo é conotado o trabalho, algo a ser dominado. A intelectual mineira vai além e diz que alisar cabelo é um “ativador de conflito”, isso porque desperta no sujeito uma série de questões, Nairobi narra isso, dizendo de uma dor física do processo aos impactos psíquicos na autoestima, a lida e conflito, mas viram uma questão do laço social. A família opina, as pessoas na rua opinam, no Brasil ou fora dele. Chegam a tocar!

No caso de Nairobi, esse processo do mal estar, aparece na categoria limitação também, mas ao mesmo tempo coloco na saída separação, a sua não lembrança de episódios que envolvesse sua estética como um quesito de preterimento, se recorda de um caso, de um menino que não a deseja romanticamente e que talvez essa não atração estivesse ligado a cor. Esse esquecimento considero ser uma separação, uma vez que não perceber a cor como um fator de exclusão é possível, cabível e às vezes necessário, para que a cor não seja mais uma questão dolorosa. E acrescento a categoria para além, na saída separação sua narrativa sobre a partir de um determinado momento tomar uma decisão, não colocar qualquer produto químico que alisasse o cabelo. Nairobi então traz a tona uma valorização da sua estética, já não está subjugada aos usos comuns, da palavra negra, o cabelo crespo como ruim, toma para si, sua beleza e reelabora sua autoestima.

Adis chega para nosso diálogo as voltas de demandas do trabalho. Chega sorridente e me parecendo muito à vontade para dialogar. Inicia dizendo de sua família, passa pela relação com o cabelo, relação com a educação, corpo e desejo. Quando penso sua fala na categoria palavra, trago na tabela trechos sobre a relação com o racismo, no operador

identificação, a relação com a escola as voltas da alienação e a figura do pai e sua trajetória de ascensão social como separação.

Traz à tona um impacto não aparente do racismo até certo ponto de sua vida. Coloco tal situação na identificação pois ela diz de uma saída muito comum. Muitas pessoas negras dizem não perceber, ou não operam como uma marca a cor como um fenômeno peculiar, Nairóbi diz disso, e também, a existência do racismo. Como digo em alguns momentos da escrita, tem pessoas negras que por motivos variados não elaboram a cor como um fenômeno impactante. Adis, não vive isso totalmente, pois tem um pai que traz à tona a dinâmica racial como algo a ser simbolizado, ser negro para ele, passou, também, pela vivência da pobreza e aparece na narrativa colhida um uso disso como um lugar que existiu, mas que para Adis já está distante. Seu pai a prepara, operando com significantes outros sobre a cor da pele, que a meu ver, é da ordem da separação, do distanciamento do vulnerável que a negritude é lançada, caberia dizer aqui também que a essa modalidade saída de separação está o letramento racial, que seu pai trouxe.

No âmbito da família, ressalto o papel do pai, mais uma vez, como um sujeito que sabe que a cor aparece ou que aparecerá para sua filha, um homem negro, ela diz, e a mãe uma mulher parda. A cor não é latente nessa família, é vivenciada, externalizada. Produz identificações. Na alienação, ressalto a fala sobre suas dinâmicas amorosas e românticas. É tocante a forma como diz do amor como um lugar com muitas faltas, muito pela marca da palavra negra, digo uma mulher negra. O que quero dizer é que ela resgata uma fala que muitas mulheres negras relatam, de uma espécie de solidão comum ao coletivo. Vivem, como aponta Kilomba (2019) e Lelia (1984) um preterimento, ou são vistas como parceiras sexuais, não como dignas de uma relação com dignidade. É como se não pudesse ter significantes outros para esse corpo. O que me fez pensar que em suas elaborações a possibilidade de formar uma família, com parceiros amorosos, fantasio que também sobre filhos, também, como um lugar delicado, não impossível, uma vez que ela relata que está ressignificando esse ponto, mas denuncia um ponto de questão. É válido dizer, também, que no âmbito da separação, trago a relação com a avó e o pai, ela cita que ambos produziram um novo lugar na relação com o capital, com o dinheiro e, logo, com a vulnerabilidade social. Uma saída caríssima. Que envolve não só Adis, mas aponta uma capacidade de três gerações revisitando a destinação do lugar da pele, desafiam a articulação mordaz do racismo, da alienação forçada a palavra.

Na dimensão do corpo é interessante o quanto a autoestima aparece como uma saída da ordem da separação. Já que autoestima diz da passagem pelas ideias, para ela vem na

experiencia profissional e acadêmica, um corpo negro que passa por esses lugares com vivacidade.

A categoria limitação e para além são cheias de representações, trago a presença da favela como algo distante, atrelado a identificação, pois ela faz um uso da favela como uma imagem distante, uma vez que vive num contexto outro, ao mesmo tempo uso a fala sobre a convivência com pessoas da favela na igreja, como uma saída da ordem da separação, pois escuto que há uma convivência com esse território que está perto, não é sua origem ou terra que habita. Assim, penso que na dimensão para além, mais uma vez, coloco na separação um fragmento em que ela esquece o nome da favela. O ato falho parece dizer algo.

Joan usa as palavras de uma forma poética e cuidadosa. Traz a cena da fazenda de uma forma muito presente em sua fala. E traz a saída da separação em todas as categorias. Sinto que sua narrativa tem uma costura no discurso muito enodada pela psicanálise e pela arte.

Na categoria palavra seleciono seu dizer sobre a metáfora da mobília na fazenda, para caracterizar a saída da identificação. É forte e impactante porque é sabido o lugar de serviço que negros foram postos nesses locais. E por muito tempo os trabalhos domésticos foram e são as condições de aspiração a ser. Ou única forma de monetizar força de trabalho. O operador alienação tem o trecho da fala em que Joan denuncia, mesmo com a formação em filosofia, em psicologia, a pós graduação e a fluência em várias línguas o não impedimento de sofrer racismo. A paralisia do negro como depósito de violência continua. A saída aqui é alienante uma vez que a insistência da ruína colonizante sempre aparece. A mesma fala poderia aparecer como separação uma vez que ele segue recorrendo à educação como uma saída da ordem de autonomia e libertação. Se o analfabetismo fora a estratégia posta para a negritude ele se forma. E se torna e se torna algo cheio de humanidade. Busca outras palavras para movimentar sua vida. Agora doutor, uma vez que está no doutorado.

Utilizo na separação o fragmento sobre as imagens ou títulos que ele teve e tem. O tornar alguém traz à tona um deslize das cadeias significantes. Se é imposta ao não tornar alguém, mas sim ser a mobília do sequestrado de África até a contemporaneidade, Joan separa-se da cola na palavra com signos ruins.

No âmbito da família recorro as três saídas inicialmente, me atento a fala sobre a família ser preta. Ele não diz negra, diz preta, uma alusão ao fato de serem retintos. A identificação aqui ganha ares de valorização do ser. Ao mesmo tempo, me parece marcar ao longo da sua fala uma justificativa para várias carências sociais que viveram. Por exemplo, fala do quarto pequeno que moraram na fazenda, um quarto de empregada e que ao ir lá hoje

em dia o faz pensar, como cabiam ali. É difícil chamar essa experiência de saída, mas é o caso de pontuar que é uma saída peculiar, tiveram que se a ver com uma condição da ordem da sobrevivência. Não há o que fazer a não ser lidar com a alienação posta concreta, não só da palavra, a família negra é dada a situação de morar num quarto com mais de uma pessoa, numa fazenda. Cenário que muda, quando na separação retomo o ponto da formação de familiares no direito e na medicina. Nascimento (2024) releva que as duas formações medicina e direito, do ensino superior, mais engenharia e administração eram proibidas pra negros recém libertos no período escravagista. Situação viabilizada por uma lei pilar da educação brasileira, a primeira lei de educação, em 1837, conforme aponta, “Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837: “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”. Joan e seus primos descolam, olham com distância o impedimento da educação, eles são a própria educação, e recorrendo a Nascimento (2024) ,as que foram mais impossíveis.

Se tratando do corpo sigo na identificação trazendo a cena da mobília, mas dizendo do uso que Joan faz disso, o ideal é objetificar, mas ele introjeta uma saída sagaz de fazer uso de um status de, mesmo com ares de segregação, usar influência da família que trabalha e morava. Ele flerta com um ideal diferente, quer um traço do poder que traz dignidade. Algo parecido, mas trago como saída alienação como pano de fundo, porque mesmo tentando extrair uma identificação outra, ele ainda era visto como cuidador do homem branco adoecido. Jogado ao ter que ser entretenimento para o fazendeiro.

Inevitável não ler isso como uma saída do outro para que ele seja o mesmo de sempre, força de trabalho para o outro branco. Na separação trago seu dizer sobre a crença no saber. Saber, a meu ver, querer e poder saber o catapulta para o que o colono jamais quis que o negro fosse, Sabedor de potência, corpo e intelectualidade. Ressalto na limitação a saída da identificação sobre pessoas pretas não saberem o que fazem, ele diz disso já com crítica, desfaz essa idealização.

Joan cita a presença da ausência de uma expressão popular de uma fiel da sua paróquia. Alienado é o conteúdo do entendimento de que preto sempre faz coisas erradas quando acessa lugares. Retomando a expressão racista que opera no Brasil sobre práticas ditatoriais com uso de tortura. A frase aponta a reforma que Joan fez na igreja como um marco de beleza e importância. Se esperavam o contrário, receberam o melhor possível. No marcador para além, utilizo a fala sobre o que se espera de negros, de uma identificação a conformidade da segregação. E curiosamente, ele mesmo usa o termo saída. Fato interessante para a pesquisa. Ele assente o que tenho desejado dizer. Saída como movimento, saída como uma

forma de tratar o pitoresco maldoso dada a narrativas criadas há séculos para pretos e partos. Logo em seguida, diz de uma saída alienante, não quer se sacrificar, leio, não quero me acabar na fantasia estranha do horror do branco.

Certa feita ouvi de uma pessoa negra que ela não devia fazer análise porque seu pai, homem que vive no pelourinho, na Bahia, um homem preto retinto diz, "preto que faz terapia fica lerdo. Preto tem que ser forte, não pode ser doce, tem que tá pronto para lutar". Trago essa experiência para contrapor a saída da separação com o saber de si que Joan vive, ele refuta a fala do pai baiano, usa da linguagem, do conhecer seus sentimentos para viver. Obviamente, não estou julgando o pai que trago a cena, uma vez que historicamente, como aponta Kilomba (2019) negros não podiam dizer, não dizer era uma saída, logo, falar sobre seus sentimentos também, eram silenciados. Ao negro que falava, refutava, que quisesse utilizar da linguagem, é dada a máscara de ferro que tampa a boca. Essa situação cria o imperativo: não fale! Falar é perigoso, tem algo de verdade na fala do pai baiano.

Botsuana traz um relato com menor tamanho, mas com profundidade inesgotável. É um idoso, negro, vindo do interior do centro oeste brasileiro e reside nos arredores de Belo Horizonte. Chama atenção o quão sucinto ele é no diálogo e existia, na narrativa um desconforto que aparece antes e depois da narrativa em si, como uma angústia se sua fala "daria certo". Propõem inclusive que eu escutasse uma possível narrativa de suas filhas, que chegaram até a faculdade. Digo que sua narrativa bastava, era a que de fato eu gostaria de ouvir. Chamava minha atenção este homem negro retinto, detentor de três casas, sendo uma delas uma casa de campo. Não é comum tal cenário para pessoas negras. Minha observância aparece em sua narrativa, quando ele localiza trabalho e sua conquista das casas. Isso aparece como motivo de orgulho e a meu ver é uma saída da ordem para além das limitações impostas a negritude, que é a do não ter terra ou casa, Botsuana tem três. Percebo que ele fala dos impactos da cor, mas diz disso de uma forma explícita num segundo momento da narrativa. Ele pede para encerrar uma espécie de primeiro ato da narrativa e depois retoma, retoma dizendo "A pessoa, quando ele é raça escura, igual eu, por exemplo, então tenho um preconceito na vida da gente, não é assim aberto, igual a pessoa que tem uma pessoa claro, que é mais fácil para arrumar serviço".

Surge explicitamente a referência cor, e percebo que esse fragmento da fala nos denuncia uma experiência em relação ao ser negro, palavra, perpassado pelas três saídas psíquicas. "A pessoa de raça escura" traz à tona uma identificação ao corpo e a cor de um sujeito, mas também de um coletivo negro. Associa o preconceito a esses corpos, ou seja, a presença do negro como o diferente, a alienação da palavra e ao mesmo tempo, Botsuana percebe a dinâmica, ele vive a separação no sentido de simbolizar a presença do racismo, faz

um uso disso associando mais a frente, quase que como, apesar do uso que fizeram da cor, consigo entrar e sair de lugares, consegui trabalhar e construir casas.

Selecionei um trecho para dizer das saídas no marcador família que não traz esse fenômeno de forma manifesto, está latente, quando ele diz da “pessoa que cresce baixo”, “que não tem estudo” podemos imaginar que, ao se tratar de um homem preto, deve se a ver com as heranças coloniais que não permitem o estudo e capital financeiro serem presença constante, muito pelo contrário, como já trouxe sobre a lei de educação. Localizo tal dizer com as marcas da identificação e alienação, uma vez que estamos dizendo de um ideal social produzido para as essas pessoas introjetarem e ao mesmo tempo remonta a segregação alienante produzida pela cor. Logo coloco o marcador separação quando traz a presença de Deus vinculado a ir longe, para ele o que descola da subalternização, da defasagem, familiar é a crença num Deus, num místico. Freud(1930-1976) diz da crença em Deus como um vínculo que passa também pela relação com os imbróglis com o desejo, e se torna um forma de investimento psíquico possível.

Ao que tange o marcador limitação e os arranjos com as saídas, pontuo a relação com a não revolta - Botsuana diz que não pode brigar - à identificação, uma vez que para ele uma espécie de atenuamento do mal-estar deve ser manejado com estratégia, quase aponta uma calma, está identificado a uma forma de ser meticulosa. Já o dito “pouco estudo” , relaciono a alienação, ora, sabemos quem mais evade das escolas, pretos e pardos, como aponta Nascimento (2024). Vínculo a separação a conquista de um bom trabalho a partir do ele diz ser “conhecimento”. O narrador usa o laço social, a conexão com o laço social para desfazer o imaginário que o define, e conquista o labor que o traz conquistas.

Por fim, na categoria para além, pontuo o operador separação, com a saída “do não esmorecer, não abaixar a cabeça”. Essa fala é imensa. Se tomamos a separação conforme aponta Poli (2005), como a diferenciação do sujeito em relação ao Outro, o Outro branco, o não esmorecer é uma saída complexa, pois podemos questionar uma espécie de direito a fragilidade, sobre o quanto homens negros precisam passar por cima das emoções, retomemos a fala do pai baiano, mas saliento a autoestima desse homem. Está longe o êxito da tentativa de fazer dele um nada. Penso no contrário, ele diz de uma dignidade. Sabendo que a passagem das ideias, a vivencia do narcisismo como fundadores da autoestima, essa saída nos diz da importância do coletivo negro se ver grande. para além da sobrevivência, uma sorte, uma escolha, uma capacidade de distanciar do “ macaco, cabelo bombril...”, separar-se. Seguir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir essa escrita, retomei várias vezes o filme cidade de Deus e um vídeo de Milton Santos, falando sobre globalização. Ambas as produções me marcaram desde sempre. O vídeo de Milton me foi apresentado no ensino médio, nunca entendi o que porquê, hoje sei. Um intelectual da minha cor falando algo que era apresentado num ambiente educacional importante. Um homem negro retinto falando sobre ser negro nesse país e sobre o peso de ousar ser intelectual ou pensar criticamente.

Recorri, também, várias vezes ao filme cidade de Deus, algo parecido como Milton me acontecia, não sabia o porquê de sempre voltar a esse vídeo e após sair dele, uma pulsão de vida me ocorria. As cenas com muitos corpos pretos na favela e a lida com a violência me é cara. As duas produções trazem à tona dinâmicas da identificação, alienação e separação, ou seja auxiliam nessa escrita -saída, ou saída pela escrita para minha lida particular com o impacto da cor.

Do intelectual negro ao filme icônico, me ocorre uma lembrança, quando criança, indo à escola fundamental, com minha prima, adolescente à época, saindo da favela para ir ao bairro, nos deparamos com um homem caído no chão, nos aproximamos e ao mexermos nele constatamos, ele estava morto com tiros em todo corpo. Saímos esbaforidos em direção à escola.

Trazer o documentário, o filme e a cena do homem morto parece auxiliar na constatação de que dizer de saídas psíquicas para pessoas negras pode este fadada a transpor situações de violência, ou não dar conta disso, como uma possibilidade de resposta. Fui à escola naquele dia, ou seja, separo-me da cena, e aposto na educação. Mas percebemos nas narrativas colhidas que o simples fato de querer estudar, pode ser inviabilizado pela presença constante de nuances da violência e da raça.

Pensar sobre minha história nessa conclusão, sabendo do risco de pessoalizar esse texto científico, me é caro porque desde o início fora difícil separar o fenômeno pesquisado da minha experiência subjetiva enquanto homem negro. Assim como trazer as narrativas na íntegra, apostar nesse texto considerando minha subjetividade, os textos científicos e as narrativas, dá o tom ao que a pesquisa denuncia e discute, a violência deixa a todos a flor da pele, surge um fazer algo com os imbrólios raciais, considerando que a flor da pele, neste

caso, é negra, é também, objeto de ódio. Escrever com ódio e raiva, considerando formalidade e novas perspectivas acaba por se tornar um ato político de sobrevivência.

Dizer de sobrevivência é algo que se mostrou importante quando trazemos o impacto que as palavras que caracterizam raça e o racismo tem. Da identificação a alienação que auxiliam na construção do corpo e da psique humana, até a separação, percebe-se que almejar viver, para além de sobreviver é, para alguns narradores que analisamos um norte e ao mesmo tempo uma miragem confusa no deserto de significantes positivos sobre o ser negro no mundo.

Milton Santos diz que a pobreza é resultado de escolhas históricas que subalternizam grupos. Há grupos que não comem, que não moram, mas Milton alerta; que a fome é uma questão de distribuição, não tanto sobre produção de alimento. É necessário que alimentemos negros e não negros de humanidade e amor. Para que algo da hostilidade possa diminuir e algo das diferenças violentas postas serem amenizadas. A saída que mais é interessante é a que traz dignidade a sujeitos negros.

Referências bibliográficas

Bento, M. A. S. (org.); Carone, I. (org.) Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis.Vozes. 2003. Disponível em:<https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitoshumanos/enfrentam_entooraçismo/publicacoes/psicologia_social_do_racismo_estudos_sobre_branquitud_e_e_branqueamento_no_brasil_iray_carone_by_iray_carone_z-lib.org_.pdf> Acesso em: 24 de Jan de 2024

Brasil. Lei n. 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg>> Acesso em 04 de Dez de 2024.

Brasil. Lei n. 12.852/2013. DOS DIREITOS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 02 de Nov de 2023.

Brasil. Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850. Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, p. 267, v. 1, parte 1, 1850. (verificar a citação)

Brasil. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LIM&numero=601&ano=1850&ato=8350TPR9EeJRVT7f0>> Acesso em: 01 de Nov. de 2023.

Brasil. Lei n. 2.040, de 28 de setembro de 1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nasceram desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, v. 1, p. 147, 1871.

Brasil. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm>. Acesso em: 28 de Out. de 2023.

- Cançado, M. J. (2023) O lugar da palavra para a psicanálise. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/ZMZvcQwy7SLndYwYDngMLkL/>> Acesso em: 09 de Nov de 2024.
- Cardoso, L (2010). Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv [online]. vol.8, n.1, pp.607-630. ISSN 1692-715X. Disponível em:<http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2010000100028&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 24 de Jan de 2024.
- Carneiro, S. A.(2005) A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cesarea, A. (1978) O discurso sobre o colonialismo. Disponível em: <<https://antropologiadeoutraforma.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/aime-cesaire-discurso-sobre-o-colonialismo.pdf>>
- Chaves, W. C. (2006) O estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário VII, a ética da psicanálise. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/w87wGWFFCCqdCx6GyBhzYqdt/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 02 de Jan de 2025.
- Coelho, C. M. C. (2006) Psicanálise e laço social - uma leitura do seminário 17. <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009>. Acesso em: 12 de Dez de 2024. p. 108, p. 109
- Costa, S. (2002) A Construção Sociológica da Raça no Brasil. Estudos Afro Asiáticos,ano 24, n. 1, p. 35-61.
- Costa, I. S. (2023) Parte I – Nina Rodrigues & o gabinete do doutor Lombroso: o pensamento de Nina Rodrigues (1890-1906) – Capítulo 3 - Europa, Itália e Roma negra. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/952wd/pdf/costa-9786556305011-05.pdf>> . Acesso em 24 de Nov de 2024. @Emicida. (2013) Levanta e anda. São Paulo. Lab. Fantasma.. Youtube (2:49). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZgnI5OcuH8>. Acesso em 09 Dez 2023.
- Evaristo, M. da C. (2021) Becos da memória. Dallas. p. 9. Rio de Janeiro.
- Evaristo, M. da C. (2018)Olhos d'água Rio de Janeiro: Pallas.

Fanon, F. (1961) Os condenados da terra. Rio de Janeiro. Editôra civilização brasileira. S.A. 1961 texto original.

Fanon, F. (2008) Pele negra, máscaras brancas. Salvador. EDUFBA.

Ferrari, I. F. (2006) Agressividade e violência. 2006. Rio de Janeiro
<<https://www.scielo.br/j/pc/a/x7phbW9v9jcbWgsCzYtncZM/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 02 Out 2023. p. 53

Ferrari, I. F.; Pereira, C.E.(2016) A identificação e os processos de segregação na contemporaneidade. Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios. Belo Horizonte, n: 28. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n28p205>>. Acesso em : 03 de Nov de 2023.

Faustino, C. Pacheco, T. A Iniludível e Desumana Prevalência do Racismo Ambiental nos Conflitos do Mapa. 2013. Disponível em: < <https://books.scielo.org/id/468vp/pdf/porto-9788575415764-04.pdf>>. Acesso em: 25 de Mar de 2024.

Fernandes, F. (1976) A Revolução Burguesa no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Ferreira, N. P. (2002). Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/zzfHvD4sJg4RgTVzXqMN6Hv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 de Mar 2025.

Filho, J. T. R. (2000) Ninguém atravessa o arco-íris. um estudo sobre negros. p.64. 1. Ed. São Paulo: ANNABLUME.

Freud, S. (1969) Moisés e o Monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos. In Freud, S. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. p. 78 p. 80 p.81 p. 168; p199. e p. 201. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1938)

Freud, S. (1974). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In Obras completas (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1976). O ego e o id (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1976). O mal-estar na civilização. In O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos (edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1930)

Freud, S. (1977). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 241-378). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 381-517). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

Freud, S.(1996 - 1925) Inibição, sintoma e angústia. Obras completas, ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925-1926).

Freud, S. (1996) Psicologia de grupos e a análise do eu. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol.18). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).

Freiry, G. (1957) *Casa-grande e senzala* Lisboa, Livros do Brasil.

Gomes, N. L. (2003) Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e cabelo crespo. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 06 de Jane de 2024.

Gonçalves, A. M. (2002) Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record.

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, p. 238

Grosfoguel, R.. (2008) Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/697>>. Acesso em 05 Set de 2023.

Guerra, A. M. C. Moreira, J. O. Silva, C. D. S. (2022) Narrativas memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/CWWhsC7HbFc7hqWdxkSmCttv/>>Acesso em: 22 de Mar de 2024. p. 4.

Guimaraes, V. C. & Celes L. A. M. (2007). O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/rqpsCXPDYxjNcKR9pxpnNvD>> Acesso em: 17 Out de 2024.

Hooks, b. (2019) Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante.

Jesus, K. V. Silva, L. B. Nascimento, R. F. (2020) A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO E ENFRENTAMENTO DO RACISMO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDOS PRETOS. Disponível em:<<file:///C:/Users/leand/Downloads/22448-Texto%20do%20artigo-88274-1-10-20200907.pdf>> Acesso em 03 Mar 2023.

Junior, J. N. S. Besset, V. L.(2010) "Violência e Sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?".. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/3FRQR7hwYY3cqMMGX9NQ65H/>> Acesso em: 09 Mai de 2023.

Kilomba, G.(2019) Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó.

Kives, E. (2017) Agressividade em psicanálise : um percurso teórico pelas obras de Freud e Lacan. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169447>>. Acesso em 06 de Jun de 2023.

Lacan, J.(1961-1962) A Identificação. In O Seminário, livro 9, inédito.

Lacan, J. Televisão (1974). In:LACAN, J. *Outros escritos* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

Lacan. J. (1988) O seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1964.

Lacan, J. (1992) Seminário 17 – o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 53

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1948).

Miller, J.A.(2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*, colaboración de Eric Laurent. Buenos Aires: Paidós

Moore, C. (2007)*Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte. Mazza edições. p. 38

Moreno-Cardenas, O.D. (2023) Tese: A colonização e seus restos: transmissão, linguagem e olhar. UFMG. Disponível em:<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57062>> Acesso em 3 de Abr. de 2024. p 97. p. 106. p. 117.

Nascimento, C.(2024) Macacos. Cobogó.

Nascimento, M. B.(2010) Alienação, separação e travessia da fantasia. Disponível em:<https://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf> Acesso em: 3 de Jul de 2024.

Quijano, A. (2005) Colonialidade do poder, Eurocentrismo e américa latina. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf> Acesso em: 03 Jan de 2023.

Poli, M. C. (2005). “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. Disponível em:<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200009> Acesso em: 09 de Abr de 2024.

Pontes, K. Ribeiro. (2017) KEMET, escolas e arcádias: A importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. Disponível em:<https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kati%C3%BAscia_ribeiro_-_dissertac%C3%A7%C3%A3o_final.pdf> Acesso em: 17 de Ago de 2023.

Riguini, R. D. & Silva, L. B. (2023) Disponível em: Cicatrizes da escravização: psicanálise em diálogo. <<https://repositorio.ufes.br/items/6645bb2d-afca-46d0-98fa-834bf5606293>> Acesso em 03 Jan de 2023.

Santos, A. de O. Shucmam, L. V. Martins, H.V. (2012) Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicol. cienc. prof.* [online]. vol.32, n.spe, pp.166-175. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S141498932012000500012>. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-98932012000500012&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 06 de out de 2023.

Scarano, R. C. V. & Pertile, G. H. (2021). A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. Disponível em:<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200008>. Acesso em: 11 de Mar de 2024.

Simanke, R. T. (2014) O trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. 2014 São Paulo. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ss/a/7WBkpyfhSNsysHqpS5vkSZg/>> Acesso em 08 de set de 2024.

Soares, L. E. (2008) O drama da invisibilidade. Disponível em:

<<https://books.scielo.org/id/hwhw6/pdf/guareschi-9788599662908-16.pdf>> Acesso em 01 Jan de 2024.

Souza, L. B. de. Danziato, L. J. B. (2014) Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante. Disponível em:

<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100006> Acesso em: 06 de Abr 2024.

Souza, N. S. (1983) Tornar-se negro: as vicissitudes de identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal.

Schwarcz, L. M. (2017) Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, Z. Zenaide Silva quer introduzir conhecimentos de afrocentricidade (bloco

2 - Youtube). Disponível

em:<<https://www.youtube.com/watch?v=PbzM9ldQfjs>> Acesso em: 01 Jan de 2023.

Starnino, A. (2016). Sobre identidade e identificação em psicanálise, um estudo a partir do seminário IX. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/322781068_Sobre_identidade_e_identificacao_e_m_Psicanalise_um_estudo_a_partir_do_Seminario_IX_de_Jaques_Lacan?enrichId=rgreq-fdd5cc68a84833e930f232deccb398d8-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMyMjc4MTA2ODtBUzo5NDQzMzI0MzM1MjI2ODhAMTYwMjE1NzgwNTY3Mw%3D%3D&el=1_x_3&_esc=publicationCoverPdf> Acesso em 8 de

Set de 2024.

Teixeira, A. (2019) A aura da gambiarra. Disponível

em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/24821/19637>> Acesso em 26 de Mar de 2024.

Vinuto, J. (2014) A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/Texto+do+artigo-18568-1-10-20191002.pdf>>. Acesso em: 24 de Jan de 2024.

Winograd, M. Natale, R. (2020) O ódio na cultura e na clínica psicanalítica contemporâneas. Rio de Janeiro. <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/RHGVywh5pBq5wgbtZN4Lzbd/>>. Acesso em: 03 de Maio.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Saídas psíquicas para violência racista: análise das narrativas étnico- raciais compessoas negras

Prezado (a) Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará os possíveis impactos que aviolência racista pode provocar na vida psicológica e física de uma pessoa.

Você foi selecionado(a) porque tem mais de 18 anos, é brasileiro ou brasileira e se autodeclara negro. Asua participação nesse estudo consiste em aceitar o convite para contar sua história de vida. Tal narraçãoserá gravada através de um aplicativo de celular e posteriormente armazenada em um software dearmazenamento na nuvem e de uso pessoal do pesquisador. A entrevista poderá ocorrer no consultório particular de psicologia deste pesquisador (Rua Piauí 69, Sala 1105, Santa Efigênia, Belo Horizonte), ou em local indicado por você, desde que o ambiente escolhido garanta sigilos e privacidade das informações.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo são aqueles que podem aparecer do ponto de vista das emoções e sentimentos ao narrar sua história de vida, trazendo á tona memórias e afetos importantes. Haja vista que os saberes psis estão a serviço do tratamento da saúde mental ao longo dos anos, às voltas de dar conta de tais fenômenos psicossociais, considera-se que voçê pode se deparar com desconfortos, vivências traumáticas, situações que demandem serem escutadas num ambiente psicoterapêutico. Como o foco desta pesquisa se dá nas experiências raciais, considera-se que sentimentos ambivalentes podem surgir. Como forma de minimizar os riscos/desconfortos adotaremos as seguintes medidas: o pesquisador se colocará a disposição para caso surja a necessidade de atendimento psicológico, no contexto de seu consultório particular, por um mês, gratuitamente e caso precise empenhará a auxiliar o participante na busca pelo equipamento psicossocial que possa o acolher, como CAPS, CRAS e CREAS regionais.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão. Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído

Os resultados dessa pesquisa servirão para acrescentar ao ambiente científico novos saberes sobre psicologia e as produções étnico raciais, uma vez que trata com interesse, técnica e ética os dados produzidos. Indiretamente há ganhos simbólicos, para o participante, o pesquisador e a comunidade acadêmica, considerando que se firma na valorização e na manutenção da dignidade da história de vida de todos os envolvidos.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Leandro Bento da Silva, 31 9 485-5358, leandrobento_@hotmail.com

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31)3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

() Para as pesquisas que envolvem identificação do participante por meio de áudio e/ou vídeo, é necessário adicionar as seguintes opções:**

() autorizo gravação em áudio () autorizo gravação em vídeo () não autorizo gravação

presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte,

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Leandro Bento da Silva**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

_2024

Assinatura do pesquisador

Data
